



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO SOCIAL

RAYANNE ELISÃ DA SILVA SANTOS

**TEÓRICAS: UM PODCAST PARA ENTENDER AS RAÍZES DA
COMUNICAÇÃO**

CARUARU

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO SOCIAL

RELATÓRIO CIÊNTIFICO

TEÓRICAS: Um Podcast para entender as raízes da Comunicação

RAYANNE ELISÃ DA SILVA SANTOS¹

Caruaru

2023

¹ Graduanda em Comunicação Social pela UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. E-mail: rayanne.elisa@ufpe.br

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Santos, Rayanne Elisã da Silva.

Teóricas: Um podcast para entender as raízes da comunicação / Rayanne Elisã da Silva Santos. - Caruaru, 2023.
158 f. ; av. : 1h 28 min.

Orientador(a): Rodrigo Miranda Barbosa

Cooorientador(a): Sheila Borges de Oliveira

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Comunicação Social, 2023.

1. Teorias da Comunicação. 2. Mídias Sonoras. 3. Divulgação Científica. 4. Podcast. 5. Epistemologia. I. Barbosa, Rodrigo Miranda. (Orientação). II. Oliveira, Sheila Borges de . (Coorientação). III. Título.

070 CDD (22.ed.)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pois foi graças a Ele e por Ele que consegui realizar este sonho. Sem Ele, eu não teria conseguido concluir este trabalho e também a Jesus, que como meu mais fiel amigo, esteve ao meu lado durante todo o processo e em cada lágrima me deu ânimo e consolo para continuar. Ao meu avô José Galdino, que faleceu em 2020 e não pode me ver concluindo esta etapa aqui na terra. À minha mãe, Edna Maria, que durante toda a minha vida se esforçou o máximo para que eu pudesse ter a melhor educação possível. Ao meu tio, Hiljan Dutra, por ter me mostrado a magia do rádio ainda durante a infância. À minha tia, Ednalva, pelo apoio, e à minha avó Caetana, por todas as orações. Dedico, também, à minha amiga Carla Nogueira. E, especialmente, aos meus orientadores, que foram peças fundamentais para que eu não desistisse, Rodrigo Barbosa e Sheila Borges. Esta vitória também é de vocês! Por fim, dedico a todos os que me ajudaram ao longo desta caminhada e a todos aqueles a quem este projeto ajudou de alguma forma.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, sou grata a Deus por ter me dado paciência e conhecimento para concluir este trabalho e, também, aos meus amigos Sérgio, Fátima, Josy e Carla, que me aguentaram durante três anos ou mais falando sobre este projeto e à minha família pelo apoio, mesmo sem entender o que eu estava fazendo. Muito obrigada a todos os professores que passaram pelo meu caminho, desde a escola, mas, principalmente, aos professores do curso de Comunicação Social, da Universidade Federal de Pernambuco em Caruaru.

Sou grata, principalmente, aos meus orientadores Sheila Borges e Rodrigo Barbosa, que não mediram esforços para me orientar em nenhum momento, incentivando-me e acreditando no meu potencial. Agradeço aos professores Luiz Cláudio, Luís Mauro Sá, Pedro Russi e Rafiza Varão, que confiaram em mim e aceitaram ser parte deste projeto, compartilhando os seus conhecimentos. Gratidão também a Emilly Lorena, estudante de Design que idealizou a logomarca do podcast e fez um trabalho incrível.

E, por último, agradeço a Onedirection por ter me acompanhado durante essa jornada ao som de Night Changes, se quiser entender o motivo escute o primeiro episódio do podcast. Agradeço também às plataformas de streaming que nunca me deixaram ficar sem a companhia de uma música e a Ed Sheeran e Taylor Swift, que lançaram discos novos durante o processo deste trabalho e deram o gás necessário para continuar.

RESUMO

O principal objetivo deste projeto de graduação é apresentar o desenvolvimento de um podcast para ser utilizado como ferramenta de divulgação científica, propagando os estudos das teorias da comunicação para servir de apoio didático a estudantes e professores de cursos da área de Comunicação. A proposta de publicar os debates sobre teorias da comunicação em forma de podcast na internet veio após a leitura de textos como o de Kischinhevsky (2016), que aborda o conceito de rádio expandido, quando o rádio vai para além das ondas hertzianas, podendo ser captado em espaços virtuais e redes digitais por meio de equipamentos conectados à grande rede. Assim, abre espaço para o debate com cunho educacional. Contudo, para compreendermos a importância da divulgação dos estudos da área da comunicação, é necessário entendermos como surgiu o campo comunicacional. É importante, também, compreendermos o porquê de haver um debate em torno das teorias da comunicação. A proposta é, por meio desses debates, mostrar aos estudantes a importância do aprendizado desses estudos, que vão além das diferenças entre teoria e prática. A elaboração deste projeto foi construída sob a ótica da formação do campo, trazida por Luiz Claudio Martino (2006) e Ângela C. S. Marques e Luís Mauro Sá Martino (2015). Na discussão sobre a origem do campo comunicacional, a falta de consenso sobre uma nomenclatura para as disciplinas que ensinam “Teorias da Comunicação” ganha um peso maior quando percebemos que os assuntos abordados em cada programa de ensino são diferentes, problemática trazida por GOBBI et al (2017) e Luís Mauro Sá (2011b) e esse é um dos tópicos abordados pelo “Teóricas”, a falta de consenso no ensino das teorias. As teorias da comunicação existem a despeito de todo e qualquer obstáculo colocado à sua definição, como ressalta Luiz C. Martino (2007) e é pensando em “Teorias da Comunicação” como um processo de aprendizagem, algo em construção, que elas precisam ser pensadas, questionadas e, até mesmo, provocadas. É como defende Pedro Russi-Duarte (2010), a sala de aula é o espaço para isso. Para a execução deste projeto, foi utilizada a linguagem do podcast como ferramenta de apoio didático, seguindo a definição de Medeiros (2006), a partir do conceito do gênero Educacional. Também utilizamos o gênero radiofônico de divulgação científica e cultural, definido por Barbosa Filho (2003). O podcast “Teóricas” foi

desenvolvido, de forma piloto para este TCC, a partir de dois episódios, intitulados: “Teorias Da Comunicação: O Que São? Como Nascem? E Quantas São?” e “A importância do ensino de Teorias nos cursos de Comunicação”.

Palavras-Chaves: Mídias Sonoras; Teorias da Comunicação; Podcast; Divulgação Científica.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 OBJETIVOS.....	16
2.1 OBJETIVOS GERAIS	16
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	16
3 JUSTIFICATIVA.....	17
4 REFERENCIAL TEÓRICO.....	19
4.1 A FORMAÇÃO DO CAMPO COMUNICACIONAL	19
4.2 O QUE SÃO TEORIAS DA COMUNICAÇÃO?	29
4.3 O ENSINO DE TEORIAS DA COMUNICAÇÃO	46
4.4 O PODCAST	59
5 METODOLOGIA	69
6 DESENVOLVIMENTO DO PODCAST.....	73
6.1 ESPELHO DO EPISÓDIO PILOTO.....	73
6.2 ROTEIRO DE PERGUNTAS EPISÓDIO PILOTO	74
6.3 SCRIPT DO EPISÓDIO PILOTO	75
6.4 ESPELHO DO EPISÓDIO II.....	116
6.5 ROTEIRO DE PERGUNTAS EPISÓDIO II.....	116
6.6 SCRIPT DO EPISÓDIO II.....	117
6.7 DIVULGAÇÃO.....	149
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	151
REFERÊNCIAS.....	153

1 INTRODUÇÃO

Desde sua origem a comunicação foi identificada como um campo interdisciplinar, surgido entre o cruzamento da sociologia, psicologia e ciência política. Por essa razão é tão complexo dar sentido a um conjunto de pesquisas tão diverso e mais confuso ainda é encontrar formas de se ensinar essas pesquisas para aqueles que estão iniciando a carreira acadêmica.

E é na tentativa de representar o campo comunicacional que o autor Luiz Claudio Martino (2006) escreve em seu artigo “Abordagens e representação do campo comunicacional” sobre as compreensões muito variadas das teorias da área da comunicação e até mesmo sobre a própria natureza do processo comunicacional, que é algo que, segundo o autor, praticamente inviabiliza qualquer trabalho de síntese e deixa pouco espaço para afirmações categóricas sobre o assunto.

Essa preocupação com o agrupamento conceitual das Teorias da Comunicação vem sendo somada nas últimas décadas a uma preocupação crescente em articular essa discussão com questões relativas à delimitação do Campo da Comunicação (Ângela C. S. Marques e Luís Mauro Sá Martino, 2015). Ainda de acordo com os autores, esse agrupamento visa contribuir para a compreensão da natureza, alcance e limites dos fenômenos comunicacionais. E assim estabelecer um objeto específico, bem como da validade dos aportes disciplinares/interdisciplinares que caracterizam a área.

Porém, essa riqueza de debates, sobre o que caracteriza o campo, apenas enfatiza os problemas de definição das questões epistemológicas, como fala Ângela C. S. Marques e Luís Mauro Sá Martino (2015). Por exemplo, a decisão dos programas de ensino, da escolha de bibliografias que possam fornecer os subsídios teóricos para cursos universitários, ou mesmo a decisão sobre a pertinência à área de projetos de pesquisa. Sobre esse último ponto, Lucia Santaella, em seu livro *Comunicação e Pesquisa Projetos, para Mestrado e Doutorado*, de 2003, retrata que, muitas vezes, precisou julgar projetos de pesquisa, que eram nitidamente interdisciplinares, e provocavam fortes dúvidas quanto à sua inserção ou não na área de comunicação. Ainda segundo Santaella, o conhecimento pode não ter fronteiras, porém, quando falamos sobre

pesquisas, elas devem necessariamente estar enquadradas em uma área de conhecimento definida. Mas como explicar se uma pesquisa ou teoria é do campo da comunicação sem explicar o que é comunicação.

Não são poucos os autores que têm colocado ênfase na pluralidade dos fenômenos que podem ser chamados de comunicacionais e na consequente polissemia do termo "comunicação". Tendo isso em vista, Fiske (1990), por exemplo, perguntou se podemos considerar como um campo de estudo algo tão diverso e multifacetado quanto a comunicação humana, concluindo pela natureza multidisciplinar da comunicação e definindo-a como "interação social através de mensagens". Batendo na mesma tecla, Baylon e Mignot (1999: 9-10) acabaram por concluir que a comunicação "é uma relação dos espíritos humanos, ou melhor, dos cérebros humanos" (Santaella, 2001, p.16-17).

Na tentativa de nos explicar o termo "campo" comunicacional, Luiz Claudio Martino (2006) nos mostra que, na medida em que a comunicação se firmou como um domínio de investigação, o termo campo passou a ser empregado para se referir ao conjunto de atividades desenvolvidas ou reagrupadas sob o nome genérico de comunicação, como por exemplo, a comunicação social, a comunicação de massa, a comunicação humana, o media studies, entre outros.

Ainda de acordo com Martino (2006), esse termo é usado como uma designação genérica, algo vago, sem um conteúdo muito preciso, que, no entanto, justifica-se como uma alternativa às muitas designações possíveis. Se tratando assim de uma expressão cômoda, que evita entrar nos meandros da discussão sobre o regime disciplinar dos diferentes recortes teóricos, paradigmas e objetos de estudos pelos quais essa área de conhecimento se deixa expressar. Por fim, o autor conclui que se trata de evitar o uso da expressão "ciências da comunicação".

Luiz Claudio Martino (2006) nos mostra que essa noção de campo só começou a ser usada nos anos de 1980, na medida em que cresce a discussão do estatuto disciplinar do saber comunicacional, iniciada na década de 1960, a partir do famoso trabalho de Wilbur Schramm (1963) ², sobre a ciência da comunicação.

² SCHRAMM, Wilbur. Ciencia de la comunicación humana. Quito: Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación, 1965.

A obra de Schramm é analisada por Martino (2006), como cheia de equívocos, por denominar os supostos pais fundadores da comunicação, quando nenhum dos autores, citados por Schramm, reivindicou tal título e nem abordou em suas obras originais sobre a área de conhecimento ou mesmo chegou a tratar do assunto da constituição de qualquer “ciência da comunicação” ou algo parecido.

Porém Luiz Claudio reitera que a obra de Schramm constitui um verdadeiro marco no pensamento epistemológico para a área, seja pelas críticas que lhe foram geradas ou pelas inadvertidas e reiteradas referências que ainda tomam Paul Lazarsfeld, Kurt Lewin, Carl Hovland e Harold Lasswell como fundadores de uma ciência que nunca chegaram a formular.

O mérito de Schramm foi lançar a discussão, já que antes dele tínhamos apenas um estado de dispersão. Embora houvesse elementos empíricos e contribuições teóricas importantes, estes não chegavam a instaurar um debate epistemológico. A “ciência da imprensa” na Alemanha da virada do século XX, talvez a mais antiga tentativa de rotular os novos conhecimentos gerados em torno dos meios de comunicação (Nixon 1968), estava longe de ser um empreendimento isolado. Aqui e ali podemos ver tentativas de instituir uma disciplina científica ou programas de investigações sobre o fenômeno comunicacional, como a filmologia francesa dos anos 1940 ou a consolidação dos trabalhos de pesquisa em torno dos efeitos dos meios, promovida pela Fundação Payne na década de 1930. (MARTINO, L. C., 2006, p.37).

Assim como o livro Wilbur Schramm, existem muitos outros livros sobre Teoria da Comunicação. Um dos mais famosos é intitulado *Teorias da comunicação de massa* (1966), de Melvin L. DeFleur e da Sandra Ball-Rokeach. O livro mostra diversas perspectivas teóricas, como pano de fundo, para se interpretar a influência das comunicações sobre os indivíduos, a sociedade e a cultura, no passar dos anos. Porém, a discussão que fica é quais são esses conhecimentos agrupados pelo nome de “Teoria da Comunicação”.

Esse questionamento motiva autores, como Luís Mauro Sá, que busca investigar, no artigo “A ilusão teórica no campo da comunicação” (2008), sobre quais são os conhecimentos que chamamos de “Teoria da Comunicação”. De acordo com o professor, apenas 23,25% dos livros intitulados por “teoria da comunicação” possuem coincidência entre si. E ele faz uma crítica sobre o fato

de, mesmo não havendo consenso sobre o que é teoria da comunicação, existir nos cursos de Comunicação uma disciplina com esse nome.

O professor Luiz Claudio Martino, no seu livro *Teorias da Comunicação Muitas ou Poucas?* (2007), também disserta sobre os livros intitulados “Teoria da Comunicação”. De acordo com Luiz Claudio (2007) é através desses livros que entramos em contato com as teorias, podendo assim ver a fragilidade do processo de reconhecimento de algumas teorias. Mas, para ele, “é a sistematização das teorias - e não simplesmente sua produção - que dá visibilidade e forma a ideia de teorias da comunicação” (MARTINO, Luiz Claudio. 2007, p.18).

Falando sobre os cursos de comunicação, o Luiz Claudio Martino (2007) nos mostra que, no Brasil, a discussão sobre as Teorias da Comunicação teve início somente na década de 70, com estabelecimento de cursos universitários, principalmente o aparecimento dos cursos de pós-graduação. Além da proliferação de instituições, a formação de sindicatos profissionais e associações científicas, o aparecimento de revistas especializadas e a constituição de uma produção intelectual dedicada à matéria. Todos esses fatores ajudaram a criar e povoar o nicho do conhecimento humano, que nós estamos acostumados a estudar.

Atualmente, a grade curricular dos cursos de comunicação, como defende Luís Mauro Sá (2008), é dividida em uma parte teórica – “humanística” ou “cultural” – e um elemento técnico – “prático”. Segundo o autor, na maior parte dos cursos, a disciplina “Teoria da Comunicação” está ao lado de outras – que, em essência, não deixam de serem estudos teóricos da Comunicação, aumentando ainda mais a confusão a respeito do que seja “Teoria da Comunicação”.

Então, qual seria a diferença da disciplina com nome de “Teoria da Comunicação” para outras disciplinas teóricas de um curso de comunicação? Segundo Luís Mauro, que cita Barbosa (2002, p. 73), se existe uma especificidade dessa disciplina, é necessário que ela seja amparada por um mínimo consenso relativo aos conteúdos, auxiliada por um suporte conceitual onde igualmente existam princípios comuns. Isso significa dizer que é necessário um referencial teórico que consiga ter um consenso, que possa auxiliar alunos e

professores. Porque a separação entre prática e teoria é impossível, uma depende da outra para se tornar mais forte e ter uma base teórica organizada facilita a vida de alunos e professores. Por isso, é de suma importância se debater sobre o processo de aprendizado das Teorias da Comunicação dentro das salas de aula.

E é pensando em “Teorias da Comunicação” como um processo de aprendizagem, algo em construção, que o Pedro Russi-Duarte (2010) defende que elas precisam ser pensadas, questionadas e até mesmo provocadas, em sala de aula. Porque só assim, segundo ele, podemos entender que o processo teórico e os métodos que nos levam a entendê-los, não são autônomos e sim escolhas valorativas de cada pesquisador.

E, nesse caso, Pedro Russi (2010) defende que as “Teorias da Comunicação” devem ser apresentadas, aos alunos, no sentido da semântica, o sentido das palavras e da interpretação, como um processo cheio de significados e que cada passo desse processo precisa ser valorizado e compreendido de acordo com seus significados. Para ele, semanticamente falando, os modelos são formas de argumentação, de demonstração e de refutação que tem como intuito apresentar as verdades que explicam os aspectos, já estruturados, sobre a realidade. E, por isso, ele insiste que os professores têm um papel intelectual muito importante, o de provocar os questionamentos, visto que as teorias são conceitos não dados, porém elaborados (Pedro Russi-Duarte, 2010). Mas a grande pergunta que fica é como ensinar as teorias, de forma a propor esses questionamentos, que são tão importantes para os alunos.

Como redesenhar os estudos de teoria para sair do já feito e mantido como não problemático? Penso que precisamos construir percursos e abordagens diferentes daquilo apresentado como ‘tornar as teorias mais fáceis’, que se apresenta como escolha obrigatória no contexto curricular atual; porém, temos razões para nos colocar “contra as modas intelectuais nas ciências (...); O pensador da moda é, de um modo geral, prisioneiro da sua moda...” (POPPER, 1999:9, apud DUARTE, 2010, p.12).

A ideia do Pedro Russi, e também deste trabalho, não é encontrar uma forma mais “simples” de se ensinar e aprender teorias, mas sim discutir os processos e significados que nos trouxeram até aqui, respeitando os

pesquisadores precursores, pois são eles que nos causam as inquietações para o conhecimento atual. Para o Pedro Russi-Duarte (2010), é necessário construir caminhos e abordagens diferentes, das apresentadas atualmente, colocadas como obrigatória no contexto curricular atual. Porém, 'tornar as teorias mais fáceis', não é o caminho. Por isso, é necessário buscar novas ferramentas que tornem as teorias mais atrativas.

De acordo com Pedro Russi-Duarte (2010), que cita em seu texto, Popper (2006 p. 106), uma das principais tarefas da crítica científica deve ser a de expor as confusões de valores e separar as questões puramente científicas das pseudocientíficas e, assim, avançar. Pois, só quando entendermos que teorias não são banalidades desnecessárias e distantes do concreto da prática do mercado de trabalho, seja ele jornalístico, publicitário ou qualquer outro, que vamos conseguir avançar no ensino das teorias da comunicação.

Ainda, de acordo com Pedro Russi-Duarte (2010), ao refletir sobre as teorias, devemos sair do naturalizado. Nos indagando sobre questões intelectualmente válidas que permitam entender as plataformas epistêmicas e metodológicas e examiná-las como teorias. E é através da dúvida e do questionamento que podemos, assim, compreender e daí, reformular e redesenhar as teorias analisadas.

Entretanto, é complicado cobrar dos professores esse papel de provocador, falado por Pedro Russi-Duarte (2010), visto que existe uma abrangência muito grande quando se fala de teorias da comunicação e um tempo em sala de aula muito curto. De acordo com o autor, é necessário elaborar formas de despertar a vontade dos jovens, para que assim eles possam procurar e pesquisar mais sobre teorias, para que assim, juntos, possamos compreender na prática o mundo de maneira diferente.

E é percebendo essa carência de um espaço para a divulgação de conteúdo científico, ligado ao campo de estudo comunicacional, e que possa ser usado como ferramenta para ajudar professores e alunos, que surgiu a ideia para o conteúdo deste trabalho. A proposta é criar uma ferramenta que possa ser usada para suprir a necessidade de alunos e professores, com relação ao ensino das Teorias da Comunicação.

Nesse cenário, a proposta é criar um podcast, para servir como apoio didático aos estudantes de cursos de comunicação. A ideia vem da facilidade que o formato oferece de chegar a um grande número de pessoas, de forma fácil e ser atrativa aos jovens. E, também, pelo aumento no número de pessoas que escutam regularmente algum podcast no Brasil, de acordo com dados da pesquisa da Kantar Ibope³, atualmente são mais de 30 milhões de brasileiros, com mais de 16 anos, que incorporaram o hábito de ouvir podcasts, cerca de 40% dos ouvintes do rádio convencional se engajaram com esse formato entre abril e junho de 2022, um aumento de 30% em relação ao mesmo período de 2021.

De forma simples, o podcast é um programa de áudio e vídeo que tem como principal característica distribuir conteúdo atemporal na internet chamado de podcasting. O formato, como conhecemos hoje, surgiu em 2004, quando Adam Curry criou uma ferramenta para enviar arquivos de áudio para tocadores de música. Na época, o agregador Itunes.

Porém, o podcast, diferentemente do que muitos podem pensar, se distancia em determinados pontos da linguagem radiofônica tradicional – pelo menos no que se refere às emissoras comerciais. Vicente (2018) fala que o podcast tem assumido formatos de produção e características próprias, formando, assim, uma nova prática de produção e consumo sonoro. A perspectiva é de que a forma de praticar, produzir e distribuir arquivos aponte para novos os rumos dessa mídia, que já ganhou os brasileiros.

O intuito deste projeto é utilizar a linguagem do podcast como ferramenta de apoio didático. Visto como foi mencionado por Luiz C. Martino (2007), as teorias da comunicação existem a despeito de todo e qualquer obstáculo colocado à sua definição. Sendo assim, a nossa proposta é utilizar uma linguagem e uma ferramenta que se aproximam dos jovens sem se perder do objetivo, que é ensinar um conteúdo profundo e crítico.

Para que os estudantes possam entender de forma mais acessível, os meios de comunicação de massa, a vida em sociedade e tantos outros temas que são abordados pelas Teorias da Comunicação. E na atualidade para se

³ Pesquisa disponível no site do Kantar Ibope: <https://www.kantaribopemedia.com/estudos-type/inside-radio-2022/>

conseguir chamar a atenção dos jovens é necessário usar de algumas ferramentas para atrair esse público, como o fato de estar acessível em qualquer momento. Por isso, pensar numa ferramenta on-line é tão importante, pois consegue chegar sem dificuldade aos ouvidos de todos.

Este trabalho é organizado em duas partes: a teórica e a prática. A teórica é dividida em três pontos: 1) o surgimento do campo comunicacional, 2) a importância de se ensinar as Teorias da Comunicação e 3) novas formas de se levar o conteúdo da epistemologia da comunicação para os jovens de forma atrativa. A parte prática está direcionada para a construção do produto final deste trabalho, um podcast sobre Teorias da Comunicação.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVOS GERAIS

Produzir um podcast, que possa ser usado como ferramenta de divulgação científica, com o intuito de propagar os estudos das teorias da comunicação, servindo de apoio didático para estudantes e professores de cursos da área.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender a formação do campo comunicacional e as suas teorias;
- Mostrar a importância do estudo da epistemologia;
- Entender maneiras de tornar a divulgação científica acessível, mas sem perder o aprofundamento necessário;
- Entender a linguagem de um podcast;
- Escrever o roteiro, produzir o material, gravar e editar o programa;
- Estabelecer os principais pontos que serão abordados;
- Criar dois episódios pilotos, que apresentem o campo teórico da comunicação.

3 JUSTIFICATIVA

O propósito deste trabalho é ajudar estudantes da área de comunicação a compreender a formação do campo comunicacional e as suas teorias, pois é complicado, para os estudantes no início da graduação, entender o contexto onde foi criada a área da comunicação e os impactos das primeiras pesquisas nos dias atuais. O ponto principal é mostrar aos estudantes a importância do aprendizado desses estudos, que vai além das diferenças entre teoria e prática, pois só assim alcançaremos o objetivo necessário para entender o conceito de divulgação científica. Não é uma tentativa de simplificar as pesquisas ou torná-las mais “fáceis”, mas as explicar de forma exemplificada e em uma linguagem que seja de entendimento do público alvo deste produto.

A ideia da criação do podcast surgiu da minha inquietação pessoal por aprender mais sobre as Teorias da Comunicação e perceber durante as minhas pesquisas que existem podcasts sobre o assunto, porém, ainda muito engessados no formato apenas de entrevistas, o que é um formato importante, por se aprofundar nos temas. Como é o exemplo do projeto realizado pelo professor Willian Fernandes Araújo, intitulado de “Teoria para quê?”, da Universidade de Santa Cruz do Sul. Ou muito curtos e sem profundidade sobre um tema, como é o caso do “Teoricamente Falando”, que é um podcast realizado pelos alunos da disciplina de Teorias da Comunicação da Universidade Veigas de Almeida, do Rio de Janeiro.

O estímulo para a criação de um podcast sobre o tema veio exatamente dessa lacuna percebida. Da falta de um podcast que conseguisse alcançar os estudantes numa linguagem simplificada, mas sem perda de conteúdo, que não fosse apenas uma entrevista, ou apenas conceitos. Mas um espaço para debate de ideias, divulgação de trabalhos científicos e, também, ensino de conceitos por meio de entrevistas curtas com professores e pesquisadores da área.

De acordo com Luiz Claudio Martino (2007), “é a sistematização das teorias - e não simplesmente sua produção - que dá visibilidade e forma a ideia de teorias da comunicação”. E eu vou além, porque, em concordância com Pedro Russi (2010), não é apenas sua organização, mas, também, seus estudos e discussões em sala de aula, “visto que as teorias são conceitos não dados,

porém elaborados”. E para fomentar esses conceitos é necessário dá visibilidade para o processo de sistematização, discutindo assim epistemologia.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 A FORMAÇÃO DO CAMPO COMUNICACIONAL

Para compreendermos a importância da divulgação dos estudos da área da comunicação, é necessário entendermos como foi iniciado esse processo e, para isso, é vital entender a formação do campo. Martino (2006) explica que, para se entender o campo comunicacional, devemos dividi-lo em cinco tipos de abordagem. As cinco abordagens são: 1) A sociologia da ciência; 2) A conceitual; 3) A histórica; 4) A cética e 5) A interdisciplinar.

1) *A sociologia da ciência* é trazida por Miège (2000) que acredita que o melhor conceito para se definir a comunicação é o conceito de campo, trazido por Pierre Bourdieu, em 1980. De acordo com Miège, no livro *Questões de sociologia*, Bourdieu fala que, para que um campo funcione, é necessário que existam objetos de disputa e pessoas prontas para jogar o jogo, pessoas essas que precisam saber como funciona esse jogo.

Miège (2000) complementa dizendo que é o próprio pensamento comunicacional que contribui para a formação do campo. Porém, para Martino (2006), a noção de campo da sociologia é a menos apropriada para se usar atualmente por ela ser empregada para recortar e analisar as relações intrínsecas aos agentes sociais em torno de uma certa atividade social.

Explicando de uma forma mais simplificada na visão de Bourdieu o campo estuda os agentes sociais, as pessoas que fazem parte daquela sociedade o que é uma análise própria à sociologia das profissões e também à sociologia do conhecimento. Mas como enfatiza o Martino (2006), o uso da noção de campo em termos epistemológicos se refere às correntes teóricas e aos elementos em jogo, aquilo que compõe o campo, que, no caso da comunicação, são as teorias, as escolas. Durante a entrevista, realizada em novembro de 2021, para o produto deste trabalho, Luiz Claudio Martino explica que, para ele, a definição que mais interessa é a de campo como campo teórico, como conjunto de teorias e não de práticas de agentes sociais.

2) A origem histórica é, de acordo com Martino (2006), uma das abordagens mais empregadas para apresentar o campo comunicacional por ser uma forma simples para a expor ideias, seja encadeando as datas de surgimento

de teorias ou de instituições, avanços tecnológicos, ou acontecimentos sociais relevantes.

[...] a história pode nos ajudar na definição do objeto comunicacional, visto que é à singularização histórica do processo comunicacional, baseada na emergência de um tipo de sociedade (industrial), que libera um tipo de fenômeno comunicacional inédito: a integração da comunicação midiática à nova organização social e a emergência da atualidade como produto da atividade midiática, o que requer um tratamento específico (Martino 200a; 200b) (apud MARTINO, 2006, p. 46).

Porém, para o autor, a identidade do campo não pode ser dada apenas com base em um relato histórico, já que, para isso, coloca-se em jogo um conceito de comunicação que, mesmo implícito, acaba por ter um papel determinante no recorte e na seleção dos elementos que constituem o campo. Pois, “ao contrário do que aparenta a narrativa histórica não desvela os contornos de uma área de conhecimento, ela coloca em jogo e desdobra um conceito prévio, nada mais” (MARTINO, L. C. 2006).

Apresentar uma área de conhecimento em formação não é uma tarefa fácil, nem muito grata, sobretudo como acontece com a comunicação, que além de se encontrar no cruzamento de muitas dimensões do conhecimento e da vida prática, reúne em torno de si muitos tipos de interesse, inclusive o exercício do poder. É natural, então, que tenham sido formadas compreensões muito variadas sobre as teorias e mesmo sobre a própria natureza do processo comunicacional, o que praticamente inviabiliza qualquer trabalho de síntese e deixa pouco espaço para afirmações categóricas. À medida que a comunicação tem se firmado como um domínio de investigação, o termo campo tem sido empregado para se referir ao conjunto de atividades aí desenvolvidas ou reagrupadas sob o nome genérico de comunicação (comunicação social, comunicação de massa, comunicação humana, media studies, entre outros). (MARTINO, 2006, p.34).

De acordo com Martino (2006), o termo “campo” vem de origem latina e, inicialmente, trata de um lugar para o cultivo. Ele explica que a entrada do termo nas ciências, iniciou em meados do século XIX, por meio da física, com Faraday, e depois, aperfeiçoado por Maxwell, que o emprega para exemplificar expressões como campo magnético, no intuito de fornecer uma descrição mais adequada de certos fenômenos físicos.

Mas somente no século XX que a ideia de “campo” passa a ser usada pelas ciências humanas, introduzida nos de anos 1930 por Kurt Lewin, cujo interesse por estudos de epistemologia comparada o leva a adaptar o conceito da física para o domínio da psicologia estrutural (Luiz Claudio Martino, 2006). Kurt Lewin aparece como um dos nomes que influenciaram o movimento gestaltista, ou Psicologia da forma, Psicologia da Gestalt, Gestaltismo ou simplesmente Gestalt, uma teoria da psicologia que considera os fenômenos psicológicos como um conjunto autônomo, indivisível e articulado na sua configuração, organização e lei interna⁴.

A constituição do campo comunicacional se desenvolveu na primeira metade do século XX, em meados de 1959, porém o surgimento do campo está associado ao surgimento dos meios de comunicação, que data aproximadamente de meados do século XVIII. De acordo com Luiz Claudio Martino (2006), trata-se de uma trajetória que vai desde a invenção dos tipos móveis em metal ou até mesmo da industrialização da imprensa até seu emprego regular e sistemático nos periódicos cotidianos do final do século XIX, período esse que Luiz Claudio Martino (2006) denomina de “Pré-científico”.

O autor continua dizendo que, em 1501, foi registrada a primeira iniciativa de censura da atividade de imprensa, com o papa Alexandre VI, porém os debates sobre a influência da mídia na sociedade se instaurou apenas com a consolidação da imprensa ainda na primeira metade do século XIX. Época que, de acordo com Luiz Claudio Martino (2006), foi cunhada a expressão “quarto poder”. E a partir daí surgiu um novo setor do conhecimento, com novos personagens, como pessoas intelectuais e figuras públicas que se engajaram em um amplo debate em torno das questões da atualidade.

Nesse período, o campo comunicacional se confunde com a discussão da própria atualidade, não havendo ainda um recuo teórico, necessário à elaboração de um conhecimento específico. Essa etapa é marcada pela liberação do objeto de estudo, ou seja, a formação histórica de um processo comunicacional singular, isto é, a própria atualidade como produto da atividade dos meios de comunicação. (MARTINO, L. C., 2006, p.41).

⁴ Informações do Portal da Educação, acessado no dia 06/06/2021.
<https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/psicologia/psicologia-da-gestalt/23631>

Foi a partir de 1910 até 1930, onde o debate sobre a imprensa e a formação da opinião pública começou a delimitar uma aproximação com a ciência, embora não possamos falar de uma ciência da comunicação. E de acordo com Rafiza Varão (2010), é a partir dessa época que o governo estadunidense e uma série de instituições privadas começam a investir de forma mais consistente nas pesquisas sobre comunicação.

São frutos dessa fase, por exemplo, o trabalho de Walter Lippman, não por acaso chamado *A opinião pública* (1922), e a obra *Técnica de propaganda na Guerra Mundial* (1927), de Harold Lasswell, considerada por muitos o marco inicial da pesquisa científica em Comunicação (como nas obras de WOLF e ARAÚJO). É também dessa época aquela que costuma ser citada como a primeira teoria da Comunicação: a teoria Hipodérmica, que “desenhava” a audiência, o receptor das mensagens dos meios de comunicação de massa, como um “balde” vazio, pronto para ser preenchido pela ação desses meios. (VARÃO, 2010, p.80).

Luiz Claudio Martino (2006) caracteriza o período entre 1920 e 1930 com a época do “Flerte com a ciência”. Nessas décadas, de acordo com Smith (1946 apud WOLF, 2003, p.5), começaram a aparecer estantes inteiras de livros que chamavam a atenção para os fatores retóricos e psicológicos utilizados pelos propagandistas. “Alguns títulos: *Public Opinion* de Lippmann, *The Rape of the Masses* de Chakhotin, *Psychology of Propaganda* de Doobs, *Psychology of Social Movements* de Cantril, *Propaganda Techniques in World War* de Lasswell, *Propaganda in the Next War* de Rogerson” (Smith apud Wolf, 2003, p.5).

Uma segunda etapa se abre no momento em que se vê a possibilidade de tratar as questões sobre os efeitos e influência da imprensa (e outros meios de comunicação emergentes, como o telefone, telégrafo) com base no então vitorioso “método científico”. Fortemente marcados pelo espírito da época, os anos 1920 e 1930 começam a empregar análises e teorias científicas para avaliar a ação dos meios de comunicação, mas não são pesquisas, apenas ilustram seus pensamentos com material retirado de trabalhos científicos. Trabalhos como os de Walter Lippmann e Serge Tchakhotine são paradigmáticos dessa nova tendência. Trata-se de uma primeira aproximação com a ciência, mas ainda não são propriamente trabalhos científicos. Em todo caso, espera-se um maior rigor para a questão dos meios, que perdura como um desafio que exige respostas cada vez mais urgentes, na medida em que se acelera o processo de uso dos meios de comunicação e aparece a clara dependência da organização social em relação a esse tipo de tecnologia. (MARTINO, L. C., 2006, p.42).

As pesquisas nessa fase são marcadas por um trabalho científico mais estreitamente ligado à propaganda e ao estudo da comunicação de massa (Smith-Lasswell-Casey, 1946 apud WOLF, 2003, p.5). Por terem sofrido forte impacto da I Guerra Mundial, o foco das pesquisas recai sobre o papel da imprensa, da opinião pública e da propaganda de guerra na sociedade. É nesse período também que acontece a ascensão da Escola de Sociologia de Chicago, cujos autores como Robert Ezra Park e Robert Merton, também deixaram um importante legado ao campo da Comunicação (Rafiza Varão, 2010).

A terceira etapa do surgimento do campo comunicacional é marcada pelo contexto da Segunda Guerra Mundial e a demanda de tratamento da informação, seja de cunho civil ou militar. De acordo com Luiz Claudio Martino (2006), o período de 1940-1950 é o período “Científico”.

A experiência acumulada em conflitos anteriores (desde a Guerra de Secessão norte-americana) leva o exército estadunidense a investir maciçamente em pesquisas para desenvolver estratégias de uso de meios como a imprensa, o rádio e o cinema. Psicólogos, cientistas políticos e sociólogos são mobilizados para dar conta da questão e põem em marcha um processo que culminará com o desenho de um domínio de pesquisas e conhecimentos relativos à comunicação mediada. O campo é constituído pela contribuição das várias disciplinas envolvidas com processos comunicacionais de modo geral: psicologia, sociologia, ciências políticas, linguística etc. (MARTINO, L. C., 2006, p.42).

De acordo com o Luiz Cláudio Martino no seu livro *Teorias da Comunicação Muitas ou Poucas?* (2007), o que chamamos hoje de Teorias da Comunicação é a sistematização das pesquisas realizadas na época e não simplesmente sua produção, pois o que deu visibilidade e forma a ideia de teorias da comunicação, foi a literatura escrita por autores como Paul Lazarsfeld, na década de 40, que nos conta sobre as primeiras pesquisas na área da comunicação. Mas essas primeiras pesquisas, ainda de acordo com Martino, nunca reivindicaram para si o título de teorias da comunicação, pois cada uma delas permanece ligada a seu campo disciplinar de origem.

Somos nós, do campo da comunicação, que as enxergamos como teorias da comunicação (a teoria Hipodérmica nem sequer chegou a ser formulada e proposta como uma teoria: é uma

análise retrospectiva e atribuída a um tipo de abordagem classificada como não-científica, cf. Mauro Wolf, *Los Efectos Sociales de los Media*. Paidós. Barcelona, 1994, pp. 33-42). Outro aspecto importante a ser destacado é que só muito lentamente começaram a ser comparadas e confrontadas umas com as outras. Isto ocorre a partir da década de 40, se intensificando na década seguinte, para finalmente, na década de 60, se estruturar e se consolidar como um setor de produção e publicação. E a partir daí que as teorias começam a ser agrupadas e tratadas como um campo de estudo. (MARTINO, L. C., 2007, p.17).

É ainda na primeira metade do século XX, que as pesquisas começam a crescer e o campo da Comunicação já dava seus primeiros passos rumo a um status mais científico (Rafiza Varão, 2010). E esse aumento nas pesquisas e como o surgimento do primeiro curso de doutorado em Comunicação, criado em 1947, na Universidade de Illinois, por Wilbur Schramm, um interesse crescente no impacto dos meios de comunicação na sociedade e de uma sistematização do conhecimento gerado a partir desse questionamento, como fala Rafiza Varão (2010), começou a emergir na sociedade da época.

3) *O conceitual* é uma outra maneira de se apresentar o campo comunicacional, de acordo com Martino (2006), pois elabora um levantamento das teorias, como é o caso do Wilbur Schramm ou pela discussão de algum problema-chave ou pelas pesquisas realizadas em determinada época na tentativa delinear os contornos do campo por meio de sua produção teórico-investigativa.

4) *A época cética* se inicia a partir de 1960 com o surgimento dos debates epistemológicos. Para Luiz Claudio Martino (2006), o período de 1960 até 1970 é conhecido como a época “Cética” da história do campo da comunicação. Nesse período, duas tendências, que foram formadas no período anterior, começam a reverberar suas diferenças, nesse cenário de debate. São elas a científica, de viés empírico, e a crítica, comprometida com as lutas sociais e políticas. Essas duas tendências, apesar de possuírem diferenças se convergem, cada uma por sua razão, na compreensão do saber comunicacional, como um domínio interdisciplinar.

Seja porque ele é tributário do saber de outras disciplinas científicas, seja porque a própria divisão dos saberes é contestada como um dispositivo ideológico. De qualquer modo, é a interdisciplinaridade que prevalece e se impõe, não obstante

suas contradições, como pano de fundo do pensamento epistemológico. O campo é percebido como interdisciplinar, seja porque se trata de uma etapa em seu desenvolvimento, seja porque isso vem de sua própria natureza do fenômeno em questão. (MARTINO, L. C., 2006, p.43).

Na tentativa de explicar a origem do “campo comunicacional”, o Wilbur Schramm, em seu livro “*The science of human communication*”, a ciência da comunicação humana, publicado originalmente em 1963, nos apresenta o trabalho de quatro cientistas sociais, que tiveram suas pesquisas em desenvolvimento a partir da primeira metade do século passado e são definidos, por ele, como os pais fundadores (forefathers) da área da comunicação.

Segundo Rafiza Varão Carvalho (2012), pelo fato de Wilbur Schramm ser um teórico da Comunicação e fundador dos primeiros cursos de Comunicação nos Estados Unidos, muitos autores lhe atribuem também o título de verdadeiro fundador do campo da Comunicação, por ter sido ele o responsável por sistematizar os trabalhos do cientista político Harold Dwight Lasswell (1902-1978), o sociólogo Paul Felix Lazarsfeld (1901-1976), e os psicólogos Carl Iver Hovland (1912- 1961) e Kurt Zadek Lewin (1890-1947).

Porém, ainda segundo a autora, quando o assunto é à fundação do campo da Comunicação pelo próprio Schramm, também há posições discordantes, como Karin Wahl-Worgensen (2007), que, segundo ela, escreveu um artigo intitulado “Wilbur Schramm was not the father of our discipline” (“Wilbur Schramm não foi o pai da nossa disciplina”).

Mas não se pode negar que o trabalho do Schramm, de unir esses pesquisadores mesmo que eles estivessem definitivamente comprometidos com suas áreas de origem e não tivessem a intenção de fundar um novo campo, foi por meio dele que é possível segmentar as pesquisas em comunicação em quatro principais frentes⁵.

⁵ São elas: 1) A análise de conteúdo, que busca o simbolismo nas mensagens. Inicialmente usada por Lasswell para investigar o como o conteúdo comunicacional era usado durante as guerras; 2) Pesquisas de cunho sociológico, que foram realizadas por Lazarsfeld, na década de 40, com o intuito de simplificar os estudos de mídia; 3) Observação controlada de pequenos grupos, a exemplo dos grupos focais e outras ferramentas de pesquisa, que eram usados por Lewin, para entender como as mensagens dos meios de comunicação mexiam com as pessoas da época; e 4) A pesquisa experimental voltada para a otimização da persuasão das mensagens dos meios de comunicação de massa, que era a linha de pesquisa de Hovland. (Rafiza Varão 2010).

De acordo com Rafiza Varão (2010), a história dos quatro fundadores tem sido adotada em grande parte dos livros que traçam a evolução do pensamento comunicacional, porque é a forma mais usual para sanar o questionamento de como “como nasce uma ciência?”, encontrando e explicando a sua origem desde o início dos tempos, e buscando bases de apoio em figuras particulares, que representam o desenvolvimento de um determinado saber.

E ainda segundo Rafiza Varão (2010), a ideia do que ela chama de “mito dos pais fundadores” é bem recente visto que a primeira referência sobre os quatro fundadores do campo comunicacional foi escrita por Bernard Reuben Berelson em 1959, no artigo “The State of Communication Research” (O Estado da Pesquisa em Comunicação), publicado na revista *Public Opinion Quarterly*, e reafirmada por Schramm, visto que, nos primeiros escritos de Schramm, ele apresenta apenas Lasswell, Hovland e Lazarsfeld como importantes precursores. É só em 1963, que Kurt Lewin passa a integrar o grupo.

E para entender o porquê do surgimento do mito dos pais fundadores a Rafiza Varão (2010) explica que naquela época, em meados do século XX, as pesquisas relacionadas aos efeitos dos meios de comunicação, eram patrocinadas pelo governo estadunidense e por diversas instituições, como a Fundação Rockefeller e o Fundo Payne já estavam bem consolidadas. A autora, Rafiza (2010), diz que as relações entre governo, meios de comunicação e a guerra já estavam muito estabelecidas nos Estados Unidos, e que na metade do século XX as escolas de jornalismo já se encontravam espalhadas por todo o país.

Nessa mesma época, outros estudos ocorriam em outros países, como citado por Peter Burke (2016), na Alemanha os escritores da Escola de Frankfurt, fundada por Theodor Adorno (1903-69) e Max Horkheimer, desenvolviam a “teoria crítica” da mídia porém foram expulsos do país em 1934 e foram para universidade da Columbia em Nova York, nos Estados Unidos, onde, de acordo com Rafiza (2010), colaboraram com os “pais fundadores”, que a essa altura já não eram mais pesquisadores iniciantes, porém cientistas de renome.

5) *A interdisciplinaridade* começa a surgir a partir dos anos 80. Versão essa que acaba dominando o pensamento epistemológico da área. De acordo com Luiz Claudio Martino (2006), o período, conhecido como Interdisciplinar, tem

como principal vertente uma nova compreensão da interdisciplinaridade, que é contrária e reativa ao pensamento científico, trazendo consequências diretas na ideia do saber comunicacional, o que faz com que muitos pesquisadores não somente abandonem, mas também rejeitem qualquer tentativa de formular a comunicação no plano da ciência.

E é neste último período que, de acordo com Luiz Claudio Martino (2006), o termo campo começa aparecer nos estudos de comunicação se consegue se firmar graças à sobreposição de duas conotações diferentes. “Uma mais neutra, designando apenas certo domínio de estudo, outra mais engajada com um posicionamento epistemológico ligado, direta ou indiretamente, à interdisciplinaridade” (Luiz Claudio Martino, 2006, p.44).

O estatuto disciplinar fica suspenso, ou melhor, o saber comunicacional passa a ser identificado com a interdisciplinaridade, a ponto de serem tomados como sinônimos (ver, por exemplo, Bougnoux 1999), ou simplesmente trata-se de uma questão superada, declarada sem interesse, proclamando-se peremptoriamente o saber comunicacional como uma forma de conhecimento *sui generis*, produto e produtor de um novo estado das coisas e do mundo. Isso fará com que os pesquisadores orientem sua atenção para longe das questões epistemológicas, aparentemente resolvidas por discursos cheios de argumentos incultos e despropositados contra a ciência, deixando-se levar por análises muitas vezes superficiais sobre a novidade do mundo contemporâneo. Do ponto de vista epistemológico, o êxito de elementos tão frágeis não deixa dúvidas sobre o pouco desenvolvimento do pensamento teórico em nossa área. A comunicação ainda é vista como área interdisciplinar, colocando-se para além e acima da ciência (MARTINO, L. C., 2006, p.43).

Luiz Claudio Martino (2006) encerra a explicação sobre a formação do campo dizendo que um dos poucos consensos do campo, se não o único, é de que a área da comunicação é bastante variada, tanto quando se refere a objetos de pesquisa, metodologias, domínios temáticos, abordagens, interpretações, ou quando vai de encontro da diversidade e das polêmicas.

A noção de campo não é menos problemática que aquela de disciplina, mas a atribuição de um certo ranço positivista, que pesa sobre esta última, parece vir servindo de fiel da balança em favor da primeira. Por outro lado, mesmo funcionando como um divisor de águas, as duas versões do ceticismo não escondem um certo acordo em relação ao ponto de partida comum, e se reconciliam frente às evidências da fraca estruturação da área.

Seja como campo ou como disciplina, a Comunicação tem, incontestavelmente, graves dificuldades de definição, apontadas aqui e ali por seus mais renomados pesquisadores; dificuldades que, em suma, não podem passar despercebidas aos olhos de todo e qualquer investigador mais sério que se debruça sobre a análise dos fenômenos comunicacionais. Com efeito, a dificuldade de delimitar com precisão o domínio de estudos da Comunicação parece ser o centro sobre o qual gira a problemática da epistemologia dessa área (MARTINO, L. C., 2003a, p.57).

De acordo com Luiz Claudio Martino (2003b), a epistemologia é o estudo do conhecimento científico, o estudo da ciência. Ela é uma disciplina filosófica que toma a ciência como objeto. E pode ser dividida em epistemologia geral, também chamada de global, e uma epistemologia aplicada ou local, que é a epistemologia como estudo do conhecimento científico em geral ou relativo a cada disciplina científica em particular.

Ainda de acordo com Luiz Claudio Martino (2003b), quando falamos de uma epistemologia aplicada, o objetivo não é contestar um âmbito geral, mas esmiuçar as particularidades do saber científico aplicado a certos objetos de estudo, suas transformações e particularidades em função dos desafios e soluções de cada área. Segundo o autor, essa distinção nos obriga a retomar e recolocar a definição do saber epistemológico como um saber de natureza filosófica.

Partindo para a epistemologia da Comunicação, Luiz Claudio Martino (2003b) afirma que essa epistemologia, pode se fundar no mesmo solo das outras ciências sociais e trabalhar como uma perspectiva independentemente daquela que entende a Comunicação enquanto campo, a exemplo da sociologia que não se anula pela existência das ciências sociais. O problema maior, de acordo com Martino (2003b), provém da comunidade dos professores, dos pesquisadores e mesmo dos profissionais dessa área que se mostram muito pouco sensíveis às consequências de um baixo investimento na fundamentação do saber comunicacional que justifica suas práticas. E, segundo ele, um sinal dessa falta de consciência é a escassez de trabalhos e a própria maneira que é abordado o tema da epistemologia.

Luiz Claudio Martino (2003b) ainda afirma que existe uma grande desconfiança em relação ao estatuto desse saber comunicacional, porque ele oscila entre uma não-disciplina e uma super-disciplina, uma espécie de síntese

e acabamento das ciências humanas e da filosofia. Porque de acordo com Martino (2003), certo grupo de pesquisadores acredita que a comunicação é apenas um campo de aplicação para as disciplinas das mais variadas ciências, e que não passa de um processo, um fenômeno no mundo, e não uma disciplina ou um saber propriamente dito. Ainda de acordo com Martino (2003b) para esses autores a Comunicação aparece ora como muito pouco consistente para ser uma ciência, ora como um fundamento e acabamento das ciências humanas.

A discussão sobre as especificidades e limites da natureza do saber comunicacional é bastante insuficiente e tem atravessado os diferentes tipos de abordagem do campo, de acordo com Martino (2006). É um grande problema, segundo o autor, é a falta de critérios para julgar a importância da produção das teorias e de pesquisas em comunicação e a própria dissolução do saber comunicacional em outras disciplinas, que aumenta a indefinição da comunicação como um saber, que constitui suas próprias análises e consegue dar uma explicação dos fenômenos sociais, por conta própria, sem ajuda de outras ciências.

A falta de critérios também é um problema quando tentamos compreender o que são as teorias da comunicação porque a falta de consenso sobre o que caracteriza uma teoria da comunicação é sentida nos livros que se dedicam a apresentar as principais teorias do campo, visto que, desde o princípio, os autores que fizeram a sistematização de algumas teorias não criaram definições do que caracterizaria uma teoria, o do porquê de escolher uma teoria e excluir outra. Esse é o assunto que abordaremos no próximo capítulo, entender o porquê de haver tantas divergências quando se fala de teorias da comunicação.

4.2 O QUE SÃO TEORIAS DA COMUNICAÇÃO?

Mesmo com todas as dificuldades epistemológicas que envolvem a definição do conceito de comunicação, os pesquisadores da área de comunicação acreditam na existência das teorias da comunicação. E pouco importa o que os outros dizem, pois nós, da área da comunicação, não hesitamos em mostrar exemplos, ilustrar e citar os autores favoritos para convencermos as pessoas de sua existência. Apesar de qualquer coisa, nós lutamos por elas, mesmo enfrentando “a impossibilidade avançada por muitos de nossos teóricos

de constituir uma disciplina - não chegam a perturbar nossa crença. As teorias da comunicação existem a despeito de todo e qualquer obstáculo colocado à sua definição” (MARTINO, Luiz C., 2007, p.14).

As pesquisas da área de comunicação, no Brasil, aconteceram apenas em 1967, assim como as primeiras publicações sobre o as teorias da comunicação, como declara Luís Mauro Sá Martino (2011a) que cita o primeiro livro como sendo *Informação. Linguagem. Comunicação* (1967), de Décio Pignatari. Mas é importante esclarecer que, antes de chegar ao Brasil, já havia estudos iniciados na década de 40, que se intensificaram na década seguinte. Para finalmente, na década de 60, se estruturar e se consolidar como um setor de produção e publicação (MARTINO, Luiz C., 2007). É a partir da década de 60, que, de acordo com Luiz Cláudio (2007), as teorias começam a ser agrupadas e tratadas como um campo de estudo. Um exemplo é o livro escrito por Melvin L. DeFleur, intitulado “Teorias da comunicação de massa”, publicado em 1966 que traz uma sistematização de algumas teorias.

Ainda de acordo com Luiz Cláudio (2007) é em 1960, quando as teorias começam a ser sistematizadas, ganhando assim visibilidade, que se forma a ideia de teorias da comunicação. Em outros termos, é a organização dos estudos realizados que dão força às “Teorias da Comunicação” e não apenas produção dessas pesquisas. E isso só foi possível graças à literatura da época, que foi capaz de organizar esses estudos. Por essa razão, é tão importante os livros sobre teorias, pois eles serão os responsáveis por sistematizar a produção da área.

Uma característica comum aos livros de teorias da comunicação é colocarem o problema da constituição da área de conhecimento em bases pouco razoáveis: disciplina-encruzilhada (Schramm, 1963), interdisciplinar (Bougnoux, 1995), transdisciplinar (Martin Serrano et al., 1982), a comunicação “tem um campo e não um objeto” (Valbuena de la Fuente, 1994, pp. 1 e ss.), ou mesmo afirmar que o problema epistemológico já teria sido superado (Rodrigo Alsina, 1989). A posição mais frequente, entretanto, é a de simplesmente ignorá-lo. Em relação aos conteúdos dessas obras — que podem variar bastante, indo da simples coletânea de artigos até levantamentos de teorias, recrutadas nas mais diversas disciplinas — um de seus traços mais curiosos é o de não discutirem o problema da autonomia da comunicação como área de conhecimento. Dessa forma, ao proporem sem muita reflexão crítica alguns conjuntos de teorias, elas introduzem a ideia de

teorias da comunicação e, sub-repticiamente, acabam nos induzindo a crer em sua existência, mesmo se isto, não raramente, se encontra em franca contradição com as idéias expressas no conteúdo desses livros (MARTINO, L. C., 2007, p.19).

Citados por Martino (2007), livros e pontos de vista, como o do próprio Schramm (1963) ⁶, o Bougnoux (1995) ⁷ e o Miguel de Moragas (1981) ⁸, nos introduziram e nos familiarizaram com a ideia da existência de teorias da comunicação, nos fazendo acreditar que aquelas eram as únicas pesquisas existentes no período, sobre o assunto, mesmo que os textos e pesquisas citadas pelos autores não tratassem a comunicação como uma área de conhecimento. É importante ressaltar que essas obras foram responsáveis por criar um sistema de organização, mas, como o Martino (2007) expõe, esse processo se deu de forma caótica, reforçado pela crença de uma área interdisciplinar. Em outras palavras, eles nos ajudaram a encontrar um caminho, porém não apontaram para um núcleo de teorias que caracterizava o saber comunicacional.

E é na busca por definir o que são as “teorias da comunicação” e como elas são caracterizadas, que vários pesquisadores estudam os pontos em comum dos livros intitulados de Teorias da Comunicação. Neste trabalho, vou citar as pesquisas do professor Luiz Cláudio Martino e do também professor Luís Mauro de Sá Martino, pois ambos têm trabalhos similares na busca de entender quais são os consensos dos livros da área. O primeiro estudo é o do Luiz Cláudio Martino, que, em 2006, comparou nove obras de teorias da comunicação, retiradas dos currículos de cursos de comunicação em língua espanhola. Nesta obra, o professor elenca os pontos abaixo e, por meio deles, é possível comprovar que existe pouco consenso entre os autores que escrevem esses livros.

De forma sintética, as principais conclusões que têm se delineado até o presente são: Dados quantitativos: 1. Foram analisados 9 livros e encontradas 72 teorias. 2. Nenhuma teoria é comum a todos os autores. 3. Apenas 6 teorias (8,3%) estão

⁶ The science of human communication (1963)

⁷ BOUGNOUX, Daniel, La communication contre l'information, Paris, Hachette, 1995, 143 páginas.

⁸ Teorias de la Comunicación: investigaciones sobre medios en América y Europa (1981).

presentes em 2/3 dos autores (melhor marca). São elas: Dois estágios; esquema de Lasswell; teoria crítica (Escola de Frankfurt); teoria da informação; teoria hipodérmica; teoria funcionalista. 4. Se fossem dispensadas as teorias que não foram efetivamente tratadas, mas apenas citadas (5 em 4 autores diferentes), este núcleo duro seria ainda mais reduzido, passando de 6 para 2 teorias: somente os Dois estágios e o Esquema de Lasswell seriam tratadas por 6 autores, o que faria passar de 8,3% para 2,7% do universo teórico relativo a 2/3 dos autores. 5. Se os dados recolhidos pudessem ser tomados como votos em uma eleição, a maioria dos autores (a soma das faixas 5/9 e 6/9 do quadro 1, em anexo) teria elegido 7 teorias (basta acrescentar McLuhan à lista do item anterior), o que representa 10% do universo levantado. Descontando-se as teorias apenas citadas, este índice cai para 2,7% e expressaria o percentual de teorias que conseguiriam ser eleitas pela maioria absoluta. 6. Aumentando a faixa de autores (somando-se as faixas 4/9, 5/9 e 6/9) e tratando a maioria de forma não absoluta, mas aproximativa, haveria um acréscimo de mais 3 teorias (Agenda-setting, Escola de Birmingham, Modelo de Schramm), perfazendo um total de 10 teorias comuns pelo menos para 4 obras. Isto representa quase 14% do universo das teorias arroladas. Descontadas as teorias apenas citadas este índice cai pela metade, ou seja para 5 teorias, o que representa cerca de 7% do universo levantado seria eleito pela maioria aproximada. 7. Quase 2/3 das teorias citadas não têm correspondência entre os pares (citadas apenas em 1 autor). Ou seja, são teorias apontadas como pertencentes ao campo da comunicação e que não encontram correspondência em nenhum outro dos autores, não sendo confirmadas como teorias da área (MARTINO, L. C., 2006 b, p.13).

O professor Luís Cláudio (2006 b) analisou os livros publicados em língua espanhola, como mostra o trecho acima, e concluiu algumas coisas que chamam atenção até nos dias de hoje, como por exemplo, a indiferença em relação à nomenclatura, pois termos como teoria, modelo, paradigma, hipótese e escola são empregados imprecisamente para nomear as teorias. Além disso, a maior parte dos livros não oferecerem uma definição do conceito de comunicação. E assim, como acontece com o termo “comunicação”, muitos dos autores analisados por Martino (2006 b) simplesmente não oferecem uma definição do que é “teoria”, algo que atrapalha bastante para que o leitor possa discernir certas expressões de uma teoria ou como aquela teoria pertence ao campo comunicacional.

Em uma linha de pesquisa parecida, o professor Luis Mauro Sá publicou, em 2011, um estudo dos livros e revistas acadêmicas, publicadas entre os anos de 1967 e 1986, no Brasil. Com o intuito de verificar o que se entendia por “teoria

da comunicação” naquela época, Luis Mauro Sá (2011a) analisou seis livros e duas revistas e assim, como na pesquisa do professor Luís Cláudio (2006 b), realizada com livros da literatura espanhola, o mesmo problema acontecia no Brasil. A falta de consenso sobre o nome também chama a atenção, pois oscilava entre “teoria da comunicação”, “fundamentos científicos da comunicação” e “teoria da informação”. E uma das características, destacadas por Luis Mauro Sá (2011a), é a grande diferença entre os livros contemporâneos de “Teoria da Comunicação”, pois, nos trabalhos do corpus da pesquisa, não havia a divisão em “escolas teóricas”⁹.

De acordo com Luis Mauro Sá (2011a), se examinarmos as produções atuais vamos notar, que os livros dedicam capítulos específicos para o “Funcionalismo norte-americano”, a “Escola de Frankfurt” e autores como “McLuhan”, claro apresentando algumas variações entre as nomenclaturas de um livro para o outro. Luis Mauro Sá (2011a) explica que se atualmente existe algum “cânone”, “ele é constituído por autores, conceitos e teorias, mais do que por uma divisão temática”. Nos livros analisados por Luis Mauro, a divisão dos capítulos se dá por temas, não existindo um “cânone” de autores, o que, para ele, explica a dispersão temática dos livros antigos. “Assim, é possível observar uma ruptura entre essa literatura ‘antiga’ e a ‘recente’ na formação de um cânone mínimo, ou uma espécie de núcleo consensual, entre os diversos autores da área” (Luís Mauro Sá, 2011a, p. 127).

No Brasil, a primeira vez em que foi sistematizada a literatura existente sobre as “Teorias da Comunicação” é datada por Luis Mauro Sá Martino (2018a), de 1983, um texto escrito pelo professor Venício Lima¹⁰, onde se falou

⁹ O corpo de análise realizada por Luis Mauro (2011a) delimita-se em torno dos seguintes livros: 1) PIGNATARI, D. **Informação. Linguagem. Comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 1967; 2) MELO, José Marques, **Comunicação social: teoria e pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 1971; 3) REVISTA DE CULTURA VOZES. **Teoria da Comunicação**. Petrópolis: Vozes, v. 65 n. 9, nov. 1971; 4) REVISTA DE CULTURA VOZES. **Escolas de Comunicação e Profissionalização**. Petrópolis: Vozes, v. 66 n. 8, out. 1972; 5) SÁ, Adísia (org.) **Fundamentos científicos da Comunicação**. Petrópolis: Vozes, 1973; 6) MOREIRA, R. **Teoria da comunicação: ideologia e utopia**. Petrópolis: Vozes, 1979; 7) BELTRÃO, L. **Teoria geral da comunicação**. 3. edição. Brasília: Thesaurus, 1982; 8) BELTRÃO, L. e QUIRINO, N. **Subsídios para uma teoria da comunicação de massa**. São Paulo: Summus, 1986. (MARTINO, L. M. S., 2011a, p.120)

¹⁰ LIMA, Venício Artur de. Repensando as teorias da comunicação: notas para um debate. In: J. Marques de Melo. (Org.). **Teoria e Pesquisa em Comunicação-Panorama Latino Americano**. 1a.ed. São Paulo, SP: Cortez Editores, 1983, v. , p. 85-99.

pela primeira vez sobre a divisão em “escolas” teóricas¹¹ e ainda, segundo Luís Mauro, nenhuma dessas escolas estava presente nos livros de Teoria da Comunicação, até então utilizados. Aqui é importante abrir um parêntese, pois o Luís Mauro está se referindo aos livros escritos em português e publicados no Brasil. Na época, já existia o livro *Theories of mass communication*, do Melvin L. DeFleur e da Sandra Ball-Rokeach, publicado na sua primeira versão nos Estados Unidos em 1966, porém só teve sua primeira versão traduzida em português no ano de 1989, publicada pela Editora Zahar.

Abaixo você pode conferir o modelo de divisão usado por Venício Lima, publicado em 1983.

XIII. Modelos Teóricos para o Estudo da Comunicação

	Comunicação da Ciência do Comportamento	Comunicação da Ciência Formal	Da Ciência Crítica	Da Ciência Crítica da Cultura
Disciplina de apoio	ciência política, sociologia, psicologia	a) linguística estrutural, semiologia b) cibernética, matemática, teoria dos sistemas	materialismo histórico, economia política	a) materialismo cultural, literatura, arte b) psicologia social, antropologia, literatura, fenomenologia
Metodologia	experimentos, pesquisas de opinião e atitudes, análises de conteúdo, etc.	a) análise estrutural b) experimentos	análise histórica crítica	a) análise histórica crítica, observação participante

¹¹ Quando se trata sobre publicação Brasileira sobre Teoria da Comunicação, de acordo com Luís Mauro Sá (2018c), tudo indica que os dois primeiros livros foram publicados no ano de 1969 e eram “Teoria Social da Comunicação”, do Jacob Pinheiro Goldenberg (1969), e “Teoria Geral da Comunicação Coletiva”, de Sérgio Vellozo (1969). Porém esses dois autores não dividam seus trabalhos em escolas.

				b) hermenêutica , etnografia, observação participante
Objetivos	elucidação de lei, predição	a) elucidação de estruturas universais b) controle do processo	elucidação de leis	a) elucidação de leis e significados b) elucidação de significados
Tipos de Explicação	casual / funcional	a) estrutural b) matemática	casual (dialética)	a) dialética b) interpretativa
Visão de Ciência	neutra (positiva)	a) neutra b) neutra (positiva)	comprometid a	a) comprometid a b) não neutra
Categoria típica de análise	opiniões, atitudes, funções	a) textos b) máquinas e sistemas	“indústria cultural”	a) instituições, formações, formas b) textos
Definição de comunicação	respostas discrecionária de	a) sistema complexo de significações	é a mercadoria produzida	a) é um sistema de significações

	um organismo a um estímulo	b) estuda e aplica $H=\log^2 N$	indústria cultural	através do qual, necessariamente, uma ordem social é comunicada, reproduzida, experimentada e explorada b) é o processo simbólico através do qual a realidade é produzida, mantida, reparada e transformada
Autores principais	Lasswell, Lazarsfeld, Lewin, Hovland, Festinger, Rogers e etc.	a) Saussure, Levi-Strauss, Barthes b) Shannon, Weaver, Wiener, Epstein	Escola de Frankfurt, H. Schiller, A. Mattelart, etc.	a) Center for contemporary Cultural Studies, Birmingham; Raymond Williams, Cambridge b) James W. Carey, Illinois

(LIMA, 1983, p.95)

A divisão, usada por Venício (1983), visava indicar, de forma resumida, as características básicas dos quatro modelos teóricos e metodológicos, que, para o autor, reunia as linhas principais de estudo da comunicação social, da época. É importante frisar que o próprio Venício já considerava o modelo incompleto, mas que a ideia era apenas mostrar as diferenças entre os modelos e servir de base para estudos mais profundos.

Para Luis Mauro Sá Martino (2018a), é curioso o fato de nenhuma das “escolas”, presente no livro do Venício, serem usadas em outros livros sobre Teorias. O autor, então, conclui que o que chamamos atualmente de “Teoria da Comunicação”, não era no passado criando assim um panorama de dispersão muito grande, pois o que é teoria em um livro, não é em outro e escolas fundamentais para alguns autores não são nem citadas por outros.

Na pesquisa do Luis Mauro Sá (2018a), ele chama atenção para outro detalhe: os números. Ele aponta para 12 teorias, divididas em 189 abordagens. Mas algo que particularmente me chama atenção é para a descrição dos autores desses livros, de acordo com o autor são 133 autores e destes apenas duas mulheres.

Fazendo uma pequena abordagem numérica, temos um panorama de teoria da comunicação. Ao menos doze teorias. Pode parecer pouco, mas dentro de cada assunto há uma pluralidade de abordagens – são 189, em um conjunto de 133 autores e duas autoras. O autor mais citado é McLuhan. O segundo é Harold Lasswell, que raramente trabalhamos como referencial. Mas nem eles estão em todos os livros. Mais próximo ao nosso repertório metodológico, Benjamin tem cinco citações. Na sequência vêm Habermas, Bourdieu, Morin e Althusser. Com menos espaço, Adorno, Deleuze, Hall – este último, aliás, muito presente nos estudos de Comunicação e pouco citado nos livros de teoria. De novo, podemos intuir um descompasso entre a teoria e a pesquisa em comunicação. É curioso observar, dentro dessa lista, que a maioria deles talvez não se identificasse como “teórico da comunicação”. Em alguns casos podemos perguntar quais as razões da apropriação. O que nos leva a nossa terceira dimensão, que é a pedagógica – ou como transformar os problemas epistemológicos e institucionais em prática pedagógica (MARTINO, L. M. S., 2018a, p.11).

Em outra parte dessa pesquisa, Luis Mauro Sá (2018a) destaca que, em 2007, eram cerca de trinta livros intitulados “Teoria da Comunicação” e, em 2018, ele relata que existiam quarenta e três livros, publicados entre o período de 1969 até 2016, um aumento de 13 publicações em nove anos. De acordo com Luis

Mauro Sá, ao examinar esses livros, ele percebeu a presença do que ele chama de três “zeros”. O primeiro zero é para o número de autores africanos, asiáticos, do Leste Europeu, do Oriente Médio, ou qualquer um que não seja dos Estados Unidos, França, Alemanha, Itália, Inglaterra, México, Colômbia, Argentina e Brasil. Zero também é o número de autores brasileiros citados fora de Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Pernambuco e Rio Grande do Sul. E o terceiro zero é relativo ao número de mulheres citadas em mais de um livro.

Os resultados dessas pesquisas só comprovam o quão em formação ainda está o campo da comunicação, e a falta de consenso entre autores da área. Porém uma frase do Luis Mauro Sá (2018a, p.7) chama a atenção, “transformar esse panorama depende de cada pesquisador. O esforço de pensar teoria da comunicação não é só estudar um conjunto de conceitos abstratos, mas pensar teoria como algo que a gente vive”.

E é pensando em teorias da comunicação com algo vivo que está em construção, que precisamos nos questionar sobre alguns pontos. Como, por exemplo, quantas teorias da comunicação existem? São muitas ou poucas? As existentes são suficientes? Com o intuito de nos ajudar a entender melhor essa discussão, sobre a quantidade de teorias da comunicação, o professor Luiz Cláudio Martino (2007) traz à tona a problemática iniciada na década de 90 pelos professores Charles Berger¹² e seu colega Robert Craig¹³, ambos professores e pesquisadores estadunidenses.

O primeiro ponto, que é importante destacar, é a discussão simplificada em torno do questionamento, se existem poucas ou muitas teorias, que, para o Luiz Cláudio Martino (2007), é uma entrada interessante na dimensão

¹² Charles Berger foi parte integrante na formulação da teoria da redução da incerteza. A teoria da redução da incerteza explica como os seres humanos utilizam estratégias de comunicação para diminuir a incerteza em relação a outros seres humanos. Berger publicou mais de 100 artigos e capítulos de livros. Ele coeditou a primeira edição do Manual de Ciência da Comunicação com Steven H. Chaffee. Ele coeditou a segunda edição do Manual de Ciência da Comunicação com Michael Roloff e David R. Ewoldsen.

¹³ Robert T. Craig é um teórico da comunicação e professor emérito da Universidade do Colorado. Ele é formado em Speech pela University of Wisconsin-Madison, e é especialista em teoria da comunicação e filosofia, além de análise do discurso e argumentação. O trabalho de Craig "Teoria da Comunicação como um Campo" recebeu o Prêmio de Melhor Artigo da Associação Internacional de Comunicação, bem como o Prêmio De Monografia de Aniversário Dourado da Associação Nacional de Comunicação.

epistemológica. É a partir dessa discussão que graves questões que cercam o corpo teórico de nossa área podem ser estudadas.

Evidentemente, uma questão como esta ultrapassa o quadro de uma simples troca de opiniões, ainda que seja entre duas autoridades da área, pois o que menos importa é chegarmos a qualquer resposta imediata que nos leve a aderir a uma dessas posições. Nosso objetivo aqui não é indicar quem estaria com a razão, mas saber como devemos entender esta dissensão. É fácil perceber que, por detrás desta desavença, temos problemas mais profundos sobre o que devemos entender por “campo comunicacional”. As diferenças de abordagem e de foco que separam estes dois autores encerram, a meu ver, um grande potencial e são bastante propícias à análise de algumas inquietações sobre o estado do campo (MARTINO, L. C., 2007, p.100).

Para entendermos um pouco mais sobre essa inquietação, precisamos entender alguns pontos do trabalho de Berger, destacados por Martino (2007). De acordo com Martino, o trabalho do Berger é estruturado a partir de três passos fundamentais. O primeiro seria um levantamento rápido sobre o estado do campo comunicacional. E nesse ponto se destaca o alto nível de fragmentação do campo e a falta de produção teórica própria. De acordo com Martino (2007), em um segundo momento, dado a evidência da falta de produção, Berger tenta comprovar seu diagnóstico e indaga-se a respeito das razões que nos levaram até a problemática de como chegamos a este estado de fragmentação? Quais são as razões de nosso déficit teórico? E por último, no terceiro ponto, ainda segundo Martino (2007), Berger examina algumas soluções para a fragmentação e o déficit teórico do campo.

Fazendo uma síntese dos trabalhos epistemológicos dos anos 70 e 80, o autor identifica um conjunto de fatores comuns que servem de base para a reflexão a respeito da definição do campo. Entre elas, a constatação praticamente incontornável sobre a fragmentação do campo. Temos aí um ponto de partida quase que obrigatório quando se trata de apontar o atual estado do campo de estudos da comunicação. Berger não constitui exceção, mas marca sua diferença em relação a outros autores ao se alinhar com um pequeno número de pesquisadores que tentam chamar a atenção para as consequências desta fragmentação (por exemplo, Escarpit, 1991; Martino, 2001). De forma abreviada, podemos dizer que a fragmentação não é apenas um estado, mas um processo. Ou seja, o campo não seria apenas fragmentado, ele continuaria a se fragmentar, produzindo novas temáticas e novas subáreas que vêm se juntar

às já existentes. Por isso a fragmentação é vista como um processo que engendra cada vez mais fragmentação, aumentando constantemente a extensão do campo e nos levando a níveis maiores de complexidade, o que evidentemente agrava o problema de sua definição. O campo não seria apenas “rico e diverso”, como querem alguns, mas ele será cada vez mais diversificado, a ponto de não podermos mais manter o contato entre suas partes ou ter uma compreensão de seu todo (MARTINO, L. C., 2007, p.102).

Para Berger, essa fragmentação é um problema por diminuir a troca de conhecimento entre as várias subáreas do campo, visto que, quanto mais se divide um campo, mais difícil é conseguir manter a união entre ele, principalmente quando acontecem poucas trocas e colaborações entre as subáreas e isso dificulta uma definição sobre o que é comunicação. Essa pouca relação entre as subáreas do campo sugere que as subáreas sejam na verdade campos independentes.

Aqui é importante abrirmos um parêntese e voltarmos um pouco para entendermos o que são e quais essas subáreas ou subdivisões do campo tão faladas por Berger. Martino (2006a, p. 48) nos diz que o campo é dividido em pelo menos “15 dimensões, a serem exploradas, descritas, pensadas e desdobradas”, ele não nomeia todas essas 15 dimensões, mais nos fala que podemos ter uma ideia sobre os desdobramentos do campo comunicacional, na obra de Stephen Littlejohn (1982), onde se pode ver dez diferentes subcampos para as teorias da comunicação. São eles: 1) a teoria dos sistemas e a cibernética, 2) o interaccionismo simbólico, 3) a teoria dos signos (codificação verbal e não-verbal), 4) o significado e pensamento, 5) a teoria da informação, 6) a teoria da persuasão e mudança, 7) a teorias de comunicação interpessoal, 8) a teorias de comunicação em pequenos grupos, 9) a teorias da organização humana e 10) a teorias de comunicação de massa.

O que Martino (2007) explica é que, para Berger, essa grande quantidade de divisões dificulta o diálogo entre as subáreas do campo, causado assim “a falta de um conjunto de problemas comuns, que desempenhem um papel estruturante” (MARTINO, 2007, p. 103) e que esse problema é amplificado pela inexistência de uma síntese dos conhecimentos do campo. No entanto, a forma que o campo é construído hoje, por subáreas que possuem certo distanciamento uma das outras e em alguns casos até falta de consenso entre elas, faz com que

Martino (2007) enfatize que isto não significa necessariamente que elas sejam ou venham a se tornar domínios autônomos, ou seja, venham tornar se novos campos de pesquisa.

Sendo assim, um dos problemas dessa fragmentação de pesquisas é a confusão causada em congressos, simpósios e até em livros de áreas específicas quando trabalhos, apresentados em uma subárea, poderia ser facilmente apresentados em outras áreas. E essa indefinição das subáreas é apenas um reflexo das próprias pesquisas e deixa exposta toda a dificuldade que elas têm para delimitar e precisar seus objetos de investigação, como explica Martino (2007).

De todo modo, as subáreas foram criadas com o intuito de resolver o problema da polissemia da área comunicacional, mas acabam não cumprindo seu papel de delimitar os domínios mais restritos e acabam enfrentando os mesmos problemas colocados para a totalidade da área, a falta de definição (Martino, 2007).

Luiz Cláudio Martino (2007) divide o trabalho de Charles Berger em quatro planos para explicar a falta de uma atividade teórica própria da comunicação, o que faz com que Berger acredite que tenhamos poucas teorias. O primeiro ponto são as razões históricas, pois desde sua origem a comunicação foi identificada como um campo interdisciplinar e estas raízes extracampo se fazem presentes ainda hoje e deixaram marcas profundas que continuam estruturando o nosso campo, além de induzir a ideia de que a comunicação é uma ciência social aplicada.

Para Berger, se a pesquisa em comunicação é meramente uma aplicação das teorias desenvolvidas em outras ciências, para responder os “problemas da comunicação”. Então, não há necessidade de os pesquisadores em comunicação desenvolverem suas próprias teorias de comunicação. E essa percepção do saber comunicacional como uma ciência aplicada, para Berger, de acordo com Martino (2007), nos leva a um baixo desenvolvimento teórico, porque as pesquisas recaem sobre os problemas da prática, mas também porque os esquemas teóricos são tomados emprestados de outros saberes e não próprios da comunicação.

O segundo ponto em que Martino (2007) classifica o trabalho de Berger é a obsessão metodológica. Para Berger, como as raízes teóricas do campo se encontram em diversas disciplinas, de diversas ciências diferentes, a única necessidade para se tornar um pesquisador em comunicação é se familiarizar com o respectivo corpo de teorias da sociologia, psicologia e ciência política e aprender a empregar as técnicas metodológicas. Por essa razão, Martino (2007) destaca que, para Berger, funciona o mesmo raciocínio empregado em relação ao problema da comunicação como uma ciência aplicada. Indicando assim uma “obsessão metodológica” o que é mais outra forma de discutir sobre o campo, do que, realmente, um problema.

De todo modo, seja pelo viés da metodologia, seja pelo viés da aplicação da teoria, a questão gira em torno da ideia que a área tem de si mesma. Se ela se vê apenas como um campo, então é natural que considere a si mesma como uma ciência aplicada e que volte sua atenção para problemas práticos. De onde a preocupação metodológica e a ideia de que os pesquisadores em comunicação são apenas meros “testadores de hipótese” de outras áreas. Se não nos ocupamos da produção de um saber particular à comunicação, se estamos convencidos de que somos apenas um campo (em oposição a uma disciplina), então é natural que passemos a aplicar teorias de outras áreas ou nos contentamos em desenvolver métodos para testá-las (MARTINO, Luiz Cláudio, 2007, p.107 - 108).

Então, para Berger, somos apenas meros “testadores de hipótese” de outras áreas, porque não produzimos nossas próprias pesquisas, mas nos apropriamos de outras ciências. Outro aspecto, destacado por Berger, é a apropriação da pesquisa em comunicação pelos departamentos de jornalismo e de letras, o que, para o autor, pode explicar em parte, a carência de crescimento teórico. Para Berger, estas disciplinas acadêmicas estão fortemente ancoradas numa tradição de ensino voltada para o desenvolvimento de habilidades práticas, pois os estudantes de graduação, formados nestes cursos e em cursos que seguem mais pela vertente da prática, por acreditar que a produção de teoria não é uma dimensão relevante em sua formação ou nas práticas profissionais. Com isso, Martino (2007) traz os dois últimos planos que Berger utiliza para explicar a falta de uma atividade teórica própria da comunicação. A aversão ao risco de errar e a formação acadêmica, a self-selection.

Berger também destaca a formação acadêmica como um dos motivos de nossa deficiência teórica. Ele não poupa críticas ao

comparar o vago projeto de muitas faculdades de comunicação com as manchas sem significado do famoso teste de Rorshach, ou seja, em nossa área cada um vê o que quer, basta projetar suas expectativas que elas se acomodam perfeitamente à realidade de nossos cursos, pois a indefinição destes permite que cada um os veja segundo os próprios interesses. Daí o fato de que “a maioria dos estudantes podem se ver como estando bem adaptados em um programa de pós-graduação típico, mesmo quando a especialidade deste não está exatamente de acordo com o que eles gostariam de fazer” (p. 109). Nossos alunos parecem ter certeza de estarem no lugar certo, ainda que tendam a serem cépticos quanto à utilidade dos ensinamentos ministrados. Vemos que a condição em que se encontra nossa formação acadêmica faz com que ela complete injunções de mercado e de inserção social dos alunos, instaurando uma circularidade acadêmica que se auto-alimenta de mal-entendidos e cujo produto é a manutenção de um estado de fato onde o desenvolvimento teórico perde seu sentido (MARTINO, L. C., 2007, p.109).

Quando Berger destaca a “aversão ao risco de errar” ou o medo de expor suas próprias ideias, ele está falando sobre os estudantes universitários e o medo de produzir novas teorias e precisar submeter-se às críticas dos colegas e professores, o que Martino (2007) diz que nem sempre é feito com isenção, separando o lado pessoal do profissional, e pode afastar o aluno a desenvolver uma carreira acadêmica. Por isso, é muito mais fácil e seguro desenvolver uma carreira acadêmica apenas testando ou comentando as teorias dos outros ao invés de fazer as suas próprias teorias. Outro ponto, destacado por Martino (2007), é que, em nossa área, o desempenho acadêmico é avaliado em termos de produção de textos introdutórios voltados ao ensino da prática.

Então, seriam as teorias um simples auxiliar para desenvolvimento de habilidades práticas? Para Martino (2007), essa ideia que temos da teoria, parece contaminada, ou simplesmente está de acordo com a ideia que temos do campo como atividade aplicada. Para o autor, precisamos destacar que a formação acadêmica, se inicia desde as expectativas dos alunos até os projetos de ensino, passando pelo sistema de formação das autoridades da área. E esses pontos acabam formando um sistema com os outros aspectos trabalhados, que são a fragmentação do campo, as heranças históricas, as raízes extracampo, a comunicação como ciência aplicada, que levam a uma direção onde se pouco valoriza o desenvolvimento teórico, restando apenas na prática.

Se a discussão até o momento é sobre a baixa produção de teorias da comunicação, já que, pelo ponto de vista de Berger, nós não produzimos teorias, apenas aplicamos, as que foram feitas por outras áreas. O autor Robert T. Craig nos traz outra perspectiva: a existência de muitas teorias sobre Comunicação e o porquê de não termos uma única resposta para o que são as Teorias da Comunicação.

Mais do que discussões pontuais, são diferenças de pontos de vista que promovem a incompatibilidade de diagnósticos de nossos dois autores. Enquanto Berger toma como pressuposto a distinção entre o que é uma produção do campo e o que é importado de outras áreas do conhecimento (embora não aponte em que ela se fundamenta), Craig procura justamente problematizar esta distinção, o que o leva a extrapolar os limites de nossa área e admitir um âmbito muito maior de produção teórica. Ele parte do princípio de que somente poderemos entender o problema da produção teórica em comunicação levando-se em conta o movimento global das ciências humanas e das humanidades (MARTINO, L. C., 2007, p.111).

Comparado com o texto de Charles R. Berger, o artigo de Robert T. Craig é menor e mais conciso, pois no ponto de vista de Martino (2007) não se trata de uma análise completa do campo, mas de um problema central, articulado em duas etapas. Craig introduz duas problemáticas importantes, que não estavam diretamente contempladas na análise de Berger e que podem ser expressas por duas perguntas: - O que é teoria? - Como devemos nos situar em relação à interdisciplinaridade? (Martino, 2007).

Craig acredita que, desde os anos 70, estamos perdendo a certeza do que é uma teoria, isso é se um dia já a tivemos. Para o autor, atualmente a própria noção de teoria é contestável. Uma das primeiras contraposições ao artigo de Berger, Craig fala que corpus teórico da comunicação é muito maior que aquele indicado por seu colega e que a solução não é apenas a produção de novas teorias, mas sim o próprio significado de saber o que são teorias. Porque, segundo Craig, o fato de não sabermos o que são as teorias, proporciona uma série de outras produções, paralelas ao campo comunicacional, criando assim um alargamento dos horizontes teóricos do campo.

Este crescimento é nomeado, de acordo com Martino (2007), interdisciplinaridade, que, para Craig, é a verdadeira motivação para o atual

estado do campo. Para o autor, o incontornável crescimento do campo juntamente com a indefinição ou ao alargamento dos horizontes teóricos dificulta o entendimento do que significa Teorias da Comunicação.

Mas voltando ao grande ponto, o que é teoria? Para Craig (1993, p. 28), “as definições convencionais de teoria estão atrasadas em relação à prática: elas não refletem mais a atual gama dos trabalhos teóricos no campo” (apud MARTINO, 2007, p. 113). Mas é importante deixar claro que o autor não está falando sobre a oposição entre a academia e a prática, contudo ele fala sobre a prática dos teóricos, sobre a produção das teorias. Para ele, as definições não comportam mais o que está sendo produzido atualmente.

Em resumo, o autor acredita que não sabemos mais o que é teoria, pois, para Craig (1993, p. 29), “há pouca semelhança entre as novas escolas de teoria interdisciplinar e as tradicionais formas de teoria nas ciências empíricas” (apud MARTINO, 2007, p. 115). O que faz com que ele acredite que a solução para a interdisciplinaridade é deixar para trás o conceito que temos de teorias e seguirmos produzindo o que estamos fazendo, sem rotular como teorias. O que para Martino (2007) é tão inconsistente, porque se nós descartamos a discussão epistemológica não faz sentido se perguntar “por que existem tantas teorias da comunicação?” e, também, porque simplesmente esquecer o conceito que nos trouxe até aqui não resolve o problema, só coloca ele em segundo plano.

Em suma, há algo de embaraçoso em tudo isso: Craig afirma que não sabemos mais o que é teoria, mas o problema aparece formulado a partir de práticas “teóricas”; não podemos mais distinguir as fronteiras entre os saberes, mas temos certeza de que ainda se tratam de “teorias da comunicação” (MARTINO, L. C., 2007, p.115).

Para Martino (2007), reconhecer a interdisciplinaridade como paradigma epistemológico é justamente o problema e não um fato colocado para nossa área, como Craig pretende que aceitemos. Segundo o autor, o movimento interdisciplinar se coloca como “anti-epistemológico” quando pretende superar a ciência e se impõe como um obstáculo na busca do saber comunicacional. Enfim, “o problema das teorias da comunicação não pode ser tratado passando-se ao largo da questão fundamental da definição do saber comunicacional” (Martino, 2007, p. 137).

Não basta discutirmos o que é teoria ou incentivarmos sua produção, é necessário sabermos o que é comunicação, o que faz dela uma teoria da comunicação. Entre muitas ou poucas, seria preciso antes se perguntar quais e por que: Quais são as teorias da comunicação?; e por que as consideramos como tais? (MARTINO, L. C., 2007, p.137).

Para Martino (2007), o que precisamos é debatermos o que é comunicação, o porquê uma pesquisa pode ser considerada uma teoria da comunicação e outras não e para isso precisamos da epistemologia. E o papel de se pensar teorias depende de todos nós, tanto professores como alunos, porém ensiná-las é um desafio, pois, como foi falado neste capítulo, as teorias estão vivas e sendo modificadas a cada dia, além de existir diferentes pontos de vista. Por essa razão, no próximo capítulo, vamos apresentar a importância de ensinar as teorias da comunicação para os estudantes de graduação, de forma epistemológica, focando na formação do campo.

4.3 O ENSINO DE TEORIAS DA COMUNICAÇÃO

Como já foi discutido nos capítulos anteriores, não existe um critério para se definir o que são as Teorias da Comunicação, porém a demanda pedagógica está aí. Todos os anos novos alunos entram nos cursos de comunicação em busca de aprender. E é necessário se pensar em formas de como agrupar o conteúdo já adquirido na área.

Como aponta Martino (2013, p. 1), “o ponto de partida é a observação de certa assimetria entre as discussões epistemológicas e o cotidiano da disciplina nos cursos universitários”, ou seja, para o autor, a discussão epistemológica acaba ficando renegada ao papel de coadjuvante. O ensino da Comunicação nas universidades de todo o país exige que as discussões do plano epistemológico sejam traduzidas de uma forma relativamente organizada e em uma linguagem que seja compreensível ao jovem. Tudo isso compilado em uma disciplina intitulada “Teorias da Comunicação”.

Não deixa de se notar a ambivalência em pensar que a palavra “disciplina” possa ser usada para significar, de um lado, “controle” e “organização” e, de outro, para designar o corpo de saberes agrupados em torno de um eixo dentro do universo pedagógico, constituindo-se em um espaço discursivo relativamente autônomo. De origem latina, a palavra “disciplina” tem seu uso consagrado a partir da Idade Média; parece derivar

do que se referia ao *discipulus*, consagrada à formação/informação que acontece dentro de uma relação entre professor e aluno. Embora em menor escala, verifica-se também, na época medieval, o uso da palavra para identificar normas de conduta específicas. Dessa maneira, “disciplina” refere-se tanto à organização de saberes dentro de uma relação pedagógica quanto à organização e controle desses saberes (MAGNAVACCA, 2005, p. 225 apud. MARTINO, L. M. S., 2013, p.02)

O professor Luís Mauro Sá (2011b) levanta um questionamento o qual me fiz muitas vezes durante a minha graduação e a execução desse trabalho, “qual ‘teoria da comunicação’ está sendo levada para as salas de aula? [...] quais são os conteúdos lecionados na disciplina ‘Teoria (ou ‘Teorias’) da Comunicação?’” (MARTINO, 2011b, p. 1) e porque alguns professores dedicam aulas inteiras a uma determinada escola e não se preocupam em explicar o surgimento do campo comunicacional?

Matéria obrigatória nos cursos de Comunicação desde a regulamentação dos cursos (Lins da Silva, 1978), Teoria da Comunicação apresenta-se como uma disciplina de fronteiras móveis, na qual saberes de várias áreas são agrupados em torno de objetos e temas nem sempre consensuais. O que é “Teoria da Comunicação” em uma universidade pode não ser em outra, e é possível dizer que essa indefinição de alguma maneira talvez esteja ligada aos problemas epistemológicos da área desde sua consolidação como ensino superior (Martino, L.M., 2009; 2010). Seria possível encontrar uma ressonância desses problemas no conteúdo dos programas examinados – por exemplo, a questão do objeto de estudos e da interdisciplinaridade (França, 2001; Barbosa, 2002). (MARTINO, L. M. S., 2011b, p.03).

As disciplinas teóricas são sempre nomeadas como obrigatórias para o curriculum de todo estudante e como tudo que é imposto para o jovem como obrigação, elas são vistas como “banalidades desnecessárias e distantes do concreto da prática ‘do mercado jornalístico e publicitário’” (Russi-Duarte, 2010, p.2). É importante lembrar que os cursos da área de comunicação refletem sua estruturação em torno de demandas de mercado. Em algumas universidades, eram divididos em habilitações¹⁴ que compunham um corpo de saberes técnicos,

¹⁴ Embora não seja encontrada uma conceituação geral no Ministério da Educação (MEC), as nomenclaturas **habilitação** e **ênfase** são muito utilizadas em universidades e outras instituições. Mas o termo habilitação caiu em desuso e as universidades estão utilizando a ênfase. Que significa uma **subárea de concentração e aprofundamento de estudos** dentro das disciplinas gerais do curso ou da habilitação.

como o caso do Jornalismo, da Publicidade e Propaganda, das Relações Públicas, do Rádio & TV, Editoração, entre outras, como enfatiza Luís Mauro Sá (2011b).

Partindo do pressuposto que os cursos foram criados para treinar profissionais para o mercado, eles tendem a tentar equilibrar em uma balança os saberes técnicos e os humanísticos. Os estudos teóricos são divididos em algumas disciplinas que compõem as grades dos cursos universitários, porém a disciplina que mais se destaca é a “Teoria da Comunicação” porque é ali onde se espera encontrar “um saber unânime”.

A disciplina “Teoria da Comunicação” está ao lado de outras que não deixam de ser estudos teóricos da Comunicação, aumentando a possibilidade de confusão a respeito da especificidade dessa disciplina. Nesse sentido, Pinheiro et al. (2006), pesquisando a assimilação da disciplina “Teorias da Comunicação” entre estudantes da Universidade Estadual do Piauí, mostram uma ambiguidade: os alunos reconhecem a importância da disciplina, mas ressentem-se das dificuldades do tema e da falta de referenciais para compreendê-lo (MARTINO, L. M. S., 2011b, p.04).

Como aponta Luís Mauro Sá (2011b), os estudantes sabem a importância da disciplina, mas pela dificuldade do tema e pelo fato de não possuírem “um repertório conceitual para questionar se aqueles saberes são, de fato, ‘Teoria da comunicação’”, é causada uma grande confusão quando se vai buscar em lugares como na internet, ou em outros livros e se descobre que não existe um consenso sobre quais são as Teorias da Comunicação e é ainda pior quando nas bases curriculares das universidades não existe a disciplina com esse nome, porém existem outras disciplinas com o mesmo conteúdo.

Destacam-se, primeiramente, os problemas referentes à presença e nomenclatura da disciplina nas grades curriculares, pois alguns cursos não possuem uma disciplina nomeada como Teorias ou Teoria da Comunicação. Considerando que a disciplina é básica e obrigatória, entende-se que, possivelmente, alguns cursos adotam outras nomenclaturas ou ministram o conteúdo de teorias dentro de outra disciplina. Nesse sentido, a quantidade de nomenclaturas verificadas indica uma possível problemática para a organização da disciplina devido à falta de parâmetro de um assunto básico e fundamental para a área. Acredita-se que isso possa gerar implicações negativas, pois não evidencia o que e como os cursos de Comunicação estão debatendo e ensinando as principais teorias que apoiam a ciência (GOBBI et. al., 2017, p.114).

A problemática, trazida por GOBBI et al. (2017), sobre a falta de uma nomenclatura para as disciplinas que ensinam “Teorias da Comunicação” ganha um peso maior quando percebemos que os assuntos abordados em cada programa de ensino são diferentes. Como é mostrado no estudo realizado pelo professor Luís Mauro Sá (2011b) onde nós podemos ver que dos 31 programas universitários¹⁵ de ensino de Teoria da Comunicação, que ele analisou apenas quatro tópicos foram encontrados em mais da metade dos programas analisados. De um total de 101 possíveis, apenas onze estavam presentes em mais de um programa e nenhum tópico é utilizado em todas as universidades analisadas. Abaixo, podemos ver um quadro feito pelo Luís Mauro Sá (2012), com base nos dados da pesquisa citada, onde mostra o número de citações de autores e escolas nos 31 programas de ensino.

Autor / Escola	Citações
Escola de Frankfurt	23
Escolas Norte-Americanas	20
Estudos Culturais	13
Questões Epistemológicas	13
McLuhan	12
Estruturalismo / Semiótica	12
Escolas Latino-Americanas	9
Cibercultura / Redes	4
Newsmaking e Pesquisa de Efeitos	2

¹⁵ Em 2011, foram estudados pelo Professor Luís Mauro, os programas das seguintes instituições ECA – USP; FACITEC – Faculdade de Ciências Sociais e Tecnológicas; Faculdade Estácio de Sá de Santa Catarina; FAIMI – União das escolas do grupo; FAIMI – Mirassol; FDJ – Faculdade 2 de Julho; FIB – Centro Universitário da Bahia; UCG – Universidade Católica de Goiás; UCS – Universidade de Caxias do Sul; UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro; UFBA – Universidade Federal da Bahia; UFC – Universidade Federal do Ceará; UFG – Universidade Federal de Goiás; UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais; UFPA – Universidade Federal do Pará; UFPE – Universidade Federal de Pernambuco.

Umberto Eco	2
-------------	---

(MARTINO, Luís Mauro Sá, 2012, p.22)

Essa discrepância entre o objeto de estudo em diferentes universidades também pode ser notada na pesquisa de GOBBI et al. (2016) onde os autores analisam as disciplinas e ementas dos anos de 2014/2015, das oito universidades públicas do Nordeste. Como podemos observar abaixo, na tabela produzida pelos autores em 2015.

Instituição	Cursos oferecidos	Disciplina na graduação	Ementa
Universidade Federal da Paraíba - UFPB	Jornalismo, Rádio e TV, Relações Públicas	Teorias da Comunicação (mesma ementa para todas as habilitações)	As teorias clássicas sobre a comunicação e a constituição do objeto da comunicação. A epistemologia e a problemática científica do campo teórico da comunicação. As sociedades e as teorias contemporâneas da comunicação e das mídias: análise e crítica.
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG	Comunicação Social	Teorias da Comunicação	As diversas correntes teóricas e suas contribuições para formação do campo de estudo em comunicação social. A tradição norte-americana de estudos da comunicação de massa. O estudo dos efeitos da comunicação de massa na sociedade moderna. Teoria Crítica e a contribuição da Escola de Frankfurt nos estudos das teorias da comunicação. Paradigma midiológico e as correntes contemporâneas de estudos científicos da comunicação.
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE	Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Rádio e TV	Teorias da Comunicação (mesma ementa para todas as habilitações)	O objeto da comunicação social. Contribuições interdisciplinares para a construção de uma teoria da comunicação. Transformações históricas, processos de comunicação e seus inter-relacionamentos.
Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC	Rádio e TV	Teorias da Comunicação	Contribuições interdisciplinares para uma reflexão em torno da comunicação midiática.

(Bahia)			As diversas correntes teóricas e autores mais significativos. Teorias da comunicação nas áreas de Rádio e TV. Elemento de Teoria da Recepção.
Universidade Federal do Ceará - UFC	Jornalismo, Publicidade e Propaganda	Teorias da Comunicação I e II (mesmas disciplinas para as duas habilitações)	Teorias da Comunicação I: O objeto da Comunicação Social. Formação histórica do objeto. Comunicação Social: relações entre a formação histórica do objeto e a preocupação teórica com a Comunicação Social. Contribuições interdisciplinares para constituição de uma teoria da Comunicação Social. Teorias da Comunicação II: Novos parâmetros e paradigmas das ciências humanas para a análise da Comunicação. Emissão e recepção. Cultura e subjetividade. Comunicação e cibercultura. Interação, interpretação e experiência.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN	Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Rádio e TV	Teorias da Comunicação (ementas distintas para os cursos)	<i>Publicidade e Propaganda:</i> Evolução da Comunicação. Visões teóricas da comunicação. Teoria funcionalista. Escola de Frankfurt; a teoria dos meios; novas formas de mediação. <i>Jornalismo e Rádio e TV:</i> Evolução da comunicação e seus processos. Visões teóricas da comunicação. Comunicação e informação. Teorias dos meios. Teoria funcionalista e teoria crítica: globalização e a indústria da consciência. Estudos de mediação.
Universidade Federal de Sergipe - UFS	Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Rádio e TV	Teorias da Comunicação I e II (mesma ementa para as todas as habilitações)	<i>Teorias da Comunicação I:</i> Breve histórico acerca do surgimento das Teorias da Comunicação. Contexto e paradigmas na pesquisa sobre <i>mass media</i>. Teoria Funcionalista. Teoria Crítica. <i>Teorias da Comunicação II:</i>

			Perspectiva contemporânea: o modelo comunicativo da Teoria da Informação; o modelo Semiótico - Informacional; o modelo Semiótico textual; os Estudos Culturais.
Universidade Federal da Bahia - UFBA	Jornalismo	Teorias da Comunicação	O que é teoria. Comunicação midiaticizada. Estudo das origens e das correntes iniciais das Teorias da comunicação. As correntes teóricas e os autores mais significativos. Desdobramentos atuais das correntes fundamentais. Leitura e debate dos textos básicos da teoria da comunicação.

(GOBBI et. al., 2016, p.266)

No quadro acima, podemos observar alguns dados que chamam atenção, como o fato de que apenas uma universidade abordava em sua ementa o tema epistemologia e também o caso de duas universidades, a Universidade Federal do Ceará e a Universidade Federal de Sergipe, que possuem duas disciplinas, o que permite um tempo maior de contato do aluno com o conteúdo.

Apenas a UFPB menciona a perspectiva epistemológica do conteúdo a ser ministrado. As ementas trazem como característica principal a evolução histórica das correntes de pensamento. Pautam-se pela evolução cronológica do campo e de seu objeto comunicativo, socorrendo a ampliação da disciplina na trajetória desenhada pelo desenvolvimento histórico das correntes teóricas. O ponto central dos estudos das teorias da Comunicação, contido nas ementas dos planos de ensino estudados, tem sua origem no modelo hipodérmico, caminhando para a Escola de Frankfurt, passando pelo Funcionalismo Norte-Americano e desembocando em alguns casos na Semiótica ou nas mediações comunicativas e em outros na cibercultura (GOBBI et al., 2016, p.266).

Diferente da situação encontrada nas universidades públicas do Nordeste, em outro estudo sobre os conteúdos ensinados na disciplina de Teorias da Comunicação em cursos superiores de 10 universidades privadas de São Paulo, GOBBI et al. (2017) ¹⁶ percebeu que nas ementas de todas as

¹⁶ O corpus de análise do trabalho de GOBBI et al. (2017) totaliza 10 universidades com cursos de Comunicação, selecionadas a partir da sua localização no estado de São Paulo e do fato de serem integrantes do sistema de ensino privado; são elas: Faculdade Anhanguera de

universidades estudadas em São Paulo o tema epistemologia era citado, como podemos ver abaixo no quadro feito pelas autoras onde se mostra os temas abordados nas ementas.

Tema	Nº de vezes abordado
Epistemologia da Comunicação	10
Conceitos e processos de comunicação	6
Escola de Frankfurt	6
Escolas e Teorias da Comunicação	5
Teoria da Informação	5
Comunicação e cultura de massa	4
Escola Sociológica Européia	3
Funcionalismo	3
Teoria Estruturalista	3
Comunicação e Sociedades Complexas	2
Interdisciplinaridade	2
Teoria Hipodérmica	2
Estudo crítico latino-americano	1
Estudos Culturais	1
Informação como produto	1
Sociedade da Informação	1
Sociedade Midiática	1
Teoria Social	1
Teorias da Comunicação e Jornalismo	1

(GOBBI et al., 2017, p.111)

Jacareí, Centro Universitário Claretiano, Escola Superior de Administração e Gestão (Esags), Centro Universitário de Votuporanga (Unifev), Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (Fecap), Faculdade Eduvale de Avaré, Universidade Paulista (Unip), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp) e Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP). Dessas universidades, foram analisadas as grades curriculares de 19 cursos de graduação em Comunicação.

De acordo com GOBBI et al. (2017), essa tabela ilustra a consagração das teorias mais tradicionais, que são elas a hipodérmica, a cultural, a funcionalista e a crítica. Porém também nos mostra que algumas teorias mais recentes não são tão utilizadas, nas universidades paulistas, como é o caso do pensamento latino-americano. E “é interessante observar que todas essas universidades analisadas estão localizadas no contexto latino-americano e não estimulam a formação de um pensamento científico que acompanhe essa corrente” (GOBBI et al., 2017, p.112). Por outro lado, as universidades do Nordeste utilizam e muito os autores e livros da corrente latino-americana, como explica GOBBI et al. (2016), que nos mostra que os autores latino-americanos têm predominância, nas ementas das universidades públicas do Nordeste.

Da análise, destaca-se que os dois livros mais utilizados são compilações de diversas teorias, cujos organizadores são brasileiros, mas não tratam de correntes exclusivamente latino-americanas. Contudo é possível afirmar que a corrente latino-americana ainda predomina entre os livros mais adotados devido a presença dos cinco títulos não compilados, acima mencionados. O livro “Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências” (HOHLFELDT et al., 2001) é o único utilizado por 100% das instituições analisadas. Verificou-se ainda que o único autor que possui mais de uma obra no grupo dos livros mais adotados é Mauro Wolf, com os livros “Teorias da Comunicação” e “Teorias da Comunicação de Massa” (GOBBI et al., 2016, p.276).

Em resumo, o que podemos perceber analisando todas essas pesquisas é que sempre vai haver divergências entre o que é ensinado na disciplina de Teorias da Comunicação, dependendo da universidade, do curso e de outros tantos fatores, como por exemplo, a carga horária de muitos cursos, que é limitada. Martino (2013) nos explica que é necessário selecionar o que será debatido em sala de aula e acrescenta a importância de se debater a epistemologia nas salas de aula, Brasil afora.

Dado que os cursos universitários têm uma carga horária limitada, é necessário selecionar o que será discutido e, com isso, chega-se ao problema central: diante da diversidade epistemológica e da pluralidade de teorias da comunicação, como e o que ensinar na disciplina? O problema é compartilhado por outras matérias, mas, no caso de Teoria(s) da Comunicação, trata-se de apresentar um cânone básico da área, para o qual não parece haver definição epistemológica (MARTINO, L. M. S., 2013, p.03).

As discussões epistemológicas ganharam força na última década, como ressaltava Rafael Grohmann (2018), “o campo da comunicação no Brasil se solidificou tanto institucionalmente – como evidencia, o exponencial crescimento dos programas de pós-graduação – quanto em termos de discussões epistemológicas” (GROHMANN, 2018, p.1). Nós estamos falando mais sobre a dimensão epistemológica, em congressos, periódicos e livros da área, porém como já foi citado, Martino (2013) aponta uma desconformidade entre os debates e o que é levado para as disciplinas de Teorias da Comunicação, principalmente na graduação.

E é na tentativa de entender e debater o motivo de se ensinar “Teoria da Comunicação” que o professor Pedro Russi-Duarte (2010, p.1) nos fala que “a sala de aula, no ato de ensino, deve ser entendida como um laboratório – cotidiano – de provocações e dúvidas”. E o objetivo do autor é o mesmo que o deste trabalho, “problematizar a relação, no âmbito do ensino com as teorias, a partir de conceitos que tencionam as enganosas ideias redutoras e esquemáticas das mesmas” (Russi-Duarte, 2010, p.1). Nossa ideia é abrir os horizontes dos alunos e permitir que o debate epistemológico chegue à sala de aula.

[...] para avançar no ensino das teorias, a provocação do ato interrogativo proposto por Sócrates: “o que é a coragem?”. Veja-se que não está interessado em saber ou mostrar atos de coragem e obter exemplos – aliás, a resposta verdadeira não seria essa –, porém, interessa-lhe a definição conceitual de coragem (DUARTE, 2010, p.9)

O que Pedro Russi-Duarte (2010) quer nos fazer refletir é que as teorias nos mostram caminhos a seguir, mas nós não podemos continuar na zona de conforto. Temos que usá-las e testá-las, em nosso cotidiano, provocando, assim, “o processo de inquirição para Peirce” (Russi-Duarte, 2010, p.9) e, desse modo, formamos um processo teórico. E por isso é tão importante o papel intelectual e provocador do professor, pois, como acrescenta Pedro Russi (2010, p.9), “as teorias são conceitos não dados sim elaborados, isso quer dizer construídos no macro e micro ações dos sujeitos que as pensaram e pensam como executantes de formas de compreender o mundo”.

Rafael Grohmann (2018) nos mostra que, em primeiro ponto, é preciso esclarecer o que é ciência, olhando a atividade social, a prática, pois é a partir

daí que podemos pensar o contexto de ensino-aprendizagem da disciplina de Teorias da Comunicação.

O olhar para a praxis (Marx; Engels, 2007) nos permite compreender a ciência e a pesquisa científica a partir da concretude e da materialidade da vida social (Vieira Pinto, 1979), de maneira que uma ciência ensimesmada – ou uma “epistemologia pela epistemologia”, de certa forma, estéril – pode não contribuir para a produção de conhecimento em sociedade. Conforme Álvaro Vieira Pinto (1979, p. 491), “não devemos cair na concepção ingênua da epistemologia sem sujeito, da metodologia sem o homem”, pois a prática da pesquisa é, antes de mais nada, uma prática social (GROHMANN, 2018, p. 02).

Para Rafael Grohmann (2018), é no processo de ensino e aprendizagem, enquanto diálogo que se constroem as Teorias da Comunicação, pois para o autor não há só “ensino” ou “aprendizagem”, tudo faz parte do processo “desde o desenho do programa, passando pela seleção dos textos-base, até as relações desenvolvidas em sala de aula e os métodos de avaliação: tudo envolve, portanto, modos de comunicar as teorias” (GROHMANN, 2018, p.3).

E é importante pontuar que não é uma tarefa nada fácil fazer parte desse processo, nem para os professores que precisam pensar em ementas que caibam essa imensidão de conteúdo e em formas de exemplificar as teorias de forma que seja fácil para o estudante entender, porém também não é fácil para os alunos, que estão sempre sobrecarregados com outras disciplinas teóricas, com trabalhos práticos e a vida cotidiana, além do fato que a linguagem de muitos dos textos trabalhados em sala de aula não são simples de entender, fora alguns textos que nem são traduzidos para o português. Disso, surge a necessidade diária dos professores precisarem desmistificar que as teorias são complicadas demais e que não possuem ligação com o dia a dia.

Como, portanto, são produzidos e circulam os sentidos acerca de Teorias da Comunicação nos mais diversos lugares? Ou: como podemos fazer circular, comunicar e “traduzir” as Teorias para além do circuito acadêmico já estabelecido (que envolve a leitura de livros e periódicos especializados e idas a congressos)? (GROHMANN, 2018, p. 04).

E é com o intuito de aproximar as Teorias da Comunicação da vida praxis dos estudantes que o professor Rafael Grohmann (2018) desenvolveu a produção de dispositivos educacionais que ajudam a circular e comunicar

os conceitos desenvolvidos nas disciplinas, em diferentes plataformas e de diferentes jeitos. Em um primeiro momento, o professor requisitou que os alunos produzissem jogos de tabuleiro e cartas de RPG. Essa atividade tinha o intuito de introduzir, por meio dos jogos e de atividades lúdicas, os conceitos e autores vistos na sala de aula.

Mas os dispositivos educacionais não se pretendem – e nem poderiam ser – substitutos de livros ou textos, pois são dispositivos comunicacionais diferentes, a partir de ordens outras de produção e consumo. Desta forma, não se pretende que o consumidor desses dispositivos se torne um expert em Habermas, McLuhan ou Martín-Barbero, tratando-se mais de uma introdução aos conceitos (GROHMANN, 2018, p. 06).

E foi a partir da ideia de criar formas de trazer as teorias para o cotidiano dos alunos que o professor Rafael Grohmann (2018) teve uma ideia ao assistir a dublagem intitulada “Lazarsfeld apanha de Adorno”¹⁷, um corte de uma cena muito famosa da novela “Celebridade”, que foi exibida pela Rede Globo em 2003, na qual Maria Clara, personagem das atriz Malu Mader, dá uma surra em Laura, interpretada por Cláudia Abreu. No vídeo da dublagem, feito pelos alunos da Universidade Federal Fluminense (UFF), orientados pela professora Ana Lúcia Enne, nós podemos ver Theodor Adorno e Paul Lazarsfeld se duelando ao explicar alguns parâmetros da “teoria crítica” e da “teoria funcionalista”.

A importância de utilizar cenas de novela, filmes, séries, ou o videoclipe da música da música favorita, um diálogo famoso de um filme, ou até mesmo um meme, contanto que seja algo do cotidiano do aluno permite relembrar memórias advindas da cultura das mídias e auxiliar no processo de identificação com o objeto de estudo, mas também na aprendizagem. O mesmo acontece com os estudantes de cursinho pré-vestibular que fazem paródias para lembrar fórmulas matemáticas, ou os assuntos da biologia. E o professor Rafael Grohmann (2018, p.7) fala sobre isso, que caso “o dispositivo fosse trocado por um curta-metragem ou um vídeo estilo youtuber, com as mesmas explicações dos conceitos, o

¹⁷ De acordo com Rafael Grohmann (2018) em 10 de julho de 2018, a dublagem apresentava 17.604 visualizações no Youtube. Durante a execução desse trabalho eu procurei o vídeo, mas ele foi removido da plataforma então não é possível saber o número atual de visualizações.

O vídeo pode ser visto no link a baixo: <https://drive.google.com/file/d/1jdL5NQPICdK4HVmMd9qX-1oLdhMZpwHA/view?usp=sharing>

resultado seria outro” porque os alunos não teriam a dificuldade de pensar em formas de como traduzir os conceitos para encaixarem nas cenas escolhidas.

Ao longo dos tempos, uma cena se mostrou comum: no início do semestre, os estudantes acham o projeto das dublagens muito divertido; ao final, com o trabalho entregue, não raro o comentário é: “professor, foi divertido, mas muito mais difícil do que eu pensava”. A dificuldade relatada pelos estudantes refere-se ao processo de tradução e ao próprio processo de comunicação, fazendo circular os sentidos entre o texto do teórico da comunicação e um vídeo advindo da cultura midiática, com os constrangimentos enquanto dispositivo comunicacional. Em geral, quando se cobra, como método de avaliação, os conhecimentos dos estudantes em relação a um texto específico, é comum a solicitação de resenhas, formato que os estudantes acabam por se acostumar. Então, há menos dificuldade na tradução do texto acadêmico visto em sala de aula para um outro texto acadêmico que o esforço de passagem para outros dispositivos comunicacionais (GROHMANN, 2018, p. 11).

De acordo com Rafael Grohmann (2018), entre os anos de 2012 e 2018, foram produzidos mais de 100 vídeos de dublagens, por estudantes de graduação nas disciplinas ministradas por ele. E algo que ele relata é que durante o processo de tradução/transformação do texto da bibliografia da disciplina, em um vídeo os alunos fazem circular os significados de um texto e eles não aprendem só durante o processo da produção do conteúdo, mas, também, quando assistem os vídeos de dublagens dos colegas. Mas como já foi falado pelo Rafael Grohmann (2018), pode ser divertido, mas não vai ser fácil e a ideia não é “simplificar”, mas traduzir, criar uma identificação com o aluno e, para isso, precisamos todos, alunos e professores, pensar juntos em formas de como sair do local de conforto e criar novas metodologias para o ensino de Teorias.

Como redesenhar os estudos de teoria para sair do já feito e mantido como não problemático? Penso que precisamos construir percursos e abordagens diferentes daquilo apresentado como ‘tornar as teorias mais fáceis’, que se apresenta como escolha obrigatória no contexto curricular atual; porém, temos razões para nos colocar “contra as modas intelectuais nas ciências (...)”; O pensador da moda é, de um modo geral, prisioneiro da sua moda...” (POPPER, 1999, p.9 *apud* DUARTE, 2010, p.12).

Para Pedro Russi-Duarte (2010, p.13), o que torna o processo de aprendizagem valioso são “as interações é saber dos erros, idas e vindas

conceituais, escolhas”, para ele algo precisa ser passado para os alunos é que para pesquisas diferentes serão usados diferentes teorias, mas isso não diminui a outra apenas são escolhas de cada pesquisador e professor, porém “a tarefa a ser executada é sair da restrição intensamente presente no cenário universitário enquanto compreendido como oposto aos processos teóricos pela exaltação de um profissionalismo mal chamado de prático” (Russi-Duarte, 2010, p.13) e, assim, criarmos uma aliança entre teoria, epistemologia e metodologia, o que, para Russi-Duarte (2010, p.13), “potencializa a compreensão aprofundada do saber (dinâmica dos conceitos) da disciplina”.

E é no intuito de unir as teorias, da epistemologia e da metodologia que surge a ideia deste trabalho, criar um podcast que introduza os conceitos de epistemologia para os alunos de graduação de uma forma que eles entendam, falando de igual para igual, mas sem ser simplista e contando com professores especialistas no assunto.

4.4 O PODCAST

Percebendo a carência de uma forma de ensino que se conecte com o estudante e que possa ser usado como ferramenta para ajudar professores e alunos a debaterem sobre epistemologia, surgiu a ideia para o conteúdo deste trabalho. A proposta é criar uma ferramenta que possa ser usada para suprir a necessidade de alunos e professores, com relação ao ensino das Teorias da Comunicação.

O formato do podcast permite chegar a um grande número de pessoas de forma fácil. Por ser atrativa aos jovens, surge a ideia de criar um podcast para divulgar os estudos sobre Teorias da Comunicação. Outro ponto que ajudou para a escolha do podcast como ferramenta foi o aumento no número de pessoas que passaram a escutar regularmente algum podcast no Brasil, durante os anos de 2020 e 2021, em decorrência da pandemia de Covid-19. Nesse período houve um aumento de 33%, o que representava cerca de 28 milhões de brasileiros, com mais de 16 anos, que incorporaram o hábito de ouvir podcasts, durante o período de isolamento social¹⁸. Mas o hábito de ouvir podcast continuou crescendo, como

¹⁸ Trecho da pesquisa realizada pelo Kantar Ibope 2020, citado na reportagem de BARBOSA, Mariana. Audiência de podcasts no Brasil registra aumento de 33% em ano de pandemia. O Globo, 21 de janeiro de 2021. Capital. Disponível em:

mostra a pesquisa realizada pelo Kantar Ibope¹⁹ em 2022, na qual, de acordo com os dados, 40% do público que ouve rádio no Brasil, escuta pelo menos algum podcast. A estimativa é de que são 34,6 milhões de pessoas, que ouvem com regularidade algum podcast no país²⁰. Com esse aumento no número de ouvintes, o Brasil passou a ocupar o posto de terceiro país do mundo com maior número de consumidores de podcast, ficando atrás apenas da Suécia e da Irlanda²¹.

De acordo com Vicente (2018), a primeira menção, que se tem registro, do termo “podcasting” foi publicada na edição de 12 de fevereiro de 2004 do jornal britânico The Guardian. Essa denominação foi usada por Ben Hammersley, autor do artigo “Audible Revolution”, para nomear a prática de produção doméstica e distribuição de arquivos de áudio pela internet que começava a se fortalecer. Porém, ainda segundo Vicente (2018), Hammersley sugeriu o termo quase como uma denominação geral. Somente em agosto daquele mesmo ano, surgiu a prática específica que a expressão nomeava.

O formato como conhecemos hoje surgiu em 2004, quando Adam Curry criou uma ferramenta para enviar arquivos de áudio para tocadores de música. Na época, o agregador iTunes. De forma simples, o podcast é um programa de áudio e vídeo que tem como principal característica distribuir conteúdo atemporal na internet chamado de podcasting. Com o benefício da retrospectiva, tudo parece bastante óbvio. Tocadores de MP3, como o iPod da Apple, em muitos bolsos, softwares de produção de áudio baratos ou de graça, e blogs, uma parte estabelecida da internet; todos os ingredientes estão lá para um novo boom no rádio amador. Mas como chamamos isso? Audioblogging? Podcasting? GuerillaMedia? (HAMMERSLEY, 2004, apud VICENTE, 2018, p. 83)

Mas antes de entendermos um pouco mais sobre podcast, é necessário lembrar que, na primeira fase do podcast, que se iniciou em 2004, quando a

<<https://blogs.oglobo.globo.com/capital/post/audiencia-de-podcast-cresce-33-em-ano-de-pandemia.html#:~:text=No%20ano%20marcado%20pela%20pandemia,eram%2021%20milh%C3%B5es%20de%20ouvintes>>. Acessado no dia 09 de abril de 2021.

¹⁹ Pesquisa disponível no site do Kantar Ibope: <https://www.kantaribopemedia.com/estudos-type/inside-radio-2022/>>. Acessado no dia 31 de outubro de 2022.

²⁰ De acordo com a Podpesquisa de 2020-2021 disponível no site da abpod: <https://abpod.org/podpesquisa/>>. Acessado no dia 31 de outubro de 2022.

²¹ De acordo com dados da Statista e IBOPE, publicados na reportagem de ROVAROTO, Isabela. Brasil é o 3º país que mais consome podcast no mundo. Exame, 21 de março de 2022. Disponível em: <<https://exame.com/pop/brasil-e-o-3o-pais-que-mais-consome-podcast-no-mundo/>>. Acessado no dia 29 de outubro de 2022.

internet ainda possuía limitações para a distribuição de música e áudio. Porém, no início dos anos 2000, de acordo com Nair Prata (2013), a internet já hospedava 191 emissoras de webrádio. Nesse período, a programação radiofônica se expandiu para além do dial, conseguindo ser adaptada para outras mídias e publicada no site oficial da emissora e nas redes sociais, o que possibilitou o aumento da interação com o público. Essa fase da amplificação do rádio é definida, por Kischinhevsky (2016), como rádio expandido.

Para complexificar ainda mais nosso objeto, é preciso definir o rádio como um meio de comunicação expandido, que extrapola as transmissões em ondas hertzianas e transborda para as mídias sociais, o celular, a TV por assinatura, os sites de jornais, os portais de música. A escuta se dá em AM/FM, ondas curtas e tropicais, mas também em telefones celulares, tocadores multimídia, computadores, notebooks, tablets; pode ocorrer ao vivo (no dial ou via streaming) ou sob demanda (podcasting ou através de busca de arquivos em diretórios). A escuta se dá em múltiplos ambientes e temporalidades, graças a tecnologias digitais que franqueiam também a produção, a edição e a veiculação de áudios a atores sociais antes privados do acesso a meios próprios de comunicação. (KISCHINHEVSKY, 2016, p.279).

O rádio expandido, conceituado por Kischinhevsky, possibilita a multimídia, por meio do uso da linguagem para múltiplas mídias. Ele também favorece a hipertextualidade. Ou seja, a colocação de informações que podem ser acessadas através de links, o que leva ao aprofundamento dos dados em diversas plataformas. Outra característica do rádio expandido é a personalização, quando o ouvinte escolhe o que quer escutar. Além disso, essa nova fase do rádio amplia a interatividade. O rádio expandido permite, também, a formação de banco de dados para se construir uma memória para que se possa acessar os conteúdos preferidos quando quiser.

Porém, quando falamos de podcast, diferentemente do que muitos podem pensar, não estamos falando sobre o rádio. De acordo com Vicente (2018), o podcast tem assumido formatos de produção e características próprias e formando assim uma nova prática de produção e consumo sonoro. O autor divide o podcast em quatro categorias que são elas: os podcasts jornalísticos, ficcionais, programas identitários e divulgação científica e cultural.

Dessas categorias, apresentadas por Vicente (2018), a autora Viana (2020) detalha as características dos podcasts voltados para o jornalismo e diz

que, nesta categoria, os podcasts narrativos ganham destaque e protagonizam a criação dos novos produtos. Outro formato que ganha destaque entre os podcasts jornalísticos, de acordo com Viana (2020), é o uso do storytelling para podcasts que se enquadram no narrativo. A autora acredita que algumas “características provenientes do rádio contribuem para potencializar o uso do storytelling em narrativas de podcasts” (VIANA, 2019, p. 8).

Ela destaca que a essência do podcast narrativo é baseada na linguagem sonora, que recorre frequentemente à descrição dos fatos, lugares e pessoas; o caráter sinestésico da narrativa radiofônica; e o interesse por histórias humanizadas. Viana (2019) explica que essas produções podem possuir produções atemporais, de caráter seriado e por não ter um tempo de produção controlado por uma grade de programação, podem-se utilizar várias sonoras para dar vida aos personagens, recorrendo às próprias vozes e depoimentos dos envolvidos.

Com base em Arlindo Machado (2000), Luana Viana (2020) aponta três categorias para compreender como a narrativa seriada pode se manifestar no podcast. Eles tendem a ser divididos em capítulos, ou em episódios seriados divididos por temporadas. E alguns possuem episódios unitários. E mesmo não sendo um podcast jornalístico, o Teóricas irá utilizar a categoria de trazida por Arlindo Machado (2000) de episódios seriados, divididos por temporadas e também a característica, trazida por Viana (2019), de humanizar as histórias por meio da descrição dos fatos, lugares e pessoas.

Voltando a Vicente (2018), o autor acredita que o rádio terrestre, especialmente as emissoras comerciais, trabalham em sua maioria com a transmissão ao vivo, com o apresentador em muitos casos sendo o responsável também pela operação técnica. Já nos podcasts, é possível o desenvolvimento de uma produção mais elaborada, com um trabalho de edição complexo, no qual podem ser incluídos ambientes, efeitos, vozes, trilha musical e material previamente gravado. Também, por isso, o podcast está permitindo o resgate do gênero radiofônico ficcional e a produção de trabalhos jornalísticos e documentais mais sofisticados.

O podcast supera a limitação determinada pela “instantaneidade”, ou seja, de que “a mensagem precisa ser

recebida no momento em que é emitida” (ORTRIWANO, 1985). A possibilidade de (re)escuta on demand, característica do podcast, permite às produções exigir de seus ouvintes uma audição mais atenta e imersiva. Assim, também nesses termos, o podcast parece se afastar do rádio convencional estabelecendo com ele uma relação de complementaridade: enquanto este pode preencher com músicas e notícias parte do dia de seus ouvintes, o podcast pode propor outra relação de escuta e, de um modo geral, uma variedade muito mais ampla de programação e um nível mais complexo de experimentação sonora. (VICENTE, 2018, p.105).

E com o intuito de categorizar esse novo formato, Medeiros (2006) propôs uma classificação dessa mídia em quatro modelos, que explico melhor abaixo:

1) O modelo de metáfora que possui características semelhantes a um programa de rádio de uma emissora convencional (dial), com os elementos característicos de um programa como: locutor/apresentador, blocos musicais, vinhetas, notícias, entrevistas etc;

2) O formato editado, quando a emissora de rádio edita os programas que foram veiculados na programação em tempo real, ou não, e disponibilizam os programas no seu site, ou aplicativo próprio ou de streaming, para serem ouvidos em outro momento pelo ouvinte que “perdeu a hora do programa”;

3) O de registro que também são conhecidos como “audioblogs”. Este modelo, segundo o autor, é o mais curioso e possui temas muito diversos e se trata de um registro, de uma opinião ou de um acontecimento;

4) E os educacionais que será o modelo utilizado por este trabalho, pois, segundo o autor, é através desse modelo de podcast que é possível disponibilizar aulas, muitas vezes em forma de edições continuadas, semelhantes aos antigos fascículos de cursos de línguas que eram vendidos nas bancas de revistas.

Como intuito do “Teóricas” é divulgar o conhecimento científico, ele se encaixa no modelo nomeado como educacional, por Medeiros (2006), mas vai um pouco além, porque a ideia não é disponibilizar aulas gravadas, ou conteúdos que se assemelhem ao de uma aula ou palestra. Por seguir o caminho que é descrito por Vicente (2018) dos podcasts de divulgação científica e cultural, pois o autor traz cinco exemplos de podcasts científicos de áreas diversas que trabalham dentro da perspectiva da divulgação de conhecimentos, mas de forma

bastante criativa, com a linguagem característica da internet, o uso de ferramentas como BGs, vinhetas e quadros.

Muitos podcasts trabalham dentro da perspectiva da divulgação de conhecimentos, alguns deles de forma bastante criativa. Entre eles, podemos destacar:

Sternengeschichten (<https://goo.gl/hJiLBp>), Alemanha: podcast sobre astronomia vinculado a um coletivo de blogs de divulgação científica. Ele ocupava, em 7 dezembro de 2017, a vigésima posição entre os podcasts mais ouvidos do iTunes na Alemanha.

Podcasts do College de France, França: a universidade francesa disponibiliza palestras, aulas e seminários em forma de podcasts voltados para as diferentes áreas do conhecimento. Essas produções podem ser acessadas no site da emissora pública France Culture (<https://goo.gl/YAVgzX>).

Les chemins de la philosophie (<https://goo.gl/UAjQBJ>), França: este tradicional programa da emissora France Culture é apresentado por Adèle Van Reeth e traz temas bastante diversos e contemporâneos, que passam pela literatura, cinema, música popular, entre outros.

Blue planet II: The podcast (<https://goo.gl/jc98GP>), Reino Unido: podcast de BBC 1 que tinha seus episódios lançados logo após a exibição do programa televisivo de mesmo nome, apresentado por David Attenborough. Nele, as apresentadoras Emily Knight e Becky Ripley buscam discutir, com algum humor e leveza, as questões apresentadas no programa televisivo, principalmente por meio de entrevistas com membros da equipe.

99% invisible (<https://goo.gl/HGxW12>), Estados Unidos: um dos podcasts de maior sucesso da história, o programa surgiu como um projeto da emissora pública KALW e do American Institute of Architects de San Francisco. Seu criador, Roman Mars, foi um dos fundadores do coletivo de podcasts Radiotopia (<https://goo.gl/4jUmws>), que reúne algumas das produções norte-americanas de maior sucesso. Segundo seus criadores, “99% Invisível é sobre o pensamento dedicado às coisas sobre as quais não pensamos – sobre a arquitetura e o design despercebidos que moldam nosso mundo” (VICENTE, 2018, p.103).

Os exemplos, trazidos por Vicente (2018), são todos estrangeiros, porém no Brasil existem dois podcasts muito conhecidos pelo trabalho de divulgação científica. O *Dialéticas*, que tem como objetivo discutir assuntos da atualidade a partir da produção acadêmica. Produzido de forma independente, ele discute todas as sextas-feiras, um tema a partir de um artigo científico ou capítulo de livro, promovendo a publicação através de um debate leve e explicativo. E um outro exemplo é o podcast *Teorizadah*, sobre epistemologia. Ele fala sobre como é fazer pesquisa no mestrado e doutorado em Comunicação na UNISINOS a

partir das trajetórias de seus egressos e professores. E esses dois exemplos servem como inspiração para este projeto.

Outro conceito, que será usado neste trabalho, é o de gêneros radiofônicos, trazidos por Barbosa Filho (2003). Para ele, os gêneros radiofônicos estão diretamente relacionados à função específica que possuem nas grades de programações. Essa função é estrategicamente articulada para agradar a audiência.

Segundo o autor, os gêneros radiofônicos são divididos em jornalísticos, entretenimento, publicitário, serviço e gênero especial. E cada um desses gêneros subdivididos em subgêneros. Para Barbosa Filho (2003), os subgêneros jornalísticos mais conhecidos são: nota, notícia (flash), boletim, reportagem, entrevista, comentário, editorial, crônica, rádio jornal (jornal falado), documentário, debates, programas policiais e esportivos e divulgação tecnocientífica. A nota é um informe sintético de um fato atual, redigido por meio de frases diretas, quase telegráficas. A notícia ou o flash é o módulo básico da informação, escrita de forma curta com, no máximo, um minuto e meio, sem aprofundamento. Normalmente, é realizada ao vivo.

O boletim é um pequeno programa informativo de cinco minutos de duração, distribuído ao longo da programação e apresentando notas, flashes, reportagens e pequenas entrevistas. A reportagem é a narrativa mais completa do acontecimento, oportunidade para se divulgar o maior número possível de versões. A entrevista é uma das principais fontes de coletas da informação e está presente em todos os gêneros. O comentário é uma opinião sobre um fato, exige conhecimento especializado. O editorial é o posicionamento da emissora sobre um determinado acontecimento.

A crônica conta uma história de forma diferente, geralmente da atualidade, o texto transita entre as fronteiras do jornalismo e da literatura. O rádio jornal é o jornal falado de uma emissora de rádio, produto mais nobre que congrega vários formatos e geralmente tem meia hora de duração. Já o documentário jornalístico é uma abordagem mais profunda sobre um fato, produzido a partir de uma minuciosa pesquisa. O debate é um espaço de discussão coletivo sobre um ou mais temas no qual os participantes apresentam ideias diferenciadas. No programa policial há uma cobertura de acontecimentos

na área por meio de flashes, reportagens, entrevistas e comentários. No programa esportivo existe a cobertura dos eventos esportivos. Na divulgação tecnocientífica, o rádio cumpre a função de informar sobre o campo da ciência.

O gênero educativo-cultural é o formato por meio do qual o rádio se propõe a elevar o nível de consciência e estimular a reflexão. No Brasil, foi muito utilizado na fase inicial do rádio como elemento educacional. Nele, há os seguintes subgrupos: programa instrucional, audiobiografia, documentário educativo-cultural e programa temático.

Já o gênero de entretenimento desperta crescente interesse pelo seu caráter diversional, pois pretende conquistar a audiência explorando a riqueza do universo da linguagem do rádio, podendo ir do real à ficção. Ele tem a capacidade de incorporar outros gêneros radiofônicos. Segundo Barbosa Filho, nesse gênero se pode os subgêneros: o programa musical, a programação musical, o programa ficcional, o programete artístico, o evento artístico e o programa interativo.

O gênero publicitário utiliza o espaço radiofônico para a divulgação ou a venda de produtos e serviços. Nele, estão os subgêneros: spot, jingle, testemunhal e peça de promoção. Já no gênero propagandístico, o rádio propaga ideias, crenças, princípios e doutrinas. Nele, o autor identificou a peça radiofônica de ação pública (governamental), o programa eleitoral e o programa religioso.

No gênero de serviço, o subgênero informativo se distingue dos subgêneros do jornalismo pelo seu caráter de “transitividade”, por meio do qual se veicula notícias sobre trânsito, tempo e anúncios de utilidade pública. Ou seja, ele provoca uma reação imediata do ouvinte. Esse formato ganha cada vez mais espaço nas programações e pode ter as seguintes classificações: as notas de utilidade pública, o programete de serviço e o programa de serviço.

O gênero especial é um formato híbrido que apresenta características de vários modelos detalhados por Barbosa Filho. É um gênero multifuncional que se divide em peça infantil e programa de variedades. Destes conceitos trazidos por Barbosa Filho, podemos perceber que atualmente os podcasts se utilizam da influência de muitos gêneros do rádio. Por esse motivo utilizaremos neste

trabalho a ideia de Barbosa Filho e faremos um podcast voltado para a divulgação tecnocientífica.

Para execução do "Teóricas", foi escolhido como gênero principal do podcast, seguindo a definição de Medeiros (2006), o gênero Educacional e também utilizamos o gênero radiofônico de divulgação científica e cultural, definido por Barbosa Filho (2003). Já os subgêneros utilizados foram às entrevistas e a divulgação tecnocientífica. Esses gêneros foram escolhidos por serem formas de disponibilizar aulas, muitas vezes em forma de edições continuadas e, também, por elevarem o nível de consciência e estimular a reflexão, que é exatamente o que buscamos com esse projeto, estimulando a reflexão dos estudantes com relação à importância de se debater sobre epistemologia.

Em cada programa dois professores ou pesquisadores apresentam o assunto de forma intercalada. Por meio das entrevistas em profundidade foi possível obter pontos em comum e de discordância entre os entrevistados e, a partir disso, foi montado o script do programa, com o intuito de explicar o assunto, porém de uma forma que vá além de apenas uma entrevista. Por envolver vários blocos, com perguntas e trechos das entrevistas, o tempo de duração do podcast ficou definido para em média ficar entre 30 a 45 minutos, para ser algo que se pode ouvir durante o caminho para a faculdade, ou em um momento de estudo. E também porque de acordo com algumas pesquisas, como por exemplo, a Podpesquisa²² e a Acast²³ a média de tempo dos podcast é de cerca 40 minutos, podendo chegar até 1h, que é o tempo que os ouvintes mais preferem, pois é possível ouvir durante um deslocamento e não fica muito cansativo²⁴.

Para a apresentação deste trabalho, foram produzidos dois episódios. Pela questão do tempo de produção, de cada programa foram escolhidos assuntos introdutórios para iniciar o debate sobre epistemologia, mas a ideia é dar continuidade no projeto mesmo após a conclusão do curso, objetivo deste

²² Uma das pesquisas mais consolidadas sobre podcasts no Brasil.

²³ Empresa que em 2014, desenvolveu uma tecnologia de inserção dinâmica que pode direcionar publicidade em podcasts com base em localização, horário e dados pessoais.

²⁴ Trecho das pesquisas realizadas pela Podpesquisa e pela Acast, em 2021, citado no artigo do site Feed Gurus. Disponível em: <

trabalho. No próximo capítulo será discutido mais sobre o processo de produção do podcast e de como ele foi planejado.

5 METODOLOGIA

A ideia de fazer um podcast sobre Teorias da Comunicação veio no final de 2019, após participar como ouvinte do GP de Teorias da Comunicação, durante o 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, o Intercom, realizado em Belém do Pará. Lá, eu pude perceber o quanto o assunto me chamava atenção e, ao mesmo tempo, o quão era difícil estudar Teorias da Comunicação pela falta de um consenso, mas principalmente porque não se tinham ferramentas que facilitam esse contato para os estudantes, principalmente de graduação. É importante deixar claro que durante a graduação tive contato de forma leve e divertida com as teorias, por meio das dublagens que eram feitas pelos alunos do professor Rafael Grohmann, que já foi citado neste trabalho e me foram apresentadas pelo meu orientador Rodrigo Barbosa.

Quando a ideia surgiu uma das primeiras coisas foi procurar nas plataformas on-line de streaming se já existiam outros podcasts sobre o tema e sim, existiam vários. Mas os que encontrei eram feitos por professores e não passavam de uma entrevista ou de uma aula gravada em áudio. Alguns eram feitos por alunos, mas eram resumos dos textos lidos em sala. Então, a ideia era fazer algo diferente, que usasse dos recursos ofertados pelo meio e servisse de debate para se falar sobre epistemologia de forma mais leve, contextualizando o assunto com a vida cotidiana dos estudantes.

Durante o processo de pesquisa para o projeto, ao conversar com outros estudantes e com colegas de curso, pude perceber que era uma dificuldade não só minha, mas do grupo de conseguir trazer as teorias para o contexto do cotidiano. E é pensando em uma forma que possa ajudar no processo de introdução, para que os estudantes possam iniciar suas próprias pesquisas sobre o assunto, uma forma de chamar a atenção para o tema da epistemologia, que chegamos à conclusão que o tempo de duração do podcast será em média de 30 a 45 minutos.

Para execução desse podcast, foi escolhido como gênero principal do podcast, seguindo a definição de Medeiros (2006), como descrito no capítulo anterior, o gênero Educacional e também utilizamos o gênero radiofônico de divulgação científica e cultural, definido por Barbosa Filho (2003). Já os

subgêneros serão a entrevista, pois utilizamos delas para conceituar os temas abordados durante cada episódio, e a divulgação tecnocientífica.

O programa será dividido em duas partes, uma para apresentação dos conceitos, com as falas dos entrevistados e citações dos textos e pesquisas deles e de outros autores sobre o tema. E na segunda parte do podcast, é um momento para tirar as dúvidas mais frequentes dos alunos sobre o assunto, será a hora da revisão, onde será recapitulado o que foi falado durante o programa. A ideia para a abertura do programa é usar frases de textos sobre os temas abordados e falar dos entrevistados, adotando o exemplo de podcasts como O Assunto, da jornalista Renata Lo Prete, que antes da vinheta traz falas dos entrevistados.

No primeiro programa, intitulado “Teorias Da Comunicação: O Que São? Como Nascem? E Quantas São?”, discutimos sobre a formação do campo comunicacional em uma entrevista com os professores e pesquisadores de epistemologia Luís Mauro Sá Martino, professor de Comunicação Comparada no Curso de Jornalismo, da Cásper Líbero, Luiz Claudio Martino, professor titular em Teorias e Epistemologia, da Comunicação da Universidade de Brasília.

Para iniciarmos o podcast e para apresentação do trabalho de conclusão de curso, foram feitos dois episódios, que contam com entrevistas dos professores Luiz Claudio Martino e Luís Mauro Sá Martino, para o primeiro episódio, e Rafiza Varão e Pedro Russi-Duarte, para o segundo episódio, chamado de “A importância do ensino de Teorias nos cursos de Comunicação”. Ambos os programas introdutórios à problemática da epistemologia, o primeiro focado no surgimento do campo e o segundo falando sobre o ensino das teorias.

As entrevistas serão profundas, mas em cada episódio serão usados trechos de cada pesquisador, para, assim, compormos uma experiência completa de compilados de ideias. Isso significa que partes da mesma entrevista serão usadas como base para as entrevistas seguintes. E para a abertura do programa.

Para uma melhor organização durante o desenvolvimento do podcast, foram seguidas as etapas de produção, descritas por Magaly Prado em seu livro “Produção de Rádio: Um Manual Prático”, publicado em 2006. Nesse livro, a autora nos mostra quais são as atividades necessárias para a elaboração e

manutenção de um programa de rádio. Magaly divide as etapas de produção em: produção executiva, pré-produção, produção e pós-produção.

Seguindo essas etapas o primeiro passo foi produção executiva, que é o início de todo o projeto, seja um programa de rádio, um filme ou um podcast. Foi durante fase onde foi decidido quem faria parte do projeto, os programas, a grade e os elementos que vão compor o programa como um todo. De acordo com Prado (2006), o produtor executivo é o profissional responsável pelas decisões mais importantes referentes ao programa. E foi nessa fase onde realizei uma extensa pesquisa bibliográfica nos livros intitulados Teorias da Comunicação, e em artigos que falassem sobre o assunto, para assim entender e descobrir o que se falava sobre o assunto e quais as grandes diferenças de uma universidade para outra. Dessa forma, encontrei os possíveis autores poderiam participar dos podcasts por meio das entrevistas. Durante o ano de 2020, realizei uma pesquisa sobre os autores que participaram das entrevistas para, assim, realizar perguntas que sejam da área de pesquisa de cada um e escolher quem se encaixa melhor para cada assunto.

A próxima etapa foi a pré-produção, que Prado (2006) entende como o momento onde é estruturado o programa, tudo o que é produzido antes de o programa ou boletim ir ao ar. Segundo ela, não é bom deixar para o apresentador improvisar na fala, ou o técnico não ter um guia na colocação das sonoras e o produtor ficar ao lado esperando o que pode acontecer. Obviamente, tudo tem que ser bem detalhado antes de começar e é na pré-produção onde decidimos o horário, a linguagem, o público-alvo, o título, quando foi criada a identidade visual do podcast, juntamente com a estudante de design Emilly Lorena e outros detalhes relevantes que guiaram o programa durante sua produção. Também foi durante a pré-produção que realizamos a produção dos roteiros, norteadores das entrevistas. Nessa fase, as entrevistas foram marcadas e os horários e temas que foram abordados por cada professor divididos. Também foi na pré-produção quando organizamos as trilhas e BGs, as gravações de e as vinhetas.

Durante a pré-produção, foi decidido que o podcast Teóricas contará com mais de uma voz e com vinhetas para torná-lo mais dinâmico, agradável e, também, para auxiliar na compreensão do assunto. As vozes diferentes servirão

para ajudar o ouvinte a identificar com mais facilidade a passagem de um elemento para outro e as vinhetas também contribuirão nesta função.

Na terceira etapa é quando o programa acontece efetivamente. É durante a produção que as decisões já tomadas são colocadas em prática. Nesse ponto, a pauta já foi estabelecida, as entrevistas foram realizadas, o script foi escrito e o programa foi editado.

Na ultima etapa descrita por Prado (2006), a pós-produção, é na qual foi feita a divulgação do programa. Nesse momento, o programa é avaliado pela equipe para que possíveis ajustes sejam feitos e, assim, possa ser aprimorado em outras edições. Foi durante esta etapa que o podcast foi divulgado tanto no Spotify quanto nas redes sociais. O “Teóricas” possui uma conta na Amcor, a plataforma do Spotify e, também, no Instagram, para possibilitar um contato maior com os estudantes e receber feedbacks para próximas edições.

6 DESENVOLVIMENTO DO PODCAST

Neste capítulo, vamos apresentar como foram construídos os dois programas iniciais deste TCC, por meio dos espelhos e roteiros de perguntas que serviram de base para os scripts que auxiliaram na gravação dos dois episódios deste projeto. Veremos, a seguir, o espelho, o roteiro de perguntas e script do primeiro episódio, que aborda o surgimento do campo comunicacional e utiliza de recursos do rádio como vinhetas, recursos sonoros e múltiplos locutores para debater sobre o tema com estudantes de graduação.

6.1 ESPELHO DO EPISÓDIO PILOTO

ESPELHO EPISÓDIO PILOTO
Título do episódio: Teorias Da Comunicação: O Que São? Como Nascem? E Quantas São?
Abertura com questões de alunos sobre o que são as teorias da comunicação
Apresentação do tema
Vinheta
Conceitos apresentados por cada autor, intercalando os pontos de vista.
REVISANDO: Momento de tirar as dúvidas
Encerramento

6.2 ROTEIRO DE PERGUNTAS EPISÓDIO PILOTO

Luiz Claudio Martino (UNB)

- Como você se interessou por Teorias e Epistemologia da comunicação?
- Você tem usado a expressão campo comunicacional em alguns artigos, então Martino de forma sucinta, o que é o campo comunicacional?
- Em seu artigo “Abordagens e representação do campo comunicacional”, você parte da pergunta: “O que devemos entender pela expressão campo comunicacional?”.
- Você tem apontado uma série de problemas sobre a formação do campo, dentre elas a distinção considerar a comunicação uma ciência ou um campo. Você pode falar um pouco mais sobre essa distinção?
- Como se dá esse surgimento do campo comunicacional?
- A naturalização do conceito da comunicação e dos meios de comunicação e a indefinição do que é comunicação nos leva a polissemia do estudo?
- Qual o objeto de estudo da comunicação? E como a discussão sobre interdisciplinaridade se apresenta como um obstáculo para essa discussão?
- Os problemas relacionados a falta de um objeto e a naturalização dos conceitos reverbera nos livros e no ensino das teorias. Qual a consequência disso?
- No seu livro “Teorias da Comunicação Muitas ou Poucas”, publicado em 2007, você traz dois pontos de vista totalmente diferentes sobre esse questionamento. O de Charles Berger e seu colega Robert Craig, onde um acredita que temos poucas teorias e o outro é exatamente o oposto. Por que essa discussão é importante para gente?
- Seria possível pensar em critérios para se definir uma Teoria para a Comunicação?
- Nos cursos de comunicação muitos alunos entram buscando apenas pela prática. Porém qual é a importância de estudar Teoria?

Luis Mauro Sá Martino (Cásper Líbero)

- Como você se interessou por Teorias e Epistemologia da comunicação? O que te motivou a iniciar as suas pesquisas sobre Teorias da comunicação?
- O que são as Teorias da Comunicação?
- Porque não existe um consenso sobre o assunto?

TEC VINHETA DE ABERTURA EXPLODE// TEÓRICAS - UM PODCAST SOBRE AS RAÍZES DA COMUNICAÇÃO.// DISSOLVE VAI À BG// TEC ÁUDIO DE LUÍS MAURO SÁ MARTINO TEMPO PREVISTO: 0'20"	LOC 2: E É PARA DEBATER SOBRE ESSES E OUTROS QUESTIONAMENTO,/ QUE CONVIDAMOS A PROFESSORA RAFIZA VARÃO E OS PROFESSORES LUIZ CLÁDIO MARTINO E LUÍS MAURO SÁ,/ PARA ESSA CONVERSA SOBRE AS TEORIAS DA COMUNICAÇÃO.// LOC 1: COMEÇA AGORA O TEÓRICAS.// <u>LUÍS MAURO SÁ</u> DEIXA INICIAL - 3'28": EU SEMPRE GOSTEI MUITO DE APRENDER,/ SEMPRE GOSTEI MUITO DE CONHECER DE IR ATRÁS E DESDE O APRENDIZADO TEÓRICO ATÉ O APRENDIZADO QUE VOCÊ TEM OUVINDO UMA MÚSICA.// EXISTEM MIL MANEIRAS DE APRENDER E NA TEORIA DA COMUNICAÇÃO,/ ESTUDANDO TEORIA DA COMUNICAÇÃO,/ EU PERCEBI QUE DAVA PARA GENTE CONHECER O MUNDO ATRAVÉS DE UMA PLURALIDADE DE VISÕES, ISSO ME APAIXONOU.//
--	---

TEC TRILHA DISSOLVE VAI À BG VINHETA DO EPISÓDIO EXPLODE EPISÓDIO DE HOJE.// TEORIAS DA COMUNICAÇÃO.// O QUE SÃO?// COMO NASCEM?// E QUANTAS SÃO?// TEC TRILHA DISSOLVE VAI À BG	DEIXA FINAL 4'24" LOC 1: E É PARA FALAR DESSA PAIXÃO QUE CATIVOU O PROFESSOR DO CURSO DE JORNALISMO DA CÁSPER LÍBERO,/ LUÍS MAURO DE SÁ MARTINO,/ QUE EU RAYANNE ELISÃ,/ COMEÇO A FALAR,/ A PARTIR DE AGORA,/ SOBRE ESSE ASSUNTO QUE,/ TAMBÉM,/ ME FASCINA.// LOC 2: É UM PRAZER ESTARMOS JUNTOS NESTE PRIMEIRO EPISÓDIO DO TEÓRICAS.// EU,/ CARLA NOGUEIRA,/ JUNTO COM A RAYANNE ELISÃ ,/ INICIAMOS ESSA TRAJETÓRIA EM BUSCA DO CONHECIMENTO,/ POR MEIO DE CONVERSAS COM ALGUNS PROFESSORES DE TEORIAS DA COMUNICAÇÃO.// ASSIM ,/ VAMOS ENTENDER MAIS SOBRE A IMPORTÂNCIA DO TEMA PARA AS NOSSAS VIDAS.//
---	--

TEC ÁUDIO DE LUIZ CLÁUDIO MARTINO TEMPO PREVISTO: 1'12"	EXPLICAR PARA GENTE,/ AS DUAS MANEIRAS MAIS USUAIS,/ PARA SE RESPONDER A PERGUNTA,/ O QUE É CAMPO COMUNICACIONAL?// <u>LUIZ CLÁUDIO MARTINO</u> DEIXA INICIAL - 0' 30": HÁ DUAS MANEIRAS BÁSICAS DE RESPONDER ESSA QUESTÃO.// A MAIS COMUM É TOMAR CAMPO NO SENTIDO DE BOURDIEU,/ NO SENTIDO DA SOCIOLOGIA.// ENTÃO BOURDIEU ENTENDE CAMPO COMO A RELAÇÃO ENTRE AGENTES SOCIAIS E OBVIAMENTE TUDO QUE FAZ A MEDIAÇÃO DESSE CONJUNTO DE ATORES.// NÃO É ASSIM QUE EU TRATO.// EVIDENTEMENTE QUE O BOURDIEU JÁ TEM UM LUGAR DENTRO DA SOCIOLOGIA,/ MUITO IMPORTANTE. MAS EU ME INTERESSO PELO CAMPO,/ ENQUANTO CAMPO TEÓRICO.// QUER DIZER,/ EM CONJUNTO DE TEORIAS,/ NÃO DE PRÁTICAS DE AGENTES SOCIAIS.// ENQUANTO CAMPO TEÓRICO SIGNIFICA AS TEORIAS QUE COMPÕEM UM CERTO SISTEMA,/ ENTÃO ESTÃO RELACIONADAS ENTRE SI,/ DE TAL MANEIRA QUE UMAS COMPLEMENTAM AS OUTRAS E ELAS ESTÃO EM UMA RELAÇÃO DE INTERAÇÃO.// É ISSO QUE É IMPORTANTE!// O CAMPO ENTÃO NÃO É UMA SOMA DE TEORIAS,/ NÃO É UM DEPÓSITO DE TEORIAS,/ MAS UMA RELAÇÃO DINÂMICA ENTRE TEORIAS.//
---	---

TEC ÁUDIO DE LUÍS MAURO SÁ MARTINO TEMPO PREVISTO: 4'37"	DEIXA FINAL 1'42" LOC 1: ALGO QUE CHAMA ATENÇÃO É O FATO DE QUE O CAMPO COMUNICACIONAL,/ DIFERENTE DAS OUTRAS ÁREAS,/ NÃO SURTIU DE UMA NECESSIDADE TEÓRICA, MAS SIM DA PRÁTICA.// E POR ESSA RAZÃO AS TEORIAS FORAM SURGINDO PARA EXPLICAR AQUILO QUE JÁ EXISTIA NA REALIDADE,/ E TAMBÉM PARA FORMAR PROFISSIONAIS PARA OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO.// CHAMANDO ASSIM A ATENÇÃO DE MUITOS PESQUISADORES,/ QUE BUSCAM POR ENTENDER AS DINÂMICAS DO DIA A DIA.// LOC 2: O PROFESSOR LUÍS MAURO SÁ TAMBÉM CONCORDA COM O MARTINO QUE SURGIMENTO DO CAMPO SE DEU POR UMA DEMANDA PRÁTICA.// E É SOBRE ESSA HISTÓRIA QUE ELE VOLTA A FALAR COM A GENTE.// <u>LUÍS MAURO SÁ</u> DEIXA INICIAL - 11' 22": O CAMPO DA COMUNICAÇÃO, ELE NÃO NASCEU DE UMA NECESSIDADE TEÓRICA.// A NOSSA ÁREA TEM UMA HISTÓRIA MUITO INTERESSANTE,/ PRIMEIRO FORAM CRIADOS OS CURSOS DE COMUNICAÇÃO,/ DEPOIS A GENTE DECIDIU O QUE IA LECIONAR NESSES CURSOS.// ENTÃO ENQUANTO OUTRAS
--	--

	ÁREAS NASCIAM DA INSUFICIÊNCIA DE OUTRA ÁREA E AÍ PESQUISADORAS E PESQUISADORES IAM BUSCAR NOVOS CAMINHOS E NOVOS E NOVOS DESENVOLVIMENTOS TEÓRICOS E CONCEITUAIS.// A NOSSA ÁREA ELA FOI CRIADA MEIO QUE DE UMA MANEIRA MUITO RÁPIDA, NO FINAL DOS ANOS 60.// ENTÃO FORAM CRIADOS CURSOS DE COMUNICAÇÃO E EM SEGUIDA A GENTE COMEÇOU A PENSAR,/ TÁ,/ MAS O QUÊ QUE SE LECIONA EM UM CURSO DE COMUNICAÇÃO?// HÁ, TEM UMA DISCIPLINA CHAMADA TEORIA DA COMUNICAÇÃO.// LEGAL!// E O QUÊ É QUE A GENTE LECIONA NESSA TEORIA?// FORAM ALI OS ESFORÇOS DAS PIONEIRAS E PIONEIROS,/ QUE FORAM LÁ,/ TENTANDO PEGAR NAS CIÊNCIAS SOCIAIS,/ NA PSICOLOGIA,/ NA LINGUÍSTICA, NA ANÁLISE DO DISCURSO,/ IDEIAS QUE NOS AJUDASSEM A ENTENDER A COMUNICAÇÃO.// POR ISSO QUE A MAIOR PARTE DAS TEORIAS DA COMUNICAÇÃO VEIO DE OUTRAS ÁREAS.// ISSO EXPLICA O PORQUE O NOSSO CÂNONE É TÃO DIVERSO.// ENTÃO DE REPENTE,/ VOCÊ PODE TER AÍ NO SEU CURSO UM MÊS DE ESCOLA DE FRANKFURT,/ CORTA UM MÊS DE SEMIÓTICA.// AÍ VOCÊ VAI FALAR?/ MAS O QUE É QUE TEM HAVER UMA COISA COM A OUTRA?// NA VERDADE A DISCIPLINA TEORIA DA COMUNICAÇÃO ELA É CRIADA JUSTAMENTE A PARTIR DESSE DIÁLOGO,/ DESSA TRAMA ENTRE CONHECIMENTOS QUE VIERAM DE OUTRAS ÁREAS,/ DA
--	---

	POLÍTICA,/ DAS CIÊNCIAS SOCIAIS,/ DA FILOSOFIA,/ EU ESQUECI DE MENCIONAR,/ MAS TAMBÉM BASTANTE COISA DA FILOSOFIA,/ E O RESULTADO É ESSA DISCIPLINA QUE TEM CONTORNOS MAIS OU MENOS RÍGIDOS.// AO LONGO DAS DÉCADAS,/ FOI SE CRIANDO A ESPÉCIE DE UM CÂNONE, MAS UM CÂNONE QUE EU CHAMO DE CONSENSO MÍNIMO.// ENTÃO SE VOCÊ PEGAR UM DOS QUASE TRINTA LIVROS,/ EU PERDI A CONTA, TRINTA E POUCOS LIVROS DE TEORIA DA COMUNICAÇÃO,/ VOCÊ VAI VER QUE NEM UMA TEORIA SE REPETE EM TODOS.// NO WAY.// MAS ALGUMAS,/ ESTÃO PRESENTE NA MAIOR PARTE DELES.// ESSAS DAÍ FORMARIAM UMA ESPÉCIE DE CÂNONE.// AS OUTRAS, COMO QUE ENTRAM, OU DEIXAM DE ENTRAR?// A PARTIR DE VÁRIAS QUESTÕES.// A PRIMEIRA DELAS É O QUANTO UMA TEORIA DIALOGA COM A REALIDADE.// PRINCIPALMENTE NO CURSO DE GRADUAÇÃO,/ A ONDE A GENTE TEM,/ AO MEU VER, A GENTE TEM A TAREFA DE TRABALHAR A TEORIA COMO UMA COISA VIVA, ALGUMA COISA QUE TE EXPLIQUE PORQUE O MUNDO É ASSIM.// EU PENSO, POSSO TÁ ERRADO,/ MAS EU PENSO QUE SE UMA TEORIA NÃO AJUDA VOCÊ A ENTENDER O QUE ACONTECER QUANDO VOCÊ VAI NO SUPERMERCADO,/ ENTÃO ESSA TEORIA NÃO TÁ VIVA.// ELA TÁ LÁ NO MUSEU DA TEORIA.// MEU GRANDE ESFORÇO É PARA QUE A GENTE NUNCA TRABALHE COM A IDEIA DA TEORIA DA COMUNICAÇÃO COMO UMA ESPÉCIE
--	---

	DE VISITA AOS MUSEUS DA TEORIA.// OLHA ESSA TEORIA FOI LEGAL,/ MAS NÃO SERVE PARA NADA HOJE EM DIA.// OH,/ ESSA AQUI TAMBÉM FOI LEGAL.// NÃO!// ELAS PRECISAM NOS AJUDAR EM ALGUMA COISA,/ NO PRÓPRIO COTIDIANO.// POR ISSO QUE TEORIA É UM NEGÓCIO LEGAL.// TEORIA NÃO É UMA COISA QUE VOCÊ SABE, TEORIA É UMA COISA QUE VOCÊ VIVE.// VOCÊ VÊ UMA SITUAÇÃO E VOCÊ PENSA,/ POXA,/ ISTO ESTÁ ACONTECENDO PORQUE?,/ OLHA ME LEMBROU A AULA DO PROFESSOR RODRIGO,/ QUE EU ASSISTI,/ QUE FALAVA DE INTERAÇÃO E NÃO SEI O QUE.// A TÍTULO DE EXEMPLO,/ EU VOU DAR UM EXEMPLO FOFINHO,/ TÁ,/ E AGORA O MOMENTO BREGA DA NOSSA CONVERSA,/ QUANDO VOCÊ VÊ UM CASALZINHO,/ NO INÍCIO DE NAMORO,/ SABE,/ EM LANCHONETE,/ NO CAFÉ,/ NA PADARIA E VOCÊ PERCEBE QUE ELES NÃO ESTÃO FALANDO MAIS ESTÃO TROCANDO OLHARES E AQUELES OLHARES APAIXONADOS E ROMÂNTICOS,/ TAL.// PARA QUEM TÁ NESSA SITUAÇÃO É LINDO,/ PARA QUEM OLHA DE FORA É BREGA.// TODO MUNDO JÁ VIVEU UMA SITUAÇÃO DESSA.// SE VOCÊ ESTUDAR SEMIÓTICA DOS GESTOS,/ VOCÊ CONSEGUE ENTENDER,/ VOCÊ VAI OLHAR E CÊ FALA,/ AH HA!// É ISSO QUE ELE ESTÁ FALANDO,/ É ISSO QUE ELA TÁ FALANDO,/ É ISSO QUE ELA TÁ FALANDO PARA ELE,/ E DAQUI A POUCO NUM SEI O QUE?/ É ISSO QUE ELE TÁ FALANDO PARA ELA.// OLHA QUE LEGAL, SEM ABRIR A BOCA A
--	--

TEC TRILHA EXPLODE VAI À BG	SEMIÓTICA NOS AJUDA A VER AQUILO QUE TÁ ACONTECENDO.// TEORIA NÃO É UMA COISA QUE VOCÊ SABE, TEORIA É UMA COISA QUE VOCÊ VIVE.// ATENÇÃO: ISSO NÃO AUTORIZA NINGUÉM A FICAR ZOIANDO O NAMORO DOS OUTROS.// AH NÃO,/ É PARA MINHA AULA DE TEORIA DA COMUNICAÇÃO.// NÃO AMIGO,/ MENOS.// MAS NOS AJUDA A VER O MUNDO.// POR EXEMPLO,/ QUANDO A GENTE VÊ UM ANÚNCIO, DESMONTAR ESSE ANÚNCIO.// PORQUE ELE TÁ FALANDO ISSO,/ DESTA MANEIRA,/ PORQUE ELE NÃO TÁ FALANDO DE OUTRA,/ ISTO TAMBÉM ESTÁ LIGADO A ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO AÍ JÁ PERTO DA ANÁLISE DO DISCURSO.// DEIXA FINAL 15'59" LOC 1: AS TEORIAS ESTÃO VIVAS EM NOSSO DIA,/ COMO FALOU O PROFESSOR LUÍS MAURO SÁ.// MAS,/ PARA SABER COMO USÁ-LAS,/ É IMPORTANTE ENTENDER O CONTEXTO NO QUAL AS PRIMEIRAS TEORIAS FORAM DESENVOLVIDAS,/ E O PORQUÊ DELAS SEREM DAQUELA FORMA E A RAZÃO DE SEREM CHAMADAS DE CÂNONES.// LOC 2: PARA ENTENDERMOS MELHOR ESSE ASSUNTO,/ PRECISAMOS DISCUTIR COMO SÃO COMPOSTAS AS DIVISÕES DE CAMPO COMUNICACIONAL COMO CONHECEMOS NOS DIAS DE HOJE.// É O QUE NOS EXPLICA O PROFESSOR LUIZ CLÁUDIO.//
---	---

TEC ÁUDIO DE LUIZ CLÁUDIO
MARTINO TEMPO PREVISTO:
1'42"

LUIZ CLÁUDIO MARTINO

DEIXA INICIAL 2'04"

TEMOS HOJE DUAS VISÕES SOBRE A
FORMAÇÃO DO CAMPO.// A PRIMEIRA,
QUE VAMOS DIZER QUE É MAIS
TRADICIONAL, É DADA POR WILBUR
SCHRAMM E FALA DE PAIS FUNDADORES.
ENTÃO SERIAM AQUELES PIONEIROS, OS
CLÁSSICOS, QUE EM SEUS TRABALHOS
ACABARAM DESCOBRINDO MÉTODOS,
TEORIAS, FORMAS DE LIDAR E
CONSTITUÍRAM UMA MANEIRA EXEMPLAR
DE TRATAR A COMUNICAÇÃO. ENTÃO ELE
CITA QUATRO PENSADORES E TODOS
TRABALHANDO NOS ESTADOS UNIDOS,
POR VOLTA DA DÉCADA DE 30 E 40,
PRINCIPALMENTE, MUITO ATIVOS NESSAS
DUAS DATAS.// UM DELES FALECEU NO
INÍCIO DOS ANOS 40, MAS ESSES QUATRO
PAIS FUNDADORES VIERAM DE TITÃS
DIFERENTES, OBVIAMENTE PORQUE NÃO
HAVIA COMUNICAÇÃO COMO DISCIPLINA,
ENTÃO PSICOLOGIA, CIÊNCIA POLÍTICA,
DOIS TIPOS DE PSICOLOGIA INCLUSIVE E
SOCIOLOGIA. MAS ENTÃO ELES
CONFIGURAM PARA O SCHRAMM UM
PRINCÍPIO, ELES SÃO OS PRIMEIROS QUE
COLOCARAM MODOS DE LIDAR COM A
COMUNICAÇÃO E DE ESTUDÁ-LA.// ESSA É
A PRIMEIRA VERSÃO DOS PAIS
FUNDADORES.//

DEIXA FINAL 3'46"

LOC 1: A PRIMEIRA VERSÃO DA FUNDAÇÃO DO CAMPO,/ QUE É TRAZIDA PELO PROFESSOR LUIZ CLÁUDIO,/ FALA SOBRE OS FOREFATHERS.// EM PORTUGUÊS,/ NÓS OS CHAMAMOS DE PAIS FUNDADORES DA ÁREA DA COMUNICAÇÃO,/ QUE SÃO ELES O CIENTISTA POLÍTICO HAROLD DWIGHT LASSWELL,/ O SOCIÓLOGO PAUL FELIX LAZARSFELD,/ E OS PSICÓLOGOS CARL IVER HOVLAND E KURT ZADEK LEWIN.//

LOC 2: E É IMPORTANTE DEIXAR CLARO QUE,/ COMO O MARTINO FALOU,/ ESSES QUATRO AUTORES FORAM DEFINIDOS COMO PAIS FUNDADORES,/ DE ACORDO COM OS TEXTOS DO WILBUR SCHRAMM.// POR ISSO,/ MUITOS AUTORES LHE ATRIBUEM O TÍTULO DE VERDADEIRO FUNDADOR DO CAMPO DA COMUNICAÇÃO POR TER SIDO ELE O RESPONSÁVEL POR SISTEMATIZAR OS TRABALHOS.//

LOC 1: ESSA VERSÃO,/ DA FUNDAÇÃO DO CAMPO,/ TAMBÉM É CONHECIDA COMO MITO DOS PAIS FUNDADORES.// PARA DETALHAR UM POUCO MAIS SOBRE ESSA HISTÓRIA,/ A GENTE CHAMA AGORA A PROFESSORA DA U-N-B,/ RAFIZA VARÃO.//

RAFIZA VARÃO

DEIXA INICIAL 1'28"

TEC ÁUDIO DE RAFIZA VARÃO
TEMPO PREVISTO: 0'32"

ENTÃO, ESSES QUATRO AUTORES, ELES FAZEM PARTE DAQUILO QUE A GENTE CHAMA DE MITO DOS QUATRO FUNDADORES DO CAMPO DA COMUNICAÇÃO.// ESSA É UMA NARRATIVA, NÉ.// MUITO COMUMENTE QUANDO A GENTE VAI FALAR DE ALGUMA ÁREA, NÓS CRIAMOS NARRATIVAS PARA DIZER QUANDO ESSAS ÁREAS SURGIRAM.// COMO ESSES AUTORES TIVERAM UMA IMPORTÂNCIA MUITO GRANDE NO COMEÇO DO SÉCULO XX E COMO MUITOS DELES FORAM PIONEIROS, NA PESQUISA EM COMUNICAÇÃO, ELES ACABAM TENDO UMA IMPORTÂNCIA ENORME.// SOBRETUDO PORQUE NAQUELE MOMENTO OS ESTADO UNIDOS VÃO ASSUMIR A FRENTE DISSO QUE A GENTE CHAMA, CAMPO DA COMUNICAÇÃO.// O CAMPO DA PESQUISA EM COMUNICAÇÃO.//

DEIXA FINAL 2'05"

LOC 2: DE ACORDO COM RAFIZA,/ A HISTÓRIA DOS QUATRO FUNDADORES TEM SIDO ADOTADA EM GRANDE PARTE DOS LIVROS QUE TRAÇAM A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO COMUNICACIONAL.//

LOC 1: PORQUE É A FORMA MAIS USUAL PARA SANAR O QUESTIONAMENTO DE COMO,/ ABRE ASPAS,/ "NASCE UMA CIÊNCIA?"/ FECHA ASPAS.// E ASSIM ENCONTRAR E EXPLICAR A SUA ORIGEM DESDE O INÍCIO DOS TEMPOS,/ BUSCANDO BASES DE APOIO EM FIGURAS

	PARTICULARES, QUE REPRESENTAM O DESENVOLVIMENTO DE UM DETERMINADO SABER. // LOC 2: MAIS AINDA,/ SEGUNDO A RAFIZA,/ A IDEIA DO QUE CHAMAMOS,/ ABRE ASPAS,/ DE “MITO DOS PAIS FUNDADORES”,/ FECHA ASPAS,/ É UMA CONTRUÇÃO BEM RECENTE.// VISTO QUE A PRIMEIRA REFERÊNCIA SOBRE OS QUATRO FUNDADORES DO CAMPO COMUNICACIONAL FOI ESCRITA POR BERNARD REUBEN BERELSON,/ EM 1959,/ NO ARTIGO “THE STATE OF COMMUNICATION RESEARCH”.// LOC 1: EM PORTUGUÊS,/ TRADUZIDO COMO O ESTADO DA PESQUISA EM COMUNICAÇÃO,/ QUE FOI PUBLICADO NA REVISTA PUBLIC OPINION QUARTERLY,/ E FOI REAFIRMADA ANOS DEPOIS POR SCHRAMM.// LOC 2: MAS COMO TODA HISTÓRIA SEMPRE TEM MAIS DE UMA VERSÃO,/ NA FUNDAÇÃO DO CAMPO DA COMUNICAÇÃO NÃO FOI DIFERENTE.// ENTÃO,/ AGORA,/ VAMOS A SEGUNDA VERSÃO DESSA HISTÓRIA,/ CONTADA AGORA PELO PROFESSOR LUIZ CLÁUDIO.// <u>LUIZ CLÁUDIO MARTINO</u> DEIXA INICIAL 3’46”
--	---

TEC ÁUDIO DE LUIZ CLÁUDIO MARTINO TEMPO PREVISTO: 3'03"	A SEGUNDA VERSÃO VEM, ESSA DE 1963, A PROPOSTA E NO FINAL DOS ANOS 80, COM MAIS FORÇA NOS ANOS 90, SURGE UMA OUTRA VERSÃO DE PENSADORES MAIS NOS ESTADOS UNIDOS E TAMBÉM NO CANADÁ, CANADÁ INGLÊS, QUE É MAIS BASEADA NA HISTÓRIA, EM DOCUMENTOS.// ENTÃO ELES VÃO BUSCAR EM DOCUMENTOS PARA VER A IMPORTÂNCIA DA REAÇÃO AMERICANA À PROPAGANDA NAZISTA. ENTÃO POR VOLTA DE 38 OS ESTADOS UNIDOS ESTAVA COM A QUESTÃO DE ENTRAR OU NÃO ENTRAR NA GUERRA E ESTAVA MUITO ABERTO A TODA INFLUÊNCIA DE PROPAGANDA COMUNISTA E NAZISTA MAS PARTICULARMENTE A NAZISTA QUE PREOCUPAVA MAIS.// COMO SOCIEDADE DEMOCRÁTICA ELES NÃO TINHAM OS MEIOS POLÍTICOS PARA LIDAR COM ESSAS INFLUÊNCIAS. ENTÃO A LIBERDADE DE EXPRESSÃO ERA TAMBÉM UMA BRECHA PARA A ENTRADA DA PROPAGANDA. ENTÃO FOI REALIZADO UM SEMINÁRIO QUE SE TORNOU EMBLEMÁTICO, ORGANIZADO PELA FUNDAÇÃO ROCKEFELLER, QUE CONSEGUIU JUNTAR TUDO QUE HAVIA DE PESQUISADORES E INSTITUIÇÕES QUE TRABALHAVAM MAIS OU MENOS NO TEMA DA COMUNICAÇÃO, ENTÃO O RÁDIO, QUE ERA O PRINCIPAL MEIO DE COMUNICAÇÃO NA ÉPOCA, AS BIBLIOTECAS, CINEMA, ENFIM UMA SÉRIE DE INSTITUIÇÕES, ATÉ PROPAGANDA MESMO, QUE TRABALHAVAM INDEPENDENTE E FORAM
---	---

	CHAMADOS PARA ESSE SEMINÁRIO. ESSE SEMINÁRIO OBVIAMENTE FOI UM SUCESSO E PROVOCOU A REAÇÃO OFICIAL DOS ESTADOS UNIDOS, DO GOVERNO AMERICANO QUE COMEÇOU A CONTRATAR PESQUISADORES PARA ESTUDAR COMUNICAÇÃO, EU NÃO SEI SE DA PROPAGANDA MAS NO SENTIDO DA ARMA DE GUERRA.// ENTÃO COMO CONVENCER A POPULAÇÃO INIMIGA, COMO CONVENCER A PRÓPRIA POPULAÇÃO, COMO LIDAR COM A INFORMAÇÃO COM O INIMIGO, NÃO SÓ PASSAR A INFORMAÇÃO FALSA MAS TAMBÉM DE CONVENCER E ERAM ESSAS QUESTÕES QUE O GOVERNO ESTADUNIDENSE ESTAVA INTERESSADO EM DESENVOLVER ESSE TIPO DE CONHECIMENTO.// ENTÃO PARA ESSES PESQUISADORES, A GUERRA E PARTICULARMENTE ESSE EPISÓDIO, FORAM CATALISADORES DIGAMOS ASSIM DE UMA REAÇÃO DO GOVERNO AMERICANO, QUE A PARTIR DESSE MOMENTO INSTITUI A PESQUISA EM COMUNICAÇÃO MAS PARA ESSES AUTORES O MELHOR NOME NÃO SERIA COMUNICAÇÃO, SERIA PROPAGANDA OU MESMO GUERRA PSICOLÓGICA.// TUDO ISSO ERA MUITO DOCUMENTADO, COM MUITO FUNDAMENTO, COMO OS HISTORIADORES PROCURAM FAZER.// DEIXA FINAL 6'49" LOC 1: MAS É IMPORTANTE RESSALTAR E ABRIR UM PARÊNTESES PARA DEIXAR
--	--

TEC ÁUDIO DE LUIZ CLÁUDIO MARTINO TEMPO PREVISTO: 1'12"	CLARO QUE NÃO ERAM APENAS A FUNDAÇÃO ROCKEFELLER E O FUNDO PAYNE OS ÚNICOS CENTROS DE PESQUISA A REALIZAREM TRABALHOS NA ÁREA DA COMUNICAÇÃO.// <u>LUIZ CLÁUDIO MARTINO</u> DEIXA INICIAL 6'50" ENTÃO NADA CONTRA ESSA VERSÃO, MAS ELAS SOFREM DO MESMO MAL, NA MINHA OPINIÃO, TEM O MESMO PROBLEMA QUE É O FATO DE SEREM QUESTÕES PONTUAIS CENTRADAS NOS ESTADOS UNIDOS.// AINDA QUE OS ESTADOS UNIDOS TENHAM SIDO UM GRANDE POLO DE DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO DA COMUNICAÇÃO, ELE NÃO FOI O ÚNICO NEM O PRIMEIRO E AS QUESTÕES NÃO NASCEM ALI PONTUALMENTE POR UMA DEMANDA DO GOVERNO NORTE AMERICANO.// CLARO QUE TUDO ISSO É VERDADE, MAS QUANDO A GENTE ABRE A MENTE, NÃO CORRESPONDE A TUDO O QUE ESTÁ ACONTECENDO NO MUNDO.// ENTÃO O ESTUDO DA COMUNICAÇÃO JÁ TINHA DADO OS SEUS PRIMEIROS PASSOS E NÃO FORAM PEQUENOS E NEM TÃO PONTUAIS ASSIM. ENTÃO ESSAS DUAS VERSÕES SÃO AS QUE ESTÃO EM VIGOR, SE VOCÊ ABRIR UM LIVRO VAI ENCONTRAR UMA DAS DUAS, FALANDO COMO É QUE O CAMPO SURTIU.// OUTRA
---	--

	COISA TAMBÉM QUE É MUITO COMUM EM ESTUDOS MAIS PONTUAIS É ENCONTRAR POR EXEMPLO UM PIONEIRO OU UMA INSTITUIÇÃO E TENTAR DERIVAR DAÍ O ESTUDO DA COMUNICAÇÃO.// VEJA,/ DE CERTA FORMA REPETE UMA DESSAS DUAS.// DEIXA FINAL 8'02" LOC 2: AS DUAS VERSÕES CONTADAS PELO MARTINO APRESENTAM EUROPEUS E AMERICANOS COMO FUNDADORES DAS PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO.// LOC 1: NESSE MOMENTO,/ PRECISAMOS FAZER UMA REFLEXÃO:/ SERÁ QUE NÃO EXISTIAM OUTROS PAÍSES E NACIONALIDADES PESQUISANDO O MESMO ASSUNTO?// LOC 2: NELSON RODRIGUES,/ NA DÉCADA DE 1950,/ FALAVA SOBRE O COMPLEXO DE VIRA-LATA.// UMA TEORIA CRIADA PARA EXEMPLIFICAR O MOTIVO DO POR QUÊ OS BRASILEIROS NÃO ATINGIAM O ÁPICE DE SEU POTENCIAL POR POSSUIR UMA CRENÇA INCONSCIENTE DE QUE É UMA,/ ABRE ASPAS,/ ETNIA,/ FECHA ASPAS,/ INFERIOR A DOS DEMAIS.// ESPECIALMENTE,/ EM FACE DOS EUROPEUS E AMERICANOS.// LOC 1: E O COMPLEXO DE VIRA-LATA ESTÁ PRESENTE EM VÁRIOS QUESITOS DA NOSSA VIDA COTIDIANA E NÃO SERIA
--	---

TEC ÁUDIO DE RAFIZA VARÃO TEMPO PREVISTO: 1'01"	DIFERENTE NA ÁREA DA COMUNICAÇÃO.// POR ISSO,/ A PROFESSORA RAFIZA TAMBÉM FALA UM POUCO SOBRE ESSE ASSUNTO.// <u>RAFIZA VARÃO</u> DEIXA INICIAL 4'24" NÓS SOMOS UMA NAÇÃO PROFUNDAMENTE INFLUENCIADA PELOS AMERICANOS.// CLARO QUE ANTES DO SÉCULO XX, A NOSSA INFLUÊNCIA MAIOR ERA SOBRETUDO EUROPEIA.// MAS A PARTIR DO SÉCULO XX OS AMERICANOS PASSAM A TER UMA INFLUÊNCIA GRANDE.// E TAMBÉM ESSA INFLUÊNCIA VAI SE CONFIGURAR NA ÁREA DA COMUNICAÇÃO, PORQUE OS AMERICANOS VÃO PASSAR A DOMINAR OS SISTEMAS DE COMUNICAÇÃO.// ENTÃO AS PESQUISAS QUE VEM DE LÁ, PARA GENTE PELO MENOS, NESSA ÁREA, ELAS SE TORNAM DOMINANTES.// E LÁ TAMBÉM, EXATAMENTE PORQUE A MAIOR PARTE DESSES AUTORES, ELES SÃO AMERICANOS, A NARRATIVA ELA FOCA NOS CIDADÃOS, NOS CIDADÃO AMERICANOS.// ENTÃO ELA DÁ PRIVILÉGIO A ESSES PESQUISADORES QUE ESTÃO LÁ NOS ESTADOS UNIDOS.// E COMO LÁ TAMBÉM A PARTE DE HISTÓRIA DAS TEORIAS DA COMUNICAÇÃO ELA É MUITO MAIS FORTE, ELES SE CENTRAM JUSTAMENTE NOS AUTORES QUE ESTÃO ALI NO MESMO TERRITÓRIO E ISSO ACABA
---	---

TEC ÁUDIO DE LUIZ CLÁUDIO MARTINO TEMPO PREVISTO: 2'36"	PASSANDO PARA CÁ, PARA GENTE E NÓS ESTUDAMOS DESSA FORMA.// DEIXA FINAL 5'25" LOC 2: CERTO,/ A GENTE ENTENDEU QUE TEM MAIS COISA DO QUE A GENTE VÊ NOS LIVROS.// MAS COMO IR ALÉM DO QUE JÁ CONHECEMOS?// É POSSÍVEL ABRIR ESSAS BARREIRAS COLOCADAS POR ESSE COMPLEXO DE INFERIORIDADE?// MARTINO RESPONDE ESSAS DÚVIDAS PARA GENTE.// <u>LUIZ CLÁUDIO MARTINO</u> DEIXA INICIAL 8'03" NA MINHA OPNIÃO EU PROCURO ABRIR UM POUCO MAIS ESSE LEQUE, ENTÃO PRIMEIRO DE TUDO, NÓS PODEMOS DIZER QUE ESSE CAMPO É FORMADO POR TEORIAS, OBVIAMENTE. ENTÃO O CAMPO SÃO TEORIAS, CERTO.// MAS ESSAS TEORIAS RESPONDEM ALGUMA COISA NO MUNDO, ENTÃO A SOCIEDADE MUDA, NÓS VIVEMOS HISTORICAMENTE, ENTÃO OBVIAMENTE A SOCIEDADE MUDAVA AS TEORIAS TAMBÉM TENTAM ACOMPANHAR O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE, O ESTADO QUE SE ENCONTRA A SOCIEDADE. ENTÃO ASSIM SURGEM OS OBJETOS DE PESQUISA PARA AS CIÊNCIAS SOCIAIS E ELAS ESTÃO SEMPRE RENOVANDO OS SEUS INTERESSES, PORQUE A PRÓPRIA SOCIEDADE SE TRANSFORMA É HISTÓRICA. ENTÃO A
---	--

	GENTE PODE PENSAR QUE O OBJETO DA COMUNICAÇÃO, COMO DE QUALQUER OUTRA CIÊNCIA SOCIAL, SURTIU A PARTIR DE MODIFICAÇÕES HISTÓRICAS, TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS. ENTÃO, POR EXEMPLO, A SOCIEDADE NÃO É UM OBJETO NATURAL, NÃO EXISTE DESDE SEMPRE. A SOCIEDADE EXISTE COMO UMA FORMA PECULIAR, CARACTERÍSTICA, ESPECIAL, QUE EMERGE POR VOLTA DO SÉCULO XVIII / XIX, ENTÃO A PARTIR DAÍ É POSSÍVEL FALAR DE SOCIOLOGIA. PODEMOS COLOCAR UMA QUESTÃO, PORQUE NO PASSADO, ANTES DO SÉCULO XIX, OU NA ANTIGUIDADE, NINGUÉM ESTUDAVA SOCIOLOGIA? PORQUE NÃO EXISTIA SOCIEDADE. MAS AÍ VOCÊ PENSA, MAS AS PESSOAS NÃO VIVIAM JUNTAS? MAS ISSO NÃO É SOCIEDADE, SOCIEDADE NÃO É VIVER JUNTO.// SOCIEDADE É UM TIPO DE VIVER JUNTO E NÃO O VIVER JUNTO, VIVER COLETIVO, COLETIVAMENTE. ENTÃO, QUANDO NÓS COMEÇAMOS A TER NOÇÃO DESSAS DIFERENÇAS, QUER DIZER QUE NÃO EXISTE UMA MANEIRA SÓ DE ESTAR JUNTO, ENTÃO O ELO SOCIAL TAMBÉM É HISTÓRICO, VAI SE TRANSFORMANDO, A GENTE ENTENDE PORQUE A SOCIOLOGIA SÓ É POSSÍVEL A PARTIR DO MOMENTO QUE APARECE UMA FORMA ESPECIAL PARA RECEBER ESSE NOME DE SOCIEDADE. UM NOME PODE SER UM POUCO ARBITRÁRIO, PODE SER CASUAL, MAS NÃO A RELAÇÃO ENTRE ESSA FORMA E O TIPO DE CONHECIMENTO QUE TÁ
--	---

	SURGINDO. ENTÃO SE SOCIOLOGIA ESTUDA SOCIEDADE É PORQUE HISTORICAMENTE EMERGIU UM NOVO TIPO DO COLETIVO, E A COMUNICAÇÃO A MESMA COISA.// A COMUNICAÇÃO É UMA NOVA MANEIRA DE ACIONAR A COMUNICAÇÃO, OU SEJA, A TECNOLOGIA, ESSA NOVA MANEIRA TEM TUDO HAVER COM A TECNOLOGIA.// DEIXA FINAL 10'39" LOC 1: COMO PODEMOS VER,/ ATUALMENTE,/ A COMUNICAÇÃO DEPENDE INTEIRAMENTE DA TECNOLOGIA.// E É PARA ENTENDER MEIOS DE COMUNICAÇÃO QUE SURGEM MUITAS DAS TEORIAS QUE ESTUDAMOS HOJE.// LOC 2: POR ISSO,/ É IMPORTANTE DEIXAR BEM CLARO QUE A COMUNICAÇÃO,/ ASSIM COMO A SOCIOLOGIA E OUTRAS ÁREAS DE CONHECIMENTO,/ SURGEM EM DECORRÊNCIA DE CONDIÇÕES HISTÓRICAS QUE PERMITEM ESSAS FORMAÇÕES.// LOC 1: AS TEORIAS PIONEIRAS QUE ESTUDAMOS HOJE,/ SURTIRAM EM UM MOMENTO ONDE OS MEIOS TECNOLÓGICOS ESTAVAM GANHANDO FORÇA E PRECISAVAM SER USADOS COMO FERRAMENTAS DE GUERRA,/ COMO É O CASO DAS TEORIAS DA ESCOLA DE CHICAGO.//
--	---

TEC ÁUDIO DE LUÍS MAURO SÁ
MARTINO TEMPO PREVISTO:
3'29"

LUÍS MAURO SÁ

DEIXA INICIAL - 1'05":

OLHA, AÍ ENTRA UM POQUINHO NAQUILO QUE A GENTE TAVA CONVERSANDO, SOBRE AS TEORIAS TAMBÉM TEREM UMA HISTÓRIA.// ELAS TAMBÉM NASCEM DE CONDIÇÕES ESPECÍFICAS DE SURGIMENTO, DE PRODUÇÃO.// ENTÃO DE CERTA MANEIRA A LÓGICA DO CÂNONE DAS TEORIAS ELA ACOMPANHA, PARA O BEM E PARA O MAL A LÓGICA DAS DIVISÕES SOCIAIS.// ISSO SIGNIFICA DIZER QUE UMA DESIGUALDADE SOCIOECONÔMICA, UMA DESIGUALDADE DE GÊNERO, UMA DESIGUALDADE HISTÓRICA, UMA DESIGUALDADE ÉTNICA, ELA VAI APARECER TAMBÉM NO ÂMBITO DA TEORIA.// O DISCURSO TEÓRICO NÃO PODE SER SEPARADO DOS SEUS LUGARES, DA SUA ÉPOCA, DO SEU MOMENTO DE PRODUÇÃO.// NÃO É UM MERO REFLEXO, JAMAIS.// MAS EXISTE UMA RELAÇÃO DE PROXIMIDADE, UMA RELAÇÃO DE CONTINUIDADE, UMA RELAÇÃO, UMA TRAMA, AONDE VOCÊ VAI ENCONTRAR AS DESIGUALDADES QUE EXISTEM NO ÂMBITO DO SOCIAL E TENDEM A APARECER COMO SINTOMAS NO ÂMBITO TEÓRICO.// NUM É COINCIDÊNCIA QUE QUANDO A GENTE VAI OBSERVAR O CÂNONE DAS TEORIAS DA

	COMUNICAÇÃO, A GENTE OBSERVA UM PREDOMÍNIO DE TEORIAS DE DETERMINADOS LUGARES.// UM PREDOMÍNIO DE AUTORES SOBRE AUTORAS.// UM PREDOMÍNIO, QUE SÃO DE CERTA MANEIRA OS MESMOS PREDOMÍNIOS QUE VOCÊ ENCONTRA ESPALHADOS PELO TECIDO SOCIAL.// A DISTRIBUIÇÃO DAS TEORIAS DA COMUNICAÇÃO, VAI SER APENAS UM SINTOMA DE QUESTÕES SOCIAIS QUE ATRAVESSAM A SOCIEDADE COMO UM TODO.// QUESTÕES MUITO MAIORES.// POSSO FAZER UM ADENDO.// A PERDA ELA É INCALCULÁVEL.// A PERDA É INCALCULÁVEL.// O QUANTO A GENTE PERDE.// QUANTAS BOAS IDEIAS ESTÃO POR AÍ E QUE JAMAIS CHEGARAM AQUI.// QUANTAS IDEIAS ESTÃO LÁ FORA E NÃO CHEGARAM.// QUANTAS IDEIAS MARAVILHOSAS ESTÃO SENDO CRIADAS HOJE, NA INDONÉSIA, AQUI NO SUL, TUDO ABAIXO DO EQUADOR.// A GENTE NÃO VAI SABER NUNCA.// NOSSA QUE FATALISTA.// NÃO.// QUAL É CHANCE DE UMA AUTORA DE UM AUTOR FORA DO CIRCUITO CHEGAR ATÉ NÓS.// PODE ACONTECER E TAL, MAS É RARO.// ASSIM COMO ELES TAMBÉM NÃO CONHECERAM NOSSAS IDEIAS.// ASSIM COMO UMA AUTORA, EU MENCIONEI INDONÉSIA, FOI UM EXEMPLO, MAS SEI LÁ.// MESMO NA AUSTRÁLIA A GENTE TEM POUCA COISA.// VOCÊ TEM ESSA DESIGUALDADE, NA PRODUÇÃO TEÓRICA, QUE IMPLICA NA DESIGUALDADE E NA RECEPÇÃO.// ENTÃO
--	--

	VOCÊ TEM UM CONJUNTO PEQUENO, VAMOS CHAMAR DE PRODUTORES DE TEORIA E UMA COMUNIDADE IMENSA DE RECEPTORES DE TEORIA, QUE POR SUA VEZ VÃO PASSAR ESSAS TEORIAS PARA FRENTE.// NÃO TÔ ME TIRANDO DO JOGO, FAÇO A MESMA COISA.// É UMA QUESTÃO HISTÓRIA NA QUAL A GENTE ESTÁ INSERIDA E É JUSTAMENTE PORQUE A GENTE TÁ INSERIDO COMO COMUNIDADE, QUE ESTÁ INSERIDO DE DENTRO QUE A GENTE PODE OLHAR E FALAR, OPS.// SERÁ QUE TÁ LEGAL?// SERÁ QUE PODEMOS SEGUIR ASSIM?// ENTÃO AS PRÓPRIAS DINÂMICAS DO CAMPO TEÓRICO, ELAS TENDEM OU TENDIAM ATÉ POUQUÍSSIMO TEMPO ATRÁS A DE CERTA MANEIRA, CRIAR CONDIÇÕES PARA A REPRODUÇÃO DESSE TIPO DE DESIGUALDADE.// EU IA FALAR QUASE DIFERENÇA, MAS NÃO É DIFERENÇA.// É DESIGUALDADE.// DEIXA FINAL 4'34" LOC 2: COMO FALOU O PROFESSOR LUIS MAURO,/ A DESIGUALDADE SOCIAL É DEFINIDA COMO A DIFERENÇA ECÔNOMICA,/ QUE EXISTE ENTRE DETERMINADOS GRUPOS DE PESSOAS,/ DENTRO DE UMA MESMA SOCIEDADE.// LOC 1: PORÉM,/ QUANDO FALAMOS SOBRE A DESIGUALDADE ENTRE PAISES DESENVOLVIDOS E SUBDESENVOLVIDOS,/ A DISPARIDADE AUMENTA.// TANTO EM RELAÇÃO AO ACESSO À COISAS COMO
--	--

TEC ÁUDIO DE RAFIZA VARÃO TEMPO PREVISTO: 1'00"	SAÚDE E EDUCAÇÃO,/ COMO TAMBÉM EM RELAÇÃO AO ASCESSO DE INFORMAÇÃO.// LOC 2: E,/ POR AFETAR A SOCIEDADE COMO UM TODO,/ É LOGICO QUE AS TEORIAS DA COMUNICAÇÃO TAMBÉM NÃO FICARIAM DE FORA.// LOC 1: A DESIGUADADE AFETA A PRODUÇÃO TEÓRICA POR DIFICULTAR A PROPAGAÇÃO DOS ESTUDOS QUE ESTÃO SENDO FEITOS NO PAIS PARA ALUNOS E PESQUISADORES DE OUTRAS REGIÕES.// LOC 2: E,/ PARA FALAR MAIS SOBRE ISSO,/ A RAFIZA VOLTA PARA EXPLICAR,/ O MOTIVO DO PORQUÊ ABORDAR AUTORES BRASILEIROS AINDA É RARIDADE NAS UNIVERSIDADES DO PAIS.// <u>RAFIZA VARÃO</u> DEIXA INICIAL 5'45" ENTÃO, AQUI NO BRASIL O QUE ACONTECE É QUE NÓS CONHECEMOS POUCO OS NOSSOS PRÓPRIOS PESQUISADORES DA ÁREA DE TEORIAS.// ENTÃO POR EXEMPLO SE VOCÊ PENSA NUMA PESSOA COMO O LUIZ BELTRÃO, EMBORA O LUIZ BELTRÃO TENHAM UMA IMPORTÂNCIA MUITO GRANDE PARA ÁREA, SEJA ATÉ O NOME DO MAIOR PRÊMIO DE COMUNICAÇÃO DO PAÍS, QUE É O PRÊMIO LUIZ BELTRÃO, ISSO NA ÁREA CIENTÍFICA.// POUCO SE DISCUTE QUEM
---	---

FOI LUIZ BELTRÃO, POUCO SE FALA SOBRE AS TEORIAS DE LUIZ BELTRÃO.// QUANDO A GENTE FALA DE FOLKCOMUNICAÇÃO.// MUITAS VEZES A FOLKCOMUNICAÇÃO TEM UM ESPAÇO MUITO MENOR, UM ESPAÇO MARGINAL NAS TEORIAS DA COMUNICAÇÃO, PORQUE A GENTE TEM TENDÊNCIA A PRIVILEGIAR O QUE VEM DE FORA.// ISSO NÃO SIGNIFICA QUE AS TEORIAS QUE VEM DE FORA ELAS DEVERIAM SER INVALIDADAS OU MENOS VALORIZADAS.// SIGNIFICA QUE NÓS TEMOS UMA DIFICULDADE DE LIDAR COM O CAMPO DA COMUNICAÇÃO NO NOSSO PRÓPRIO PAÍS.// NÓS PREFERIMOS OLHAR QUEM SÃO OS AUTORES DE FORA E NORMALMENTE NÓS VALORIZAMOS MAIS ESSES AUTORES.//

DEIXA FINAL 6'45"

LOC 1: É IMPORTANTE FRISAR QUE AS DISCIPLINAS E AS TEORIAS SURGEM DE DETERMINADOS CONTEXTOS.// ISSO SIGNIFICA QUE A COMUNICAÇÃO, ENQUANTO UMA DISCIPLINA, É FRUTO DE UM PERÍODO HISTÓRICO E SOCIAL ESPECÍFICO.// E ESSA É UMA DAS ABORDAGENS DESENVOLVIDAS PELO PROFESSOR MARTINO.//

LUIZ CLÁUDIO MARTINO

TEC ÁUDIO DE LUIZ CLÁUDIO MARTINO TEMPO PREVISTO: 2'25"	DEIXA INICIAL 10'40" AS TEORIAS DA COMUNICAÇÃO COMEÇAM A PARTIR DO MOMENTO QUE NÓS TEMOS ESSE TIPO DE SOCIEDADE, NÃO É A TOA QUE SOCIOLOGIA, ECONOMIA,/ CIÊNCIAS POLÍTICAS E COMUNICAÇÃO,/ SURGEM DO MESMO SOLO, DA MESMA EPISTEME,/ DO MESMO MOMENTO HISTÓRICO,/ CIRCUNSTÂNCIAS HISTÓRICAS,/ PORQUE ALI SE CONFIGURA UM TIPO DE SOCIEDADE ONDE A COMUNICAÇÃO PASSA A TER UM SENTIDO,/ UM VALOR COMPLETAMENTE DIFERENTE DO QUE ERA ANTES,/ PORQUE SENDO BASEADO EM TECNOLOGIA E RESPONDENDO ÀS NECESSIDADES ESPECÍFICAS DESSA SOCIEDADE,/ QUE TEM UMA COMPLEXIDADE ENORME,/ ELA PRODUZ PROCESSOS ÚNICOS. ENTÃO SÃO ESSES PROCESSOS ÚNICOS,/ ESSAS SINGULARIDADES HISTÓRICAS QUE VÃO INTERESSAR ÀS TEORIAS DA COMUNICAÇÃO.// PARECE UMA COISA BEM COMPLICADA, MAS PENSE ASSIM,/ EXISTIA JORNAL ANTES DO SÉCULO XVII?// EXISTIA PROPAGANDA?// NÃO,/ NÃO EXATAMENTE OU SE EXISTIA ERA MUITO DIFERENTE.// EXISTIA PUBLICIDADE?// CERTAMENTE NÃO.// EXISTIAM RELAÇÕES PÚBLICAS?// NÃO.// TALVEZ AS HABILITAÇÕES,/ OS PROFISSIONAIS DE COMUNICAÇÃO,/ FAZEM PARTE DESSE PROCESSO,/ POIS DO MESMO MODO QUE ESTÃO SURGINDO PROFISSIONAIS DA COMUNICAÇÃO,/ ESTÃO SURGINDO PENSAMENTO SOBRE O QUE É QUE SÃO ESSES PROCESSOS.// É
---	--

	POR ISSO QUE TEORIA E PRÁTICA NÃO ESTÃO TÃO SEPARADAS,/ PORQUE ELAS VÊM DO MESMO SOLO,/ QUER DIZER A MESMA EPISTEME AS MESMAS CONDIÇÕES SÓCIO-HISTÓRICAS QUE LIBERAM UM LIBERAM O OUTRO,/ ENTÃO SÃO CORRELATOS.// AO MESMO TEMPO NÓS PODEMOS FALAR QUE ALÉM DOS PROFISSIONAIS ESTAVAM SURGINDO INSTITUIÇÕES DE COMUNICAÇÃO, INSTITUIÇÕES ACADÊMICAS COMO UNIVERSIDADES,/ FACULDADES, ESTÃO APARECENDO JORNAIS,/ COMO EMPRESAS,/ NÃO SIMPLEMENTE UMA PESSOA QUE IMPRIME JORNAL,/ MAS UMA EMPRESA COMPLEXA, COM PESO JURÍDICO,/ RESPONSABILIDADE FISCAL E ETC.// DEIXA FINAL 13'05" LOC 2: RECAPITULANDO,/ OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SURGIRAM A PARTIR DO SÉCULO XVII.// COM A CRESCENTE NECESSIDADE DE PROFISSIONAIS NAS EMPRESAS DE COMUNICAÇÃO,/ OS CURSOS UNIVERSITÁRIOS SURGIRAM EM GRANDE PARTE APENAS FORMAR PESSOAS PARA O MERCADO DE TRABALHO.// LOC 1: ENTÃO,/ O CONCEITO COMO CONHECEMOS HOJE,/ SOBRE COMUNICAÇÃO,/ NÃO É TÃO ANTIGO,/ COMO SE PODE IMAGINAR.// E O PROFESSOR LUIZ CLÁUDIO VOLTA PARA NOS EXPLICAR,/ COM ALGUNS
--	---

TEC ÁUDIO DE LUIZ CLÁUDIO MARTINO TEMPO PREVISTO: 3'07"	EXEMPLOS,/ QUE A COMUNICAÇÃO É UM CONCEITO LIGADO A ESSA SOCIEDADE MÍDIATICA.// <u>LUIZ CLÁUDIO MARTINO</u> DEIXA INICIAL 13'06" ENTÃO NÓS VAMOS VENDO QUE SE UM HISTORIADOR DO FUTURO QUE NÃO SAIBA NADA SOBRE A GENTE, NÃO SABE O QUE É COMUNICAÇÃO,/ NÃO SABE NADA DISSO, VEM ESTUDAR A SOCIEDADE VAI ENCONTRAR UM MONTE DE TRAÇOS MATERIAIS,/ QUE VÃO DIZER ASSIM: "NOSSA,/ O QUE AS PESSOAS FAZIAM COM ISSO?" NÃO SÓ OS CELULARES,/ APARELHOS DE TV E POR AÍ A FORA,/ MAS TAMBÉM VAI ENCONTRAR ALÉM DOS MEIOS TECNOLÓGICOS VAI ENCONTRAR TAMBÉM INSTITUIÇÕES,/ DIPLOMAS,/ UM MONTE DE MESAS DE TESES E ELES VÃO DIZER: "OLHA ESSAS PESSOAS ESTUDAVAM ALGUMA COISA QUE CHAMAVAM DE COMUNICAÇÃO". ENTÃO SEJA,/ SÃO ÍNDICES OBJETIVOS, EVIDÊNCIAS,/ QUE MOSTRAM QUE ISSO É UMA REALIDADE DA NOSSA SOCIEDADE E NÃO PARA AS OUTRAS.// SE VOCÊ DISSESSE PARA UM ROMANO O QUE É COMUNICAÇÃO ELE NÃO SABERIA O QUE VOCÊ TÁ FALANDO.// SE VOCÊ TENTASSE EXPLICAR PARA ELE: "OH COMUNICAÇÃO É ISSO QUE NÓS ESTAMOS FAZENDO AQUI, EU TÔ FALANDO, VOCÊ ESTÁ ME
---	---

	OUVINDO, VOCÊ FALA E EU TE ESCUTO. ENTÃO É ASSIM, VOCÊ QUER DIZER QUE COMUNICAÇÃO É UM SINÔNIMO DE FALAR? É ISSO? NÃO, NÃO É ISSO". ELE NÃO VAI ENTENDER PORQUE ELE NÃO TEM UMA EXPERIÊNCIA COM TECNOLOGIAS E AMPLIDÃO QUE ESSES PROCESSOS TOMARAM NA NOSSA VIDA, NA ORGANIZAÇÃO DA PRÓPRIA SOCIEDADE.// ENTÃO ESSA EXPERIÊNCIA ÚNICA, SIGNIFICA UMA SINGULARIDADE HISTÓRICA.// CERTO,/ ENTÃO AÍ JÁ RESPONDE QUE COMUNICAÇÃO NÃO É UMA FACULDADE QUE O HOMEM TEM E QUE FAZ DELE SER HOMEM. A COMUNICAÇÃO QUE NÓS ESTUDAMOS NÃO É ISSO,/ ISSO QUEM ESTUDA É A FILOSOFIA OU ATÉ A PSICOLOGIA,/ CERTAS PSICOLOGIAS.// MAS NÓS ESTUDAMOS ALGUMA COISA HISTÓRICA E COMO CIÊNCIAS SOCIAIS EU ENTENDO QUE O ESTUDO DA COMUNICAÇÃO É O ESTUDO DOS PROCESSOS HISTÓRICOS,/ QUE ESTÃO RELACIONADOS ÀS TECNOLOGIAS QUE TRANSFORMARAM O PROCESSO DE COMUNICAÇÃO.// E A UMA SOCIEDADE EVIDENTEMENTE QUE DEMANDA ISSO,/ PORQUE NÃO ADIANTA TER TECNOLOGIA SEM DEMANDA. ENTÃO RELACIONANDO A ESTRUTURA SOCIAL COM A TECNOLOGIA NÓS TEMOS A SINGULARIDADE DO QUE É O ESTUDO DA COMUNICAÇÃO.// DEIXA FINAL 16'13" LOC 2:
--	---

TEC ÁUDIO DE LUIZ CLÁUDIO MARTINO TEMPO PREVISTO: 2'58"	SE A GENTE ENTENDE QUE UMA DISCIPLINA SE DESENVOLVE A PARTIR DE UM CONTEXTO SÓCIO HISTÓRICO E QUE,/ PARA O MARTINO,/ O ESTUDO DA COMUNICAÇÃO SURGE DA RELAÇÃO ENTRE TECNOLOGIA E SOCIEDADE,/ ENTÃO COMO,/ AS TEORIAS SE DESENVOLVERAM NESSE CONTEXTO?// <u>LUIZ CLÁUDIO MARTINO</u> DEIXA INICIAL 16'21" O CAMPO PRÓPRIAMENTE SURGE, O CAMPO TEÓRICO, CLARO DEPENDE DESSA EPISTEME QUE EMERGE TEORICAMENTE.// MAS O CAMPO TEÓRICO É O PENSAMENTO SOBRE ISSO, ENTÃO SÃO AS TEORIAS, AS VEICULAÇÕES, SÃO AS PESQUISAS QUE VÃO TRABALHANDO ESSA MATÉRIA LIBERADA HISTORICAMENTE. A GENTE VÊ QUE ESTE TRABALHO ELE TEM ETAPAS, QUER DIZER NÃO NASCE DO DIA PARA NOITE, ENTÃO A PRIMEIRA TEORIA TALVEZ SEJA ALI NA ESCOLA DE CHICAGO, NO COMEÇO DO SÉCULO XX, NA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XX. COMEÇA ASSIM DE MODO MODESTO, INCIPIENTE, MAS COMEÇA COM ALGUMA COISA. E ASSIM NA DÉCADA DE 10 COMEÇAM AS PRIMEIRAS TEORIAS SOBRE PUBLICIDADE. NO JORNALISMO JÁ HAVIA UMA REFLEXÃO NO SÉCULO XIX, MAS ERA MAIS DA ORDEM DO DEBATE POLÍTICO SOBRE O PODER DOS MEIOS, COMO ELE ENFRENTAVA O PODER
---	---

	POLÍTICO, QUARTO PODER E COISA E TAL.// AS TEORIAS VÃO SE FORMANDO, OK, MAS ELAS NÃO PERTENCEM A NENHUM CAMPO EXATAMENTE. SÃO PENSAMENTOS ISOLADOS, OU PERTENCE A PSICOLOGIA OU ALGUMA OUTRA DISCIPLINA, OU MESMO COMO UMA TÉCNICA INTELLECTUAL DE DISPUTA INTELLECTUAL.// ENTÃO É MUITO IMPORTANTE SIM ESSE MOMENTO DA GUERRA, PORQUE ALI NÓS VAMOS TER O ENCONTRO DE DUAS TRADIÇÕES QUE JÁ ESTAVAM SE FORMANDO E SE CONSOLIDANDO. NÓS VAMOS TER O ENCONTRO DA TRADIÇÃO ESTADUNIDENSE, A COMMUNICATION RESEARCH E NÓS VAMOS TER TODAS AS PESQUISAS, QUE EU ESTAVA ME REFERINDO, QUE O GOVERNO AMERICANO COMEÇA INDUZIR E INCENTIVAR E A SOCIEDADE TAMBÉM JÁ FAZIA UM POUCO ISSO E POR OUTRO LADO TEMOS A ESCOLA DE FRANKFURT, QUE ACABA COMO VOCÊ SABE SE MUDANDO PARA OS ESTADOS UNIDOS E VÃO TRABALHAR COM ESSES MESMOS AUTORES E AS DESAVENÇAS VÃO SER MUITAS, AS DISCORDÂNCIAS, MAS É MUITO IMPORTANTE ISSO, O CHOQUE DESSAS DUAS TRADIÇÕES POLARIZAM O CAMPO E FORMAM O CAMPO.// ENTÃO AS TEORIAS VEM ANTES, HAVIA TEORIAS, HAVIA UMA REFLEXÃO SOBRE COMUNICAÇÃO, HAVIA TRADIÇÕES JÁ FORMADAS, PENSAMENTOS SOBRE COMUNICAÇÃO, MAS NÃO HAVIA UM
--	---

TEC ÁUDIO DE LUÍS MAURO SÁ MARTINO TEMPO PREVISTO: 3'18"	CAMPO.// ESSAS TRADIÇÕES PERMANECIAM ISOLADAS.// ENTÃO QUANDO HÁ ESSE DEBATE OUTRAS ACABAM VINDO, OUTRAS ACABAM TRABALHANDO ESSE ASSUNTO E AÍ APARECE A IMPORTÂNCIA DO OBJETO DE ESTUDO.// ENTÃO OBJETO DE ESTUDO NÃO É UM CONSENSO, MAS É EM TORNO DESSE OBJETO QUE VAI HAVER A DISPUTA.// DEIXA FINAL 19'02" LOC 1: AS REFLEXÕES EM TORNO DO QUE A COMUNICAÇÃO ESTUDA TAMBÉM RESPINGA NAS PALAVRAS E NOS CONCEITOS QUE UTILIZAMOS PARA EXPLICÁ-LA.// ESSA DIFICULDADE,/ TAMBÉM,/ É APONTADA PELO PROFESSOR LUÍS MAURO.// <u>LUÍS MAURO SÁ</u> DEIXA INICIAL - 16'27": PARA GENTE SABER QUAIS SÃO AS TEORIAS DA COMUNICAÇÃO, A GENTE PRECISARIA SABER UMA OUTRA COISA ANTERIORMENTE.// O QUE É COMUNICAÇÃO?// E EXISTEM TANTOS CONCEITOS DE COMUNICAÇÃO, QUANTAS TEORIAS DA COMUNICAÇÃO.// EU PESSOALMENTE, EU ACHO QUE ESSA PLURALIDADE ELA É MUITO BEM VINDA PARA O CAMPO.// POR QUÊ?// POR QUE NA HORA QUE ALGUÉM DESCOBRIR O QUE É
--	---

	COMUNICAÇÃO O CAMPO MORRE.// AS DEFINIÇÕES ÚNICAS, E A TODA UMA TRADIÇÃO BONITA NA FILOSOFIA QUE NOS LEMBRA DISSO, A DEFINIÇÃO MATA A COISA.// ENTÃO O DIA QUE ALGUÉM ACHAR EXATAMENTE O QUE É COMUNICAÇÃO E NÃO HOUVER A POSSIBILIDADE DO DIÁLOGO, NÓS DEIXAMOS DE TER O CONHECIMENTO QUE ACONTECE NO DIÁLOGO, A GENTE PASSARIA A TER UM MONÓLOGO.// O CONHECIMENTO EM GERAL FOGE DO MONÓLOGO.// O CONHECIMENTO PARA ACONTECER ELE PRECISA DA OUTRA VOZ, ELE PRECISA DA VOZ DO OUTRO E A PARTIR DAÍ É QUE ELE VAI DE FATO EMERGIR.// ENTÃO EU NÃO SEI UM DIA A GENTE VAI CHEGAR E FALAR “ISSO DAQUI É UMA TEORIA DA COMUNICAÇÃO” O QUE A GENTE PODE, CLARO, É OBSERVAR O QUANTO UMA TEORIA ESTÁ PRÓXIMA DE FENÔMENOS COMUNICAÇÕES E O QUE SÃO FENÔMENOS COMUNICAÇÕES PARA AQUELA TEORIA.// ATÉ PARA GENTE NÃO CONFUNDIR, E ISSO É IMPORTANTE.// É O OUTRO LADO DA MOEDA.// PORQUE SENÃO QUALQUER COISA É COMUNICAÇÃO, QUALQUER COISA É TEORIA DA COMUNICAÇÃO.// E AÍ A GENTE CHEGA NO OUTRO EXTREMO.// SE A DEFINIÇÃO MATA A COISA A AUSÊNCIA TOTAL DE DEFINIÇÃO NÃO NOS PERMITE VER A COISA.// ENTÃO NA TEORIA DA COMUNICAÇÃO A GENTE TENTA SE EQUILIBRAR ENTRE ESSES DOIS EXTREMOS, DEFININDO QUAL É O
--	--

	ASPECTO DO FENÔMENO COMUNICACIONAL QUE A GENTE VAI OBSERVAR.// NÃO DÁ PARA OBSERVAR TODOS, ENTÃO NÓS VAMOS BUSCAR TEORIAS QUE ME EXPLIQUEM AQUELE FENÔMENO.// NEM TODA TEORIA EXPLICA TUDO POR ISSO QUE NEM TODA TEORIA É TEORIA DA COMUNICAÇÃO.// MUITO A TÍTULO DE EXEMPLO, O PODCAST NOSSO AQUI É SÓ ÁUDIO.// ENTÃO EU LAMENTO MAS NINGUÉM VAI CONSEGUIR FAZER UMA ANÁLISE DAS NOSSAS EXPRESSÕES FACIAIS, NÃO VAI ROLAR.// AH MAIS EU ESTUDEI TEORIA DA COMUNICAÇÃO DA EXPRESSÃO FACIAL DURANTE 20 ANOS, DESCULPA.// ANALISA UM VÍDEO, VAI SER FELIZ ANALISANDO UM VÍDEO AQUI NÃO VAI ROLAR.// PORQUE?// TÔ DANDO UM EXEMPLO BEM SIMPLES, MAS PARA LEMBRAR QUE TEORIAS DIALOGAM COM A REALIDADE.// NEM TODA TEORIA DIALOGA COM QUALQUER REALIDADE.// ENTÃO DO PONTO DE VISTA DO TEXTO, DA IMAGEM VISUAL, DO TEXTO VISUAL, NÃO DÁ PARA ANALISAR NOSSA CONVERSA AQUI.// VOCÊ QUE TÁ OUVINDO O PODCAST AQUI, VOCÊ NÃO ADIANTA VOCÊ TENTAR FAZER SEU TCC, SEU MESTRADO NA QUESTÃO VISUAL, QUE NÃO ESTÁ ROLANDO.// POSSO COMPLICAR A QUESTÃO?// SÓ PARA COMPLICAR.// NO ENTANTO DÁ PARA ANALISAR O LOGO DO PODCAST, PARA VER O QUÊ QUE ELE REPRESENTA?// O QUÊ QUE ELE QUER NOS DIZER? COMO É QUE ELE FUNCIONA?// SÓ PARA NÃO
--	--

TEC ÁUDIO DE RAFIZA VARÃO TEMPO PREVISTO: 0'44"	TIRAR A ESPERANÇA, VAI QUE ALGUÉM QUERIA FAZER O TCC EM CIMA DISSO.// DEIXA FINAL 19'45" LOC 2: ENTÃO,/ TEMOS,/ AQUI,/ UMA DISCUSSÃO SOBRE A NECESSIDADE OU NÃO DE UM CONSENSO SOBRE O OBJETO DE ESTUDO E OS CONCEITOS QUE UTILIZAMOS.// MAS SERÁ MESMO QUE PRECISAMOS DE UM CONSENSO?// A PROFESSORA RAFIZA,/ TAMBÉM ,/ PROBLEMATIZA ESSA NECESSIDADE.// <u>RAFIZA VARÃO</u> DEIXA INICIAL 17'07" NÃO, EU NÃO ACREDITO QUE UM DIA, NÓS VAMOS CHEGAR NESSE CONSENSO.// EU NÃO ACREDITO QUE UM DIA NÓS TENHAMOS UM CRITÉRIO ESPECÍFICO PARA DIZER O QUE É UMA TEORIA DA COMUNICAÇÃO E O QUE NÃO É.// MAS ISSO TAMBÉM NÃO É UM GRANDE PROBLEMA, PORQUE NÃO NECESSARIAMENTE NÓS PRECISAMOS DE UM CONSENSO.// MAS NÓS PRECISAMOS DE UMA BASE RELATIVAMENTE COMUM, PARA QUE A GENTE POSSA SEGUIR NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO, ENTENDENDO QUE NÓS FAZEMOS PARTE DE UMA MESMA ÁREA DE CONHECIMENTO.// O GRANDE PROBLEMA É QUANDO NÓS NÃO TEMOS CRITÉRIO NENHUM.// AÍ A GENTE NÃO SABE SE QUER DIZER O QUE NÓS SOMOS, NÉ.// MAS
---	---

	CHEGAR A UM CONSENSO EU ACHO PRATICAMENTE IMPOSSÍVEL.// DEIXA FINAL 17'51'' LOC 1: PODE ATÉ SER IMPOSSÍVEL ENCONTRARMOS UM CRITÉRIO ESPECÍFICO QUE DEFINA O QUE SÃO AS TEORIAS DA COMUNICAÇÃO.// MAS PRECISAMOS DEBATER SOBRE ESSES CRITÉRIOS.// LOC 2: E,/ POR ISSO,/ NO DECORRER DA JORNADA DESTE PODCAST,/ ESSE ASSUNTO VAI SER BASTANTE COMENTADO.// LOC 1: POIS É,/ SÓ ATRAVÉS DA EPISTEMOLOGIA,/ E DA CONVERSA QUE CONSEGUIMOS ENTENDER AS TEORIAS E BUSCAR FORMAS DE ENTENDER A PRÁTICA.// LOC 2: ATÉ PORQUE A TEORIA E A PRÁTICA ANDAM JUNTAS.// UMA PRECISA DA OUTRA PARA EXISTIR.// LOC 1: E É PRECISO FALAR SOBRE TEORIAS, PARA PODER,/ NO FUTURO,/ ENCONTRAR CRITÉRIOS,/ OU TALVEZ NÃO.// MAS ENCONTRAR CAMINHOS QUE NOS FAÇA ENTENDER MELHOR A PRÁTICA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO.// LOC 2: E TERMINAMOS A NOSSA PRIMEIRA EDIÇÃO DO PODCAST TEÓRICAS COM UMA
--	--

	FRASE ESCRITA PELO PROFESSOR LUIZ CLÁUDIO MARTINO, EM UM DE SEUS ARTIGOS.// LOC 1: TRANSFORMAR ESSE PANORAMA DEPENDE DE CADA UM,/ DE CADA PESQUISADORA,/ DE CADA PESQUISADOR.// O ESFORÇO DE PENSAR TEORIA DA COMUNICAÇÃO NÃO É SÓ ESTUDAR UM CONJUNTO DE CONCEITOS ABSTRATOS,/ MAS PENSAR TEORIA COMO ALGO QUE A GENTE VIVE,/ NOS MOVE,/ MEXE CONOSCO.// LOC 2: MAS ANTES DE ENCERRAR VAMOS RECAPITULAR ALGUNS TEMAS QUE CONVERSAMOS HOJE.// PRIMEIRO PONTO,/ NÃO EXISTE UMA DEFINIÇÃO SOBRE O QUE SÃO AS TEORIAS DA COMUNICAÇÃO,/ CADA AUTOR E PESQUISADOR VAI UTILIZAR O CONCEITO QUE MELHOR ENCAIXA EM SEU TRABALHO.// LOC 1: MAS É IMPORTANTE ESCLARECER QUE POR ESSA RAZÃO PRECISAMOS CONTINUAR DEBATENDO SOBRE EPISTEMOLOGIA.// PORQUE É ELA QUE PODE NOS DAR CAMINHOS PARA ENTENDERMOS O CAMPO COMUNICACIONAL.// LOC 2: E,/ SIM,/ O NOSSO DEBATE SOBRE A FORMAÇÃO DO CAMPO COMUNICACIONAL VAI SER TEMA
--	---

TEC TRILHA EXPLODE VAI A BG SLOGAN DO PROGRAMA EXPLODE. DISSOLVE	FREQUENTE NESTE PODCAST.// ENTÃO NOS ENCONTRAMOS NOS PRÓXIMOS?// MEU NOME É CARLA NOGUEIRA E É MUITO LEGAL ESTÁ PARTICIPANDO DESSA JORNADA JUNTO COM VOCÊ.// LOC 1: O PODCAST TEÓRICAS É PRODUZIDO POR MIM,/ RAYANNE ELISÃ.// E ELE FAZ PARTE DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL.// FOI ORIENTADO PELO PROFESSOR RODRIGO BARBOSA E PELA PROFESSORA SHEILA BORGES,/ DO NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO,/ DO CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE,/ O C-A-A.,/ O CAMPUS DA U-F-P-E,/ LOCALIZADO EM CARUARU,/ CIDADE DA REGIÃO AGRESTE DE PERNAMBUCO.// LOC 2: NO PRÓXIMO EPISÓDIO, / NÓS CONTINUAREMOS DISCUTINDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DE ESTUDAR AS TEORIAS DA COMUNICAÇÃO.// LOC 1: ESTE PODCAST CONTOU COM AS VOZES DE ESTUDANTES E EGRESSOS DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL: VANESSA PEREIRA, / SÉRGIO LUCAS,/ FÁTIMA FRANÇA,/ DANIEL NASCIMENTO,/
--	---

TEC: VINHETA DO ENCERRAMENTO TEÓRICAS,/ UM PODCAST SOBRE AS RAÍZES DA COMUNICAÇÃO.//	HELLEN GOUVEIA E PEDRO NETO.// E TAMBÉM COM A VOZ DE ELAINE DIAS.// LOC 2: ESTE EPISÓDIO FOI NARRADO POR MIM,/ CARLA NOGUEIRA.// E NARRADO,/ EDITADO E PRODUZIDO POR RAYANNE ELISÃ.// LOC 1: PARA DÚVIDAS OU SUGESTÕES,/ VOCÊ PODE ENVIAR UMA MENSAGEM PARA A GENTE PELO NOSSO INSTAGRAM ARROBA TEÓRICAS PODCAST,/ TUDO JUNTO E MINÚSCULO.// E NOS SEGUIR NO SPOTIFY.// ATÉ A PRÓXIMA.//
---	---

No próximo tópico veremos o espelho, o roteiro de perguntas e script do segundo episódio, que debate sobre o ensino das teorias de comunicação para alunos de graduação, utilizando de recursos do rádio como vinhetas e entrevistas com múltiplos professores sobre o tema. O objetivo é apresentar as teorias aos estudantes de graduação para que juntos possamos encontrar a melhor forma de aprendermos as Teorias da comunicação.

6.4 ESPELHO DO EPISÓDIO II

ESPELHO EPISÓDIO DOIS
Título do episódio: A importância do ensino de Teorias nos cursos de Comunicação.
Recapitulando o episódio um
Apresentação do tema
Vinheta
Conceitos apresentados por cada autor, intercalando os pontos de vista.
REVISANDO: Momento de tirar as dúvidas
Encerramento

6.5 ROTEIRO DE PERGUNTAS EPISÓDIO II

Rafiza Luziani Varão Ribeiro Carvalho (UNB)

- Porque você se interessou por Teorias e Epistemologia da comunicação?
- O Harold Lasswell é um autor comumente citado pelo campo da Comunicação como um de seus pioneiros, até por essa razão sua tese foi focada nele. Mas porque ele é tão importante para o surgimento do campo?

- As pesquisas dos pais fundadores ainda são as mais importantes até os dias atuais? Devem ser o ponto de partida para iniciar os estudos comunicacionais.
- Porque a história dos quatro fundadores tem sido adotada em grande parte dos livros?
- Quais consequências essa visão, dos quatro pais fundadores acarretou para a constituição e história do campo?
- A teoria é uma oposição à prática ou elas são complementares?
- Qual o maior desafio em ensinar Teorias da Comunicação?
- Em sua opinião quais são as teorias bases da comunicação? E o que as faz como tal?
- Para se estudar sobre Teorias é necessário seguir a ordem cronológica?

Pedro Russi (UNB)

- Como surgiu seu interesse por ensinar? E porque você escolheu as Teorias da comunicação?
- Por que é tão importante ensinar e aprender sobre Teorias?
- Qual o maior desafio em ensinar Teorias da Comunicação?
- Em sua opinião quais são as teorias bases da comunicação? E o que as faz como tal?
- Para estudar sobre Teorias é necessário seguir a ordem cronológica?

6.6 SCRIPT DO EPISÓDIO II

SONOPLASTIA	LOCUTORES
TEC - TRILHA EXPLODE E VAI À BG.//	LOC 1: OI, EU SOU A RAYANNE ELISÃ E ESSE É O TEÓRICAS.// LOC 2: OLÁ, MEU NOME É CARLA NOGUEIRA E COMEÇA,/ AGORA,/ O SEGUNDO

TEC VINHETA DE ABERTURA EXPLODE// TEÓRICAS - UM PODCAST SOBRE AS RAÍZES DA COMUNICAÇÃO.// DISSOLVE VAI À BG// TEC - TRILHA EXPLODE E VAI À BG.//	EPISÓDIO DO PODCAST QUE TE AJUDA A ENTENDER AS RAÍZES DA COMUNICAÇÃO.// LOC 1: NO PRIMEIRO EPISÓDIO,/ NÓS FALAMOS SOBRE A FORMAÇÃO DO CAMPO COMUNICACIONAL E ALGUNS AUTORES FORAM CITADOS COMO PAUL LAZARFELD,/ KURT LEWIN,/ CARL HOVLAND E HAROLD LASSWELL.// MAS É IMPORTANTE LEMBRARMOS QUE A HISTÓRIA SEMPRE TEM UM OUTRO LADO,/ QUE,/ MUITAS VEZES,/ NÃO É CONTADA.// E,/ ASSIM,/ COMO ACONTECE EM VÁRIOS ASPECTOS DA SOCIEDADE,/ O MESMO ACONTECE NA HISTÓRIA DO SURGIMENTO DO CAMPO DA COMUNICAÇÃO.// LOC 2: VOCÊ PERDEU O PRIMEIRO EPISÓDIO?// VOLTA UM POUQUINHO E ESCUTA COM CALMA.// ELE VAI SER IMPORTANTE PARA O DEBATE DE HOJE.// LOC 1:NESTE EPISÓDIO,/ NÓS VAMOS CONVERSAR COM A DOUTORA EM COMUNICAÇÃO E PROFESSORA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA RAFIZA VARÃO,/ ALÉM DO DOUTOR EM CIÊNCIAS
--	--

TEC TRILHA DISSOLVE VAI À BG VINHETA DO EPISÓDIO EXPLODE EPISÓDIO DE HOJE.// A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE TEORIAS.// NOS CURSOS DE COMUNICAÇÃO.// TEC TRILHA DISSOLVE VAI À BG	DA COMUNICAÇÃO E,/ TAMBÉM,/ PROFESSOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA PEDRO RUSSI DUARTE.// LOC 2: ELES VÃO AJUDAR A DEBATER A IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS DE TEORIAS DA COMUNICAÇÃO,/ INDO ALÉM DOS AUTORES BÁSICOS.// VÃO,/ TAMBÉM,/, NOS MOSTRAR,/ DE UMA FORMA DIVERTIDA,/ QUE TEORIA E PRÁTICA ESTÃO SEMPRE JUNTAS.// LOC 1: O PROFESSOR LUÍS MAURO DE SÁ MARTINO,/ DO CURSO DE JORNALISMO,/ DA CÁSPER LÍBERO,/ VAI APARECER DURANTE ESTE EPISÓDIO COM ALGUNS EXEMPLOS QUE TRAZEM AS TEORIAS,/ PARA O NOSSO DIA A DIA.// LOC 2: E PARA COMEÇAR ESTE EPISÓDIO,/ ESTAMOS AQUI COM A PROFESSORA RAFIZA.// PARA VOCÊ,/ QUAL É O MAIOR DESAFIO EM ENSINAR TEORIAS DA COMUNICAÇÃO?//
---	--

TEC ÁUDIO DE RAFIZA VARÃO
TEMPO PREVISTO: 0'48"

RAFIZA VARÃO

DEIXA INICIAL 9'35"

ACHO QUE O MAIOR DESAFIO É O DESAFIO DE TODA ÁREA DA COMUNICAÇÃO,/ NÉ?// É FAZER COM QUE VOCÊ ENTENDA OU FAZER COM QUE O ESTUDANTE ENTENDA QUE A PRÁTICA DA COMUNICAÇÃO ELA É MUITO MAIOR DO QUE SIMPLEMENTE ENVIAR UMA MENSAGEM,/ NÉ?// OU FAZER COM QUE AQUELA MENSAGEM SEJA EFETIVA.// COMUNICAÇÃO ELA CONSTRÓI O MUNDO PRA GENTE, ELA CONSTRÓI AS COISAS QUE NÓS ENTENDEMOS SOBRE O MUNDO. ENTÃO O MAIOR DESAFIO É ENTENDER QUE A COMUNICAÇÃO ELA TEM UMA RESPONSABILIDADE NA CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE.// E ISSO APARECE TANTO NAS DISCIPLINAS QUE SÃO REFERENTES A TEORIA DA COMUNICAÇÃO COMO NAS DISCIPLINAS PRÁTICAS TAMBÉM NÉ?// NÓS PRECISAMOS SABER QUE AQUILO QUE NÓS COMUNICAMOS TEM UM IMPACTO SOCIAL E UM IMPACTO NA CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE.//

DEIXA FINAL 10'22"

LOC 1: E PARA VOCÊ,/ LUÍS MAURO,/ QUAL É O MAIOR DESAFIO EM ENSINAR TEORIAS?//

TEC ÁUDIO DE LUÍS MAURO SÁ MARTINO TEMPO PREVISTO: 3'39"	<u>LUÍS MAURO SÁ</u> DEIXA INICIAL 7'38 TORNÁ-LAS DIVERTIDAS.// A GENTE APRENDE MELHOR UMA COISA QUE É DIVERTIDA.// TALVEZ NÃO FOSSE ESSA A RESPOSTA MAIS CORRETA.// EU SEI QUE EXISTEM RESPOSTAS MELHORES.// MAS A MINHA PREOCUPAÇÃO É RESGATAR NO ÂMBITO DO ENSINO UMA COISA FUNDAMENTAL, A ALEGRIA DE APRENDER, A ALEGRIA DE DESCOBRIR.// A GENTE, TODAS E TODOS NÓS, SOMOS CURIOSOS NATOS.// A CRIANÇA ADORA DESCOBRIR, ADORA MEXER NAS COISAS.// QUER ESTUDAR E ESTUDAR PARA ELA NÃO É SINÔNIMO DE IR NA ESCOLA.// PARA CRIANÇA ESTUDAR É SINÔNIMO DE IR LÁ, MEXER, VER COMO É QUE FUNCIONA, DESCOBRIR AS COISAS.// ESSA ALEGRIA DE APRENDER, INFELIZMENTE ÀS VEZES É DEIXADA DE LADO.// ÀS VEZES NO PRÓPRIO ÂMBITO ESCOLAR E TUDO MAIS.// EU ACHO QUE O DESAFIO DE ENSINAR TEORIA É RETOMAR ESSA ALEGRIA DA DESCOBERTA.// ALEGRIA DO SABER.// É AQUELE MOMENTO DO A HA!// SABE QUANDO VOCÊ OLHA O FILME E VOCÊ ESTUDOU UM POUQUINHO DE FIGURINO E VOCÊ VAI ASSISTIR O FILME E VOCÊ FALA A HA!// É AQUELA PESSOA QUE VAI MATAR O VILÃO NO FINAL, PORQUE ELA ESTÁ COM A ROUPA DESSE ESTILO, DESSA COR, NUM SEI O QUE, NUM SEI O QUE, NUM SEI O QUE... DAQUI A POUCO ELA MATA O VILÃO AÍ VOCÊ FALA A HA!// EU SABIA QUE ERA ESSA PESSOA.// VOCÊ ESTUDA JORNADA
TEC TRILHA DE SUSPENSE EXPLODE E VAI A BG.//	

TEC TRILHA DE SUSPENSE
EXPLODE E VAI A BG.//

DO HERÓI EM TEORIAS NARRATIVAS DA COMUNICAÇÃO, AÍ VOCÊ VAI ASSISTIR O SENHOR DOS ANÉIS, AÍ VOCÊ FALA A HA!// ELE ESTÁ SAINDO DO MUNDO NORMAL.// A HA!// ELE VAI ENCONTRAR UM MENTOR.// A HA!// ELE VAI ENCONTRAR AGORA O ELIXIR MARAVILHOSO, AGORA ELE VAI PASSAR PELA PROVA.// É SUPER LEGAL QUE VOCÊ VAI DESMONTANDO O MUNDO E O MUNDO GANHA NOVAS CORES.// EU ACHO QUE O DESAFIO É RETOMAR A ALEGRIA DE APRENDER.// PARA QUE A GENTE POSSA LEMBRAR.// PRIMEIRO QUE A GENTE APRENDE MAIS FÁCIL O QUE É DIVERTIDO, O QUE É LEGAL.// SEGUNDO LEMBRAR QUE TEORIA DA COMUNICAÇÃO DIALOGA COM A NOSSA VIDA O TEMPO TODO.// ENTÃO,/ VOCÊ QUE TÁ OUVINDO A GENTE AÍ,/ QUE É FÃ DE ONE DIRECTION, QUE ATÉ HOJE NÃO ACEITOU O FIM DA BANDA.// VOCÊ QUE IMPRIMIU AQUELE TWEET,/ ACHO QUE DO LOUI,/ ESCRITO PROMISE,/ QUANDO A BANDA FALOU NÓS VAMOS VOLTAR.// PARA VOCÊ DIRECTION,/ A GENTE PODE ESTUDAR O ONE DIRECTION A PARTIR DE UM MILHÃO DE MANEIRAS.// PODE ESTUDAR COM TEORIAS DO FÃS,/ QUE É UMA TEORIA DA COMUNICAÇÃO DE VIÉS ANTROPOLÓGICO.// MAS,/ A GENTE PODE ESTUDAR DO PONTO DE VISTA DA ESCOLA DE FRANKFURT,/ LEMBRANDO QUE ONE DIRECTION É TAMBÉM UM PRODUTO DA INDÚSTRIA CULTURAL,/ NÃO ME ODEIA,/ NÃO SOU QUE TÔ FALANDO,/ É ADORNO!// VAI ODIAR ADORNO!// MAIS ELES SÃO

TEC SOBE SOM NIGHT CHANGES E VAI A BG.//	INCRÍVEIS!! EU SEI.// MAS SÃO UM PRODUTO DA INDÚSTRIA CULTURAL.// VAI ODIAR ADORNO.// EU NÃO TÔ FALANDO ISSO,/ MAS É UM PONTO DE VISTA.// A GENTE PODE ANALISAR DO PONTO DE VISTA DAS MÍDIAS DIGITAIS,/ PORQUE ELES SÃO E ERAM UMA BANDA PRESENTE NAS MÍDIAS DIGITAIS.// CADA UM DOS CINCO,/ TEM A SUA PRESENÇA.// ENTÃO A GENTE PODE ANALISAR DO PONTO DE VISTA DA CIBERCULTURA E DE REPENTE,/ UM BELO DIA, VOCÊ TÁ LÁ TODO FELIZ,/ TODA FELIZ,/ OUVINDO NIGHT CHANGES E CANTANDO JUNTO,/ E AÍ VEM UM PARENTE E PERGUNTA,/ O QUE VOCÊ TÁ FAZENDO TÁ OUVINDO MÚSICA?// NÃO,/ TÔ ESTUDANDO TEORIAS DA COMUNICAÇÃO.// E SE A PESSOA FALAR,/ AH, MAS QUE HORROR.// VOCÊ PEGA SEI LÁ,/ TRÊS LIVROS E FALA,/ OH,/ TÁ AQUI,/ Ó.// ISSO AQUI É CULTURA DOS FÃS,/ É CULTURA DA MÍDIA,/ É CULTURA DIGITAL,/ TÁ,/ TÔ ESTUDANDO SIM.// EVEN WHEN THE NIGHT CHANGES.// TÁ?// E AÍ CÊ FECHA,/ LACRA,/ NÉ?// E VOCÊ PERCEBE,/ CARA,/ A TEORIA QUE EU TÔ ESTUDANDO,/ ELA NÃO TÁ MORTA,/ NO LIVRO.// ELA TÁ VIVA,/ CADA VEZ QUE EU ASSISTO UM FILME,/ CADA VEZ QUE EU VEJO UMA SÉRIE DE TV,/ CADA VEZ QUE EU OUÇO MINHA MÚSICA FAVORITA E ASSIM POR DIANTE.// NÃO QUE EU GOSTE DO ONE DIRECTION.// MAL CONHEÇO A BANDA FOI SÓ UM EXEMPLO.// NÃO QUE EU SAIBA ATÉ TOCAR ALGUMAS MÚSICAS FOI SÓ UM EXEMPLO ALEATÓRIO TÁ?// NADA NADA A VER.// EU NEGO TÁ?// EU NEGO.// SÓ NA
---	--

TEC ÁUDIO DE PEDRO RUSSI DUARTE TEMPO PREVISTO: 1'04"	PRESENÇA DO MEU ADVOGADO QUE EU ACEITO.// DEIXA FINAL 11'17 LOC 2: ADAPTANDO UM POQUINHO A CANÇÃO DO ONE DIRECTION,/ O QUE O MARTINO QUER DIZER É QUE,/ MESMO QUE AS NOITES MUDEM,/ AS TEORIAS DA COMUNICAÇÃO CONTINUAM SENDO A BASE DOS ESTUDOS COMUNICACIONAIS.// E ELAS ESTÃO,/ SIM,/ VIVAS E EM NOSSO DIA A DIA.// LOC 1: E PARA CONTINUARMOS FALANDO SOBRE A RELAÇÃO DE PRÁTICA E TEORIA,/ A GENTE CHAMA AGORA PARA A CONVERSA O PROFESSOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA,/ PEDRO RUSSI DUARTE.// LOC 2: PEDRO FALA PARA GENTE SOBRE ESSA IDEIA DE SEPARAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA?// <u>PEDRO RUSSI DUARTE</u> DEIXA INICIAL 15'31" É PORQUE A QUESTÃO É A SEGUINTE,/ TEM UMA MALDITA,/ MALDITA NOS DOIS SENTIDOS,/ MALDITA DE MALDIÇÃO MESMO E MALDITA DE MALDITA.// SEPARAÇÃO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA,/ NÉ?// ENTÃO,/ AH,/ O PROFESSOR TEÓRICO E O
---	---

PROFESSOR PRÁTICO,/ OU AS MATÉRIAS PRÁTICAS OU AS MATÉRIAS TEÓRICAS.// E ISSO É UMA É UMA DICOTOMIA E UMA UMA DIVISÃO,/ VAI SER UMA DICOTOMIA,/ QUE JUSTAMENTE REDUZ A POTÊNCIA QUE A GENTE TEM PARA COMPREENDER,/ O QUE A GENTE QUER COMPREENDER,/ NÉ.// ENTÃO,/ QUANDO EU SEPARO O TODO O APRENDIZADO,/ QUALQUER UM SEJA FORMAL OU NÃO FORMAL,/ QUALQUER UM,/ QUANDO EU SEPARO A PRÁTICA E A TEORIA,/ EU ESTOU DE CERTA FORMA SEPARANDO CORPO E MENTE.// ESTOU SEPARANDO NUMA DICOTOMIA.// NÃO ESTOU COMPREENDENDO O QUE É O PROCESSO DE ENTENDER O MUNDO.//

DEIXA FINAL 16'35"

LOC 1: O QUE O PEDRO RUSSI ESTÁ DIZENDO É QUE NO DIA A DIA NÃO DÁ PARA SEPARAR A TEORIA E A PRÁTICA,/ PORQUE ISSO SIGNIFICA SEPARAR CORPO E ALMA.// O QUE SERIA DEIXAR A SITUAÇÃO INCOMPLETA.//

LOC 2: O PROFESSOR URUGUAIO PEDRO RUSSI VAI NOS EXPLICAR,/ AGORA,/ COM EXEMPLOS,/ O PORQUÊ NÃO DÁ PARA FAZER ESSA SEPARAÇÃO NO DIA A DIA.//

PEDRO RUSSI DUARTE

DEIXA INICIAL 16'35"

QUANDO AS PESSOAS SAÍAM PARA FORA,/ SAÍA PRA DENTRO É DIFÍCIL,/ MAS QUANDO

TEC ÁUDIO DE PEDRO RUSSI
DUARTE TEMPO PREVISTO:
1'56"

AS PESSOAS IAM PRA FORA,/ E OLHAVAM O CÉU E FALAVAM AGORA VAI CHOVER,/ PORQUE AS NUVENS ESTÃO DE ALGUMA FORMA E O VENTO ESTÁ DE ALGUM LUGAR.// ISSO É JUSTAMENTE A EXPRESSÃO,/ ESSA LEITURA QUE SE FAZ,/ ESSA ANÁLISE,/ É UMA ANÁLISE SEMIÓTICA,/ POIS É UMA FORMA, UMA ANÁLISE,/ NÉ.// É UMA ANÁLISE QUE ARTICULA,/ UMA EXPERIÊNCIA PRÁTICA E UMA EXPERIÊNCIA CONCEITUAL TEÓRICA.// ISSO TÃO SIMPLES,/ DE OLHAR PRA CIMA FALAR AGORA VAI CHOVER,/ AGORA VAI VENTAR,/ AGORA VAI FAZER FRIO,// TANTA COISA.// EU GOSTARIA QUE ME EXPLICASSEM COMO SEPARAR A TEORIA E PRÁTICA,/ DAÍ?// ALGUÉM PODERIA DIZER,/ MAS O COSTUME DELE,/ A PRÁTICA DELE,/ DE QUE SEMPRE AS NUVENS APARECEM DE UMA FORMA.// ENTÃO,/ ESSAS NUVENS VÃO ME INDICAR QUE CHUVA.// MAS A LEITURA DE COMPREENDER QUE AS NUVENS SE APRESENTAM DESSA MESMA FORMA,/ ISSO JÁ É UMA CONSTRUÇÃO ASTRAL. ISSO JÁ É UM PROCESSO UM PROCESSO CONCEITUAL.// ISSO DAÍ QUANDO FALAMOS DA TEORIA,/ ESTAMOS FALANDO ISSO.// DE UMA ARTICULAÇÃO DE POSSIBILIDADES DE HIPÓTESES,/ DE TENTATIVAS DE INFERÊNCIA,/ DE ABDUÇÕES.// ENTÃO QUANDO PENSO EM TEORIA,/ NÃO PENSO,/ NÃO SE PENSA NUM PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO,/ PROCESSO DE CONSTRUÇÃO MATERIAL.// ENTÃO QUANDO EU SEPARO A TEORIA E PRÁTICA,/ QUANDO EU SEPARO ISSO,/ EU ESTOU

TEC ÁUDIO DE PEDRO RUSSI DUARTE TEMPO PREVISTO: 1'12"	DEIXANDO DE COMPREENDER.// ESTOU MAIS PREOCUPADO POR ENCAIXAR AS COISAS,/ RESPONDENDO A CÂNONES E A SEPARAÇÃO DE DICOTOMIA DO QUE UMA ARTICULAÇÃO ENTRE TECIDO.// DEIXA FINAL 18'33" LOC 1: PODEMOS CONCLUIR COM O PEDRO QUE ESSE PROCESSO DE SEPARAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA É COMO TENTAR SEPARAR DOIS CONCEITOS COMO O BEM E O MAL.// O QUE NÃO É ALGO TÃO FÁCIL ASSIM,/ POIS,/ PARA SE SABER O QUE É O MAL,/ É PRECISO CONHECER O BEM.// . LOC 2: PEDRO NOS DIZ,/ ENTÃO,/ QUE A PRAXE NADA MAIS É QUE AQUILO QUE FAZEMOS HABITUALMENTE.// OU SEJA,,/ UM COSTUME,/ UMA PRÁTICA,/ A ROTINA.// <u>PEDRO RUSSI DUARTE</u> DEIXA INICIAL 18'33" QUANDO ENTÃO,/ NESSE SENTIDO A PRÁXIS,/ JUSTAMENTE ENTENDER ISTO,/ COMO PRAXE.// O SENTIDO DA PRAXE,/ A ORIGEM DA IDEIA É A AÇÃO E REFLEXÃO.// É JUSTAMENTE ISSO.// É O QUE EU ESTOU VIVENDO,/ É O QUE EU ESTOU ENTENDENDO.// E ISTO QUE ESTOU ENTENDENDO TAMBÉM É UMA VIVÊNCIA,/ QUE ME PERMITE ENTENDER OUTRAS COISAS.// QUANDO EU ENTENDO A
---	--

COMUNICAÇÃO,/ ESTOU
 COMPREENDENDO O PROCESSO DE
 COMUNICAÇÃO.// EMBORA EU ESTEJA
 FAZENDO UM TEXTO SOBRE
 COMUNICAÇÃO,/ A FORMA COMO VOCÊ
 ESTÁ COMPREENDENDO O QUE EU ESTOU
 FALANDO,/ A FORMA COMO VOCÊ VAI DE
 CERTA FORMA DISTRIBUINDO AS
 POSSIBILIDADES DE PERGUNTA.// NÃO É
 PELA QUESTÃO DE PRÁTICA.// É PORQUE
 VOCÊ ESTÁ ENTENDENDO
 CONCEITUALMENTE DE ALGUMA FORMA
 QUE É UM PROCESSO TEÓRICO
 CONCEITUAL,/ QUE SE ARTICULA UM
 MOMENTO A UMA INSTÂNCIA QUE ESTÁ
 CONVIVENDO.// ENTÃO,/ QUANDO EU
 SEPARO A TÉCNICA E A PRÁTICA EU ESTOU
 TRABALHANDO COM COISAS VAZIAS.//

DEIXA FINAL 19'45"

LOC 1: TENTAR SEPARAR A PRÁTICA DA
 TEORIA NÃO FUNCIONA.// É O QUE AFIRMA
 PEDRO.// E É O QUE DIZ A MÚSICA FICO
 ASSIM SEM VOCÊ.// O AVIÃO NÃO
 FUNCIONA SEM ASA,/ A FOGUEIRA SEM
 BRASA NÃO FAZ FOGO E NÃO TEM FUTEBOL
 SEM BOLA.// ENTÃO,/ NÃO TEM PRÁTICA
 SEM TEORIA NEM VICE E VERSA.//

PEDRO RUSSI DUARTE

DEIXA INICIAL - 19'55"

A COMPREENSÃO SERÁ NESTE ENTRE
 TECIDOS.// NÃO TEM UMA COISA E OUTRA.//
 É COMO ÁGUA,/ NÉ?// EU SEMPRE FALO

TEC ÁUDIO DE PEDRO RUSSI
DUARTE TEMPO PREVISTO:
5'00"

ISSO.// A ÁGUA É H₂O.// MAS SE EU JOGO
ÁGUA NO FOGO APAGA ELE,/ MAS SE EU
COLOCO HIDROGÊNIO E OXIGÊNIO OS DOIS
AUMENTA O FOGO MAS QUANDO ESTÁ
JUNTO QUE CONTINUA SENDO
HIDROGÊNIO E OXIGÊNIO APAGAM O
FOGO.// É QUE A RELAÇÃO QUE ESTÁ
ENTRE ELES QUE FAZ COM QUE ELE
APAGUE O FOGO.// VOCÊ ME EXPLICA
ENTÃO A ÁGUA,/ HIDROGÊNIO,/ OXIGÊNIO,/
PODE SER UMA COISA OU OUTRA. ISSO É
SENTIDO,/ A COMPREENSÃO,/ ESSE
ENTENDIMENTO,/ ISSO,/ SEMPRE.
SEMPRE.// É MUITO INTERESSANTE EU
VENHO TRABALHANDO MUITO FAZ MUITO
TEMPO E ESTE ÚLTIMO TEMPO COM MAIS
ÊNFASE,/ NA FÓRMULA DE CERTA FORMA,/
ENTRE ASPAS,/ FÓRMULA,/ QUE O
COTIDIANO DAS PESSOAS TEM
INCORPORADO E QUE SÃO ANÁLISE
CONCEITUADA.// O COTIDIANO,/ NO
COTIDIANO,/ NOSSA AVÓ,/ NOSSA TIA,/ TÁ,/
TÁ,/ TÁ.// FALAM FRASES,/ COISAS QUE SÃO
NUM COTIDIANO,/ QUE SÃO PROCESSO
CONCEITUAIS.// SÃO PROCESSOS
CONCEITUAIS.// HOJE DE MANHÃ EU
ESTAVA ESCUTANDO UMA MÚSICA DE UM
TANGO,/ A LETRA DE UM TANGO.// CAFÉ LA
HUMEDAD,/ O NOME DO TANGO,/ DE CACHO
CASTAÑA.// E ELE FALA NUM MOMENTO,/
ELE AGRADECE AO BAR,/ AO BARMAN.//
VOCÊ IMAGINA O TANGO,/ O CAFÉ,/ O BAR,/ NÉ.//
ELE AGRADECE AO MOSTRADOR,/ MOSTRADOR QUE É ONDE O PESSOAL,/ MOSTRADOR, NÉ?// MOSTRADOR DO LADO,/ O PESSOAL FICAVA BEBENDO.// ELE

TEC SOBE SOM CAFÉ LA
HUMEDAD – CACHO CASTAÑA E
VAI A BG.//

AGRADECIA AO QUE ELE APRENDEU NAS
COISAS QUE ELE FALOU NO MOSTRADOR,/
DO BAR.// ESSA FRASE.// ENTÃO HOJE EU
PEGUEI ESSA FRASE E ESTAVA A PARTIR
DESSA FRASE PENSANDO.// ELE NA MÚSICA
DO TANGO FALAVA,/ AGRADEÇO OS
MOMENTO DO MOSTRADOR,/ QUE ME
PERMITIRAM COMPREENDER A VIDA,/ A
HISTÓRIA DOS AMORES E TODO ESSE
TANGO TEM MUITO A VER COM AMOR E
ESSAS COISAS.// MAS MUITO BEM,/ ESSA
FRASE É UMA FRASE QUE ENTRA
DIRETAMENTE EM CONFLITO COM A IDEIA
POR EXEMPLO DO DISTANCIAMENTO
SOCIAL,/ OU SEJA ENTRA EM CONFLITO
QUE UMA COISA É DISTANCIAMENTO
FÍSICO E OUTRA COISA DISTANCIAMENTO
SOCIAL.// PORQUE AÍ TEM QUE FAZER UMA
DISTINÇÃO,/ DISTANCIAMENTO FÍSICO É
NÃO TER O CONTATO,/ MAS
DISTANCIAMENTO SOCIAL É A
DESCONSIDERAÇÃO DO OUTRO COMO O
OUTRO E O PROCESSO DE INDIVIDUALISMO
TOTAL.// ISSO PODEMOS FAZER UMA
DISCUSSÃO INTERESSANTE.// ISSO QUE
TEM A VER COM COMUNICAÇÃO.// MAS
OLHA QUE INTERESSANTE,/ NESSA FRASE
DO TANGO DOS ANOS MIL NOVECENTOS E
ALGUMA COISA,/ A FRASE QUE ME PERMITE
JUSTAMENTE DIZER IMPORTÂNCIA DO
ENCONTRO COM OS OUTROS PARA NOS
TORNAR COMO SOCIEDADE.// QUANDO EU
ELIMINO O CONTATO SOCIAL,/ NÃO O
CONTATO FÍSICO PESSOAL SE NÃO O
CONTATO SOCIAL,/ EU ESTOU ELIMINANDO
JUSTAMENTE A POSSIBILIDADE DO TECIDO

	SOCIAL DE NÃO CONFIGURAR COMO SOCIEDADE.// POR ISSO PODE SER ATÉ MAIS,/ ASPAS,/ FÁCIL OU MAIS HIGIÊNICO,/ NO DAR MUITAS,/ NÃO COLOCAR HISTORIA DE MEMÓRIA NOS CORPOS QUE SE MORRE,/ OS CORPOS QUE ESTÁ MORRENDO.// AQUI ENTRA UMA QUESTÃO PORQUE TEM RELAÇÃO COM A COMUNICAÇÃO,/ PORQUE TEM UMA RELAÇÃO ENTRE CONEXÃO E VÍNCULO.// UMA COISA É A CONEXÃO DO DISTANCIAMENTO FÍSICO E DAS PESSOAS.// E OUTRA COISA É O DISTANCIAMENTO DO VÍNCULO,/ QUE É O QUE EU NÃO FAÇO EM SOCIEDADE.// ENTÃO QUANDO EU FALO DISTANCIAMENTO SOCIAL EU ESTOU FALANDO DA RUPTURA DO VÍNCULO.// ISSO TEM A VER COM TAMBÉM COM A COMUNICAÇÃO.// ISSO TEM ESTUDADO NA TEORIA DA COMUNICAÇÃO.// DESDE PAUL WATZLAWICK,/ PALO ALTO VAI DIZER É IMPOSSÍVEL NÃO COMUNICAR.// DEIXA FINAL 23'55"
--	--

TEC TRILHA DISSOLVE VAI À BG VINHETA NOTA DE RODAPÉ INTERROMEMOS NOSSA PROGRAMAÇÃO PARA UMA NOTA DE RODAPÉ.// TEC TRILHA DE BATERIA É HORA DE SAIR DA CAIXINHA.// TEC TRILHA DA NOTA DE RODAPÉ DISSOLVE VAI À BG	LOC 2: O PROFESSOR PEDRO RUSSI FALOU SOBRE O PAUL WATZLAWICK E A ESCOLA PALO ALTO.// MAS VOCÊ SABE O QUE ESSES NOMES SIGNIFICAM?// LOC 1: A GENTE VAI TE EXPLICAR AGORA.// PALO ALTO FOI UMA ESCOLA SURGIDA NO INÍCIO DA DÉCADA DE 1940,/ NA CALIFÓRNIA,/ QUE INICIOU DE UMA ARTICULAÇÃO INTERDISCIPLINAR ENTRE PESQUISADORES DE ÁREAS DIVERSAS,/ COMO A PSIQUIATRIA,/ A ANTROPOLOGIA,/ LINGUÍSTICA,/ A MATEMÁTICA E A SOCIOLOGIA.// A ESCOLA PROPÔS UMA ALTERNATIVA AO MODELO MATEMÁTICO DA COMUNICAÇÃO,/ DE CLAUDE SHANNON.// LOC 2: O PRINCIPAL MENTOR DA ESCOLA DE PALO ALTO FOI O BIÓLOGO E ANTROPÓLOGO INGLÊS GREGORY BATESON.// E O PAUL WATZLAWICK,/ FALADO PELO PEDRO RUSSI,/ ERA UM DOS PESQUISADORES DA ESCOLA DE PALO ALTO E,/ JUNTAMENTE,/ COM JANET HELMICK BEAVIN E DONALD DE AVILA JACKSON,/ APRESENTAM CINCO AXIOMAS DA PRAGMÁTICA DA COMUNICAÇÃO.// LOC 1: PARA VOCÊ,/ QUE ASSIM COMO EU NÃO SABIA,/ AXIOMAS SÃO VERDADES INQUESTIONÁVEIS UNIVERSALMENTE VÁLIDAS,/ MUITAS VEZES UTILIZADAS
--	--

COMO PRINCÍPIOS NA CONSTRUÇÃO DE UMA TEORIA OU COMO BASE PARA UMA ARGUMENTAÇÃO.// E AS AXIOMAS APRESENTADAS PELO PAUL WATZLAWICK SÃO:// O PRIMEIRO,/ A IMPOSSIBILIDADE DE NÃO COMUNICAR;,/ O SEGUNDO,/ OS CONTEÚDOS E NÍVEIS DE RELAÇÃO NA COMUNICAÇÃO; O TERCEIRO,/ PONTUAÇÃO E A SEQUÊNCIA DE EVENTOS; QUARTO,/ COMUNICAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL E,/ O QUINTO,/ A INTERAÇÃO SIMÉTRICA E COMPLEMENTAR.//

LOC 2: MAS,/ NESTE MOMENTO,/ PARA ENTENDERMOS O PEDRO RUSSI,/ O IMPORTANTE É COMPREENDERMOS QUE,/ PARA A ESCOLA DE PALO ALTO,/ É IMPOSSÍVEL NÃO SE COMUNICAR.// TODO O COMPORTAMENTO É UMA FORMA DE COMUNICAÇÃO E,/ COMO NÃO EXISTE FORMA CONTRÁRIA AO COMPORTAMENTO,/ UMA ESPÉCIE DE NÃO-COMPORTAMENTO OU ANTI-COMPORTAMENTO,/ TAMBÉM NÃO EXISTE NÃO-COMUNICAÇÃO.// ENTÃO,/ É IMPOSSÍVEL NÃO SE COMUNICAR.//

LOC 1: TODAS ESSAS INFORMAÇÕES,/ CITADAS AQUI,/ FORAM RETIRADAS DO ARTIGO INTITULADO,/ NÃO LEIA ESTE TEXTO!// A ESCOLA DE PALO ALTO E OS PARADOXOS COMUNICACIONAIS.// ELE FOI ESCRITO POR GUSTAVO FORTES SAID,/ CAMILA CALADO LIMA E THIAGO MENESES ALVES.// O ARTIGO ESTÁ PUBLICADO NA

TEC TRILHA DISSOLVE VAI À BG VINHETA DO PROGRAMA TEÓRICAS TEC TRILHA DISSOLVE VAI À BG TEC ÁUDIO DE PEDRO RUSSI DUARTE TEMPO PREVISTO: 0'42"	REVISTA COMUNICOLOGIA,/ DE 2017,/ DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA.// LOC 2: AGORA A GENTE VOLTA A FALAR COM O PEDRO RUSSI SOBRE COMO O DISTANCIAMENTO SOCIAL,/ OCORRIDO DURANTE A PANDEMIA,/ ROMPEU O VÍNCULO DA COMUNICAÇÃO ENTRE AS PESSOAS.// <u>PEDRO RUSSI DUARTE</u> DEIXA INICIAL 23'58" QUANDO EU ROMPO,/ FALO QUE TEM O DISTANCIAMENTO SOCIAL,/ EU ENTRO COM UMA IDEIA DE ROMPER O VÍNCULO.// ENTÃO VOLTANDO A FRASE DO TANGO.// NESSA FRASE DO TANGO,/ TEM UMA QUESTÃO MUITO LINDA,/ NESSE SENTIDO FRASES DOS TANGOS DA MÚSICA,/ VOCÊ PODE PEGAR A BOLSA NOVA,/ NÉ?// A VELHA GUARDA,// A MÚSICA,/ NÉ?// É INTERESSANTE COMO POSSO A PARTIR DE FRASE IR TAMBÉM ENTENDENDO LEITURAS DE MUNDO,/ E ESSA LEITURA DE MUNDO QUE SE FAÇA JUSTAMENTE NESTA ARTICULAÇÃO DE UMA VIVÊNCIA,/ NUM BAR E A PARTIR DISSO UMA LEITURA E UMA
---	--

TEC ÁUDIO DE PEDRO RUSSI DUARTE TEMPO PREVISTO: 1'18"	INTERPRETAÇÃO DO MUNDO. ESSA É UMA RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA.// DEIXA FINAL 24'40" LOC 1: ISSO QUE O PEDRO RUSSI FALOU AGORA,/ SÓ REFORÇA O QUE O PROFESSOR LUÍS MAURO DISSE NO INÍCIO DO EPISÓDIO,/ ENQUANTO CANTÁVAMOS JUNTOS NIGHT CHANGES.// LOC 2: É O QUE A TEORIA DE PALO ALTO FALA,/ QUE TODO COMPORTAMENTO É UMA FORMA DE COMUNICAÇÃO.// E NOS LEMBRA ALGO QUE FOI DITO NO EPISÓDIO ANTERIOR,/ QUE AS TEORIAS ESTÃO VIVAS E EM NOSSO DIA A DIA.// <u>PEDRO RUSSI DUARTE</u> DEIXA INICIAL 24'42" OS TEÓRICOS E AS PESSOAS QUE MARCARAM NAS TEORIAS ERAM PESSOAS QUE OBSERVAVAM MUITO,/ ESCUTAVA MUITO.// E SE A GENTE PÔDE PARAR PEGAR AQUELES QUE MOVIMENTARAM O COMEÇO,/ A GENTE PODE PEGAR,/ VAMOS PEGAR O MAIS CLÁSSICO,/ O MCLUHAN,/ É UMA PESSOA QUE OBSERVAVA MUITO.// ELE VEM DA LITERATURA,/ VEM DA DE OUTRA DE OUTRAS ÁREAS E COMEÇA A OBSERVAR DESDE OUTRO COMEÇA A ENTENDER AS NARRATIVAS O RELATO.// OU SEJA,/ A SENSIBILIDADE QUE TINHA UMA MCLUHAN PARA ENTENDER OS PROCESSOS.// E AÍ VÊM DEPOIS OS
---	--

OUTROS MOVIMENTOS,/ MAS A COMPREENSÃO DELE,/ DELE DE SER UM MEIO DE COMUNICAÇÃO,/ UM MEIO,/ UM DISPOSITIVO NÃO MATA O OUTRO.// NÃO É SIMPLEMENTE PORQUE ELE É UM ILUMINADO,// SIM PORQUE ELE ENTENDEU QUE A SOCIEDADE É UM POUQUINHO MAIS COMPLEXA.// E UM MEIO TAMBÉM SE FORTALECE E FORTALECE O OUTRO,/ E VAI ESSA É A RELAÇÃO,/ NÉ?// QUANDO EU FALO A IMPRENSA,/ DEPOIS O RÁDIO,/ A TELEVISÃO,/ ESSAS COISAS VÃO MATAR O LIVRO.// PELO MENOS PARA O RODRIGO QUE ESTÁ AÍ,/ E PARA MIM,/ NÃO ESTÁ MATANDO O LIVRO,/ PORQUE OS DOIS TÊM BIBLIOTECA.//

DEIXA FINAL 26'00"

LOC 1: NESSE MOMENTO DA ENTREVISTA,/ PEDRO CITA A BIBLIOTECA DO PROFESSOR DE COMUNICAÇÃO DA U-F-P-E RODRIGO MIRANDA,/ QUE É ORIENTADOR DESTE TRABALHO E AMIGO PESSOAL DO PEDRO.//

LOC 2: MAS AGORA VAMOS VOLTAR AO ASSUNTO.//

PEDRO RUSSI DUARTE

DEIXA INICIAL 26'00"

QUANDO O DETERMINISMO FALA,/ AGORA VAI MORRER O LIVRO,/ AGORA A TELEVISÃO VAI ACABAR COM O RÁDIO.// É

TEC ÁUDIO DE PEDRO RUSSI
DUARTE TEMPO PREVISTO:
2'35"

NÃO COMPREENDER A COMPLEXIDADE DESTE TECIDO SOCIAL,/ QUE PERMITE O MCLUHAN ENTENDER UMA RELAÇÃO,/ POR EXEMPLO,/ DESTA RELAÇÃO SOCIAL.// PORQUE ELE ESTÁ TENDO UMA LEITURA DE OUTROS LUGARES,/ DE OUTRAS PERSPECTIVAS,/ ASSIM COMO TAMBÉM PERMITE AO CACHO CASTAÑA,/ QUANDO FAZ A LETRA DO TANGO,/ DIZER,/ NO BAR,/ NO ENCONTRO COM O OUTRO,/ NO MOSTRADOR,/ EU CONSEGUI ENTENDER A VIDA.// O DISTANCIAMENTO SOCIAL QUANDO EU ROMPO O VÍNCULO.// DE NOVO,/ NÃO ESTOU FALANDO DO DISTANCIAMENTO FÍSICO,/ PESSOAL,/ ESTOU FALANDO DE PENSAMENTO SOCIAL// QUE É A PALAVRA CHAVE QUE SE UTILIZOU E PRA MIM É BASTANTE COMPLICADO,/ MAS TUDO BEM.// ENTÃO QUANDO É PARA ENTENDER A COMUNICAÇÃO,/ PARA ENTENDER OS PROCESSOS COMUNICACIONAIS,/ PARA ENTENDER AS TEORIAS,/ EU TENHO QUE TAMBÉM ESCUTAR,/ VER,/ ENTENDER E OLHAR DE OUTRA PERSPECTIVA,/ COM OUTRA VIVÊNCIA.// PORQUE SENÃO EU VOU ESTUDAR MCLUHAN,/ EU VOU ESTUDAR O HABERMAS,/ VOU ESTUDAR A TEORIA DA AÇÃO COMUNICATIVA,/ VOU ESTUDAR A TEORIA MATEMÁTICA,/ LAZARSEFELD,/ LASSWELL,/ QUEM SEJA.// SIMPLEMENTE PORQUE ESTÁ NO LIVRO.// PORQUE O PROFESSOR MANDOU ESTUDAR.// AGORA QUE INTERESSANTE QUANDO ALGUÉM TE FALA NUMA CARNICERIA,/ COMO SE FALA AQUI NO

URUGUAI.// QUANDO ALGUÉM PEGA O JORNAL E COMEÇA A FALAR DO JORNAL,/ PARA TODOS NO AÇOUGUE.// ISSO É BELÍSSIMO.// E VER COMO O PESSOAL VAI LENDO A NOTÍCIA QUE TÁ SAINDO NO JORNAL.// VOCÊ VÊ O PESSOAL QUE MANUSEIA O MEIO.// O JORNAL IMPRESSO É UMA COISA TOTALMENTE ANTIGA,/ MAS TUDO BEM.// MAS AS PESSOAS VÃO ABRINDO O JORNAL E VÃO COMPARTILHANDO E VÃO LENDO EM VOZ ALTA E COMENTANDO COM O OUTRO.// ISSO É UMA QUESTÃO INTERESSANTÍSSIMA?// OU SEJA,/ NO MEIO DO AÇOUGUE TÁ O JORNAL,/ AÍ ALGUÉM LÊ O TÍTULO E AÍ CÊ COMPARTILHA A COISA.// ENTÃO,/ A FORMA COMO AS PESSOAS VÃO INTERPRETANDO,/ ENTENDENDO ISSO,/ É AÍ AONDE A PESSOA QUE ESTUDA COMUNICAÇÃO TEM QUE FICAR ATENTO E ESCUTANDO.// NÃO PRA FALAR,/ NOSSA ESTÁ LENDO MAL,/ NÃO É ISSO.//

DEIXA FINAL 28'35"

LOC 1: DESSA FORMA,/ O PEDRO AFIRMA QUE O NOSSO PAPEL,/ COMO COMUNICÓLOGOS,/ É ESTAR ATENTOS AO QUE ACONTECE À NOSSA VOLTA E À FORMA COMO NOSSO TRABALHO IMPACTA NA VIDA DAS PESSOAS.//

PEDRO RUSSI DUARTE

DEIXA INICIAL 28'42"

TEC ÁUDIO DE PEDRO RUSSI
DUARTE TEMPO PREVISTO:
2'25"

FALAR EM VOZ ALTA É UMA COISA QUE NOS LEVA LÁ PROCESSOS INICIAIS DE COMUNICAÇÃO.// ENTÃO,/ COMO ISTO ME PERMITE TRAZER PARA A AULA UMA DISCUSSÃO SOBRE AS TEORIAS DA COMUNICAÇÃO,/ SOBRE AS REDES,/ QUE A REDE NÃO SÃO SÓ O FACEBOOK,/ NÃO É O INSTAGRAM,/ MAS A REDE É UMA REDE NOS QUAIS ENTRA, FACEBOOK,/ O INSTAGRAM DENTRO DE UMA REDE SOCIAL,/ MAS NÃO É QUE ELE SEJA UMA REDE SOCIAL.// COMO AQUI NESSE COTIDIANO,/ NESSE MICRO SE DÁ UMA REDE ANALÍTICA.// E É INTERESSANTE VER COMO AS DEFINIÇÕES,/ MUITAS DEFINIÇÕES QUE APARECEM NO ÂMBITO DOS LIVROS,/ DAS TEORIAS,/ SE COMEÇAMOS A OUVIR,/ A GENTE ENCONTRA A SUA RELEITURA NO COTIDIANO.// E NÃO É QUE UM SEJA MELHOR E OUTRO SEJA PIOR.// QUE UM SEJA MAIS VERDADEIRO,/ NÃO.// SÃO FORMA E NÓS QUE ESTUDAMOS COMUNICAÇÃO,/ NO CASO VOCÊ QUE ESTÁ FAZENDO UM TCC,/ ESTUDANDO COMUNICAÇÃO.// PERMITE ENTENDER A COMPLEXIDADE QUE É A COMUNICAÇÃO.// POR ISSO QUE ELA É INTERESSANTE.// PORQUE ELA NÃO SE DEFINE.// E ESSA TENSÃO QUE EXISTE EM DEFINIR A COMUNICAÇÃO OU NÃO DEFINIR.// ISSO QUE FAZ INTERESSANTE A COMUNICAÇÃO.// ESSA DISCUSSÃO QUE SE FAZ SOBRE O QUE ELA É O QUE ELA É O QUE ELA NÃO É.// ELE É CAMPO,/ NÃO É CAMPO.// É ÁREA,/ NÃO,/ É DISCIPLINA.//

TEC ÁUDIO DE RAFIZA VARÃO TEMPO PREVISTO: 1'03"	PARA MIM ESSA TENSÃO É O QUE FAZ INTERESSANTE A COMUNICAÇÃO.// DEIXA FINAL 31'07" LOC 2: RECAPITULANDO TUDO QUE A GENTE APRENDEU ATÉ AQUI.// É QUE SÃO AS DISCUSSÕES SOBRE A COMUNICAÇÃO QUE NOS MANTÉM QUERENDO SABER MAIS SOBRE ELAS.// PORÉM, / COMO TUDO NA VIDA É NECESSÁRIO,/ TERMOS REGRAS E CRITÉRIOS BÁSICOS PARA NÃO FUGIRMOS DO TEMA.// <u>RAFIZA VARÃO</u> DEIXA INICIAL 15'47" A COMUNICAÇÃO PRECISA DEMARCAR SEUS ESPAÇOS E NÓS PRECISAMOS TER UMA VISÃO DO CAMPO QUE NÃO SEJA SIMPLEMENTE A HISTÓRICA.// MUITAS VEZES QUANDO A GENTE FALA DA COMUNICAÇÃO,/ NÓS CONFUNDIMOS O FENÔMENO COMUNICAÇÃO,/ COM O CAMPO DA COMUNICAÇÃO E AÍ A GENTE DIZ ASSIM,/ AH SEMPRE SE ESTUDOU COMUNICAÇÃO,/ OU ENTÃO A COMUNICAÇÃO SEMPRE FOI A MESMA COISA.// E NA VERDADE QUANDO NÓS ENTRAMOS NESSA VISÃO,/ NÉ?// QUE É UMA VISÃO MAIS EPISTEMOLÓGICA,/ MESMO,/ DO CAMPO.// NÓS ENTENDEMOS QUE NÃO.// QUE A COMUNICAÇÃO,/ COMO OBJETO DA CIÊNCIA,/ ELA SÓ SE TORNA ESSE OBJETO A PARTIR DO SÉCULO DEZENOVE.// QUANDO ESSES MEIOS DE COMUNICAÇÃO ELÉTRICOS,/ OU
---	--

ELETRÔNICOS,/ QUE SÃO OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA.// ELES SE TORNAM MAIS PRESENTES NA NOSSA VIDA.// ENTÃO ESTUDAR A ORIGEM É IMPORTANTE PORQUE,/ É A PARTIR DESSA ORIGEM QUE NÓS CONSEGUIMOS COMPREENDER SOBRE QUAL COMUNICAÇÃO ESTAMOS FALANDO.// ESTAMOS FALANDO DE TODAS.// NÃO EXATAMENTE,/ NÓS ESTAMOS FALANDO DE UM TIPO DE COMUNICAÇÃO ESPECÍFICA.//

DEIXA FINAL 16'50"

LOC 1: E AGORA A GENTE VOLTA A DISCUTIR SOBRE UM PROBLEMA PRESENTE NO DIA A DIA DOS ESTUDANTES DE COMUNICAÇÃO.//

LOC 2: QUE É O QUESTIONAMENTO SE É REALMENTE IMPORTANTE ESTUDAR TEORIAS.// E O PORQUÊ É IMPORTANTE.//

LOC 1: RAFIZA FALA PARA GENTE O QUE VOCÊ ACHA SOBRE ESSE ASSUNTO.//

RAFIZA VARÃO

DEIXA INICIAL 8'43"

AH!// EU ACHO QUE SÃO COMPLETAMENTE COMPLEMENTARES,/ NÉ?// QUANDO VOCÊ FALA DE TEORIA,/ VOCÊ NÃO ESTÁ FALANDO DE ALGO NO VAZIO.// EXISTE UMA TENDÊNCIA MUITO GRANDE DAS PESSOAS FALAREM ASSIM,/ UMA COISA É A TEORIA E OUTRA COISA É A PRÁTICA.// NO FUNDO,/ A

TEC ÁUDIO DE RAFIZA VARÃO
TEMPO PREVISTO: 0'42"

TEORIA ELA SE DÁ SOBRE A PRÁTICA.// É PORQUE A PRÁTICA EXISTE QUE NÓS PODEMOS TEORIZAR SOBRE ISSO,/ NÉ?// A GENTE PODE TEORIZAR SOBRE AS ÁREAS DA COMUNICAÇÃO.// ENTÃO,/ TEORIA E PRÁTICA NO FUNDO,/ ELAS SÃO COMPLEMENTARES.// MAS NO NOSSO PAÍS EXISTE UMA DESVALORIZAÇÃO MUITO GRANDE DA TEORIA.// COMO SE A TEORIA FOSSE UM DEVANEIO E A PRÁTICA,/ NÉ?// O TRABALHO BRAÇAL,/ POR EXEMPLO,/ FOSSE O QUE REALMENTE IMPORTASSE.//
DEIXA FINAL 9'25"

LOC 2: NÓS ESTUDANTES TEMOS QUE ENTENDER QUE TANTO A PRÁTICA QUANTO AS TEORIAS SÃO IMPORTANTES.// E PRECISAMOS AMÁ-LAS,/ ASSIM COM O PROFESSOR LUÍS MAURO.//

LUÍS MAURO SÁ

DEIXA INICIAL 5'15"

OLHA,/ AÍ EU FALO DE UM PONTO DE VISTA COMPROMETIDO.// APAIXONADO PELO NEGÓCIO,/ EU VOU DEFENDER, NÉ?// EU FAÇO PARTE DAQUELE GRUPO DE PROFESSORAS E PROFESSORES QUE A GENTE CURTE TEORIA DA COMUNICAÇÃO,/ CURTE METODOLOGIA,/ A GENTE GOSTA DISSO.// EU JÁ OUVI GENTE FALANDO,/ CÊ GOSTA? GOSTA?// CÊ GOSTA DE DA AULA DISSO?// GOSTO.// NOSSA,/ QUE PESSOA ESQUISITA?// GOSTO.// OLHA,/ EU DIRIA

TEC ÁUDIO DE LUÍS MAURO SÁ
MARTINO TEMPO PREVISTO:
2'10"

	QUE ASSIM,/ ESSA DICOTOMIA,/ QUE É UMA DAS DICOTOMIAS MAIS ANTIGAS.// REALMENTE A GENTE CHEGA QUERENDO BOTAR A MÃO NA MASSA.// A GENTE ENTRA NA FACULDADE,/ NO CURSO DE COMUNICAÇÃO,/ JÁ COMO A QUESTÃO.// A GENTE NÃO ENTRA NUM CURSO DE COMUNICAÇÃO PARA ESTUDAR COMUNICAÇÃO.// A GENTE ENTRA PRA SER PUBLICITÁRIA, PARA SER RELAÇÕES PÚBLICAS, PARA SER JORNALISTA, PARA SER RADIALISTA.// E ISSO DE NOVO É UM REFLEXO DESSA HISTÓRIA DO CAMPO.// NÓS COMEÇAMOS COMO CURSO MUITO PRÁTICO E VOLTADO PARA ESSA QUESTÃO PROFISSIONAL.// NO ÂMBITO DA GRADUAÇÃO ME PARECE QUE A GENTE PRECISA RETOMAR DE FAZER A TEORIA VOLTAR A FAZER PARTE DA NOSSA VIDA.// ENTÃO,/ A TEORIA DA COMUNICAÇÃO ELA SOZINHA COMO TODA TEORIA ELA TALVEZ SEJA COMPLICADA DA GENTE ESTUDAR,/ ENTENDER.// AGORA, NO MOMENTO EM QUE ELA ME AJUDA A ENTENDER A MINHA PROFISSÃO.// ENTÃO,/ A HORA QUE EU VOU OLHAR PRA MINHA PRÁTICA JORNALÍSTICA E ENTENDER A PARTIR DA TEORIA A OU B,/ EU COMEÇO A VER MELHOR A MINHA A MINHA ATUAÇÃO COMO JORNALISTA,/ COMEÇO A DESCONFIAR DAS MINHAS PRÓPRIAS ATUAÇÕES.// E ISSO DESMONTA,/ A IDEIA NÃO É MINHA,/ SÃO VÁRIAS PESSOAS QUE FALAM.// DESMONTA UM POUCO O AUTOMATISMO QUE A GENTE TEM DA PRÁTICA NORMAL E QUE É ESPERADO.// NO DIA A DIA A GENTE ESTÁ
--	---

TEC ÁUDIO DE PEDRO RUSSI DUARTE TEMPO PREVISTO: 2'35"	CHEIO DE COISA PRA FAZER,/ VAI LÁ E FAZ.// O ÂMBITO DO ESTUDO É UM MOMENTO DE INTERVALO.// ONDE VOCÊ DÁ UMA DESLIGADA NESSA PRIMEIRA CHAVINHA.// E AÍ VOCÊ VAI PARA A CHAVINHA DA REFLEXÃO.// POR QUE QUE EU ESTOU FAZENDO ISSO?// POR QUE QUE A COBERTURA JORNALÍSTICA X É DESSA MANEIRA?// POR QUE QUE O ANÚNCIO Y É DAQUELA MANEIRA?// O QUE ISSO ESTÁ QUERENDO FALAR CONOSCO E PARA NÓS?// DEIXA FINAL 7'25" LOC 1: DURANTE TODO ESTE EPISÓDIO A GENTE ENTENDEU QUE PRECISAMOS ESTUDAR AS TEORIAS.// MAS QUE TEM QUE SER DE UMA FORMA ATRATIVA.// OLHANDO PARA O NOSSO DIA A DIA,/ DE FORMA CURIOSA E APAIXONADA.// <u>PEDRO RUSSI DUARTE</u> DEIXA INICIAL 35'00" E EU ACHO QUE UMA DAS COISAS QUE QUE É IMPORTANTE,/ É COMO FAZ UM RESUMO QUE TEM QUE SER ESTUDADO A TEORIA ISSO SIM.// MAS SEMPRE TEM UM MAIS,/ NÉ?// NO CASO DO PORTUGUÊS,/ NO CASO DO ESPANHOL UM PERO.// A QUESTÃO QUE FAZEMOS COM ISSO.// SE ISSO SE TORNA UMA RECEITA DE COZINHA,/ E UM MODELO A SEGUIR.// O MODELITO A REPRODUZIR,/ A PARTIR DE CERTOS OU CERTAS GUARDIÕES DA MORAL QUE VAI NOS DIZER
---	--

	COMO TEMOS QUE UTILIZAR ISSO.// NOS AFASTAMOS TOTALMENTE DO QUE SÃO AS TEORIAS DO QUE É A EPISTEMOLOGIA.// SE A GENTE APRENDE,/ VAI APRENDENDO,/ VAI CONHECENDO AS TEORIA,/ A DISCUSSÃO DE EPISTEMOLOGIA QUE EU ACHO QUE TEM QUE TER,/ MAIS DE UMA FORMA PARA COMPREENDER E FAZER PERGUNTAS MAIS INTERESSANTES.// ENTÃO,/ AÍ COMEÇA A TER SENTIDO ESTE TEMA DAS TEORIAS.// PELO MENOS EU FALO DA PESQUISA QUE EU FIZ SOBRE METODOLOGIA E É COISA QUE FIZEMOS SOBRE TEORIA,/ NÉ?// NO MUNDO DAS INVESTIGAÇÕES DAS PESQUISAS SOBRE TEORIAS.// UMA DAS COISAS JUSTAMENTE É A MANUALIZAÇÃO,/ O ENGESSAMENTO DAS TEORIAS E DAS DISCUSSÕES DE EPISTEMOLOGIA.// ENTÃO ATÉ A DISCIPLINA,/ QUE PODE SER A DISCIPLINA COM O NOME MAIS BONITO,/ SE EU ENGESSO ELA,/ TORNO ELA ABSOLUTA.// DEIXA DE SER INTERESSANTE.// ENTÃO,/ EU ESTOU DE ACORDO QUE TENHA TEORIA,/ A EPISTEMOLOGIA.// CLARO.// TEORIA UM,/ EPISTEMOLOGIA UM,/ CATORZE,/ DAÍ O QUE QUISER.// MAS SEMPRE QUANDO SEJA UMA PROPOSTA QUE PERMITA AO ESTUDANTE CONSTRUIR PERGUNTAS DISTINTA.// OU SEJA PERGUNTAS INTERESSANTES.// QUANDO O SUJEITO SE COLOCA EM QUESTÃO.// TEM UMA FRASE DE RAMONA HALLEY,/ QUE FALA.// NÃO EXISTEM PERGUNTAS ESGOTADAS.// SE NÃO PESSOAS ESGOTADAS NAS PERGUNTAS.// É ISSO,/ NÉ?// OU SEJA NÃO TEM
--	---

TEC TRILHA EXPLODE VAI A BG SLOGAN DO PROGRAMA EXPLODE. DISSOLVE	PERGUNTAS ESGOTADA.// TEM PESSOAS ESGOTADAS NA PERGUNTA.// DEIXA FINAL 37'35" LOC 2: O QUE NÓS,/ COMO ESTUDANTES E PESQUISADORES DA ÁREA DA COMUNICAÇÃO,/ NUNCA NOS DEIXE FALTAR AS PERGUNTAS.// LOC 1: E É ASSIM QUE A GENTE ACABA MAIS UM EPISÓDIO DO TEÓRICAS.// ALMEJANDO POR MAIS DÚVIDAS.// LOC 1: O PODCAST TEÓRICAS É PRODUZIDO POR MIM,/ RAYANNE ELISÃ.// E ELE FAZ PARTE DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL.// FOI ORIENTADO PELO PROFESSOR RODRIGO BARBOSA E PELA PROFESSORA SHEILA BORGES,/ DO NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO,/ DO CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE,/ O C-A-A.,/ O CAMPUS DA U-F-P-E,/ LOCALIZADO EM CARUARU,/ CIDADE DA REGIÃO AGRESTE DE PERNAMBUCO.// LOC 2: ESTE PODCAST FOI NARRADO POR MIM,/ CARLA NOGUEIRA.// NARRADO,/ EDITADO E PRODUZIDO POR RAYANNE ELISÃ.// E TAMBÉM CONTAMOS COM A VOZ DE ELAINE DIAS.//
--	---

TEC ÁUDIO DE PEDRO RUSSI DUARTE TEMPO PREVISTO: 0'58"	LOC 1: NO PRÓXIMO EPISÓDIO, / NÓS VAMOS FALAR SOBRE O PAPEL DAS MULHERES NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO.// LOC 2: ESCUTA UM TRECHINHO DO PRÓXIMO EPISÓDIO,/ ONDE O PROFESSOR PEDRO RUSSI FALA SOBRE O EFEITO MATILDA.// <u>PEDRO RUSSI DUARTE</u> DEIXA INICIAL 2'09" PORQUE É MAIS FÁCIL COLOCAR A MULHER NO ÂMBITO DA LITERATURA.// NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO.// E VOCÊ VAI TER,/ VAI TER A ANA MONTESSORI,/ VAI TER VÁRIAS PESSOAS DENTRO DA LITERATURA.// PESSOAS QUE ESTAVAM PENSANDO QUE COM A LITERATURA TAMBÉM DISCUTIAM A COMUNICAÇÃO.// MAS POR AÍ.// E ESSA ÁREA DE DEFINIÇÕES MAIS DURA,/ DOS CLÁSSICOS,/ APARECE A OUTRA FIGURA,/ A MASCULINA.// MAS NÃO É PORQUE AS MULHER NÃO PENSAVA.// ACONTECE AÍ O EFEITO MATEO E O EFEITO MATILDA.// O EFEITO MATEO,/ É AQUELE QUE TEM MAIS E MAIS TERÁ.// E O EFEITO MATILDA QUE É O EFEITO DAS MULHERES QUE TIVERAM A PRODUÇÃO SOBRE UM SABER MAS FICARAM ESCONDIDOS ATRÁS DE UM HOMEM.// DEIXA FINAL 3'07"
---	---

TEC: VINHETA DO ENCERRAMENTO TEÓRICAS,/ UM PODCAST SOBRE AS RAÍZES DA COMUNICAÇÃO.//	LOC 1: E VOCÊ É NOSSA CONVIDADA,/ PARA JUNTAS DEBATERMOS SOBRE A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO.// LOC 2: PARA CONTINUAR EM CONTATO COM A GENTE,/ TIRAR DÚVIDAS OU SUGESTÕES,/ VOCÊ PODE ENVIAR UMA MENSAGEM PARA A GENTE PELO NOSSO INSTAGRAM,/ ARROBA TEÓRICAS PODCAST,/ TUDO JUNTO E MINÚSCULO.// E NOS SEGUIR NO SPOTIFY.// ATÉ A PRÓXIMA.//
---	---

6.7 DIVULGAÇÃO

Após todo o processo de produção, gravação e edição do podcast, ele precisava ser divulgado em uma plataforma que conseguisse alcançar o maior número de ouvintes. Por esse motivo o Spotify que é uma plataforma de streaming de músicas online, que também possui um catálogo de podcast para seus usuários e é considerado o aplicativo de streaming de música mais popular, por está disponível em versão web e para Windows, Mac OS, Android, BlackBerry, iOS, Windows Phone e Linux - Ubuntu²⁵, foi escolhido para hospedar o “Teóricas.

E como nós vivemos em uma sociedade midiaticizada, onde as redes sociais tem muita força, também sentimos a necessidade de escolher o Instagram para fazermos a divulgação das entrevistas e dos episódios. Pois a rede social a que os brasileiros mais passaram tempo em 2022, ultrapassando o WhatsApp, em pesquisa divulgada em dezembro de 2022 pela Meta, empresa responsável pelo Instagram²⁶. Ainda de acordo com a pesquisa realizada pela Mobile Time em parceria com Opinion Box, no Brasil, são aproximadamente 99 milhões²⁷ de pessoas que usam o aplicativo todos os dias e por ser o aplicativo mais usado pelos jovens, ele foi escolhido para a divulgação dos podcasts. Abaixo veremos o print da página do Spotify e do Instagram do Projeto Teóricas, imagens do dia 24 de abril de 2023.

²⁵ Trecho do artigo de opinião sobre a plataforma de streaming. Spotify: o serviço de streaming de música mais popular. TechTudo. Opiniões. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/spotify/>>. Acessado no dia 15 de abril de 2023.

²⁶ Trecho da pesquisa realizada pela Mobile Time em parceria com Opinion Box, em 2022, citado na reportagem de MEROTTO, Letícia. Instagram bate WhatsApp e é o app em que brasileiros passam mais tempo. TechTudo, 21 de Dezembro de 2022. Redes Sociais. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2022/12/instagram-bate-whatsapp-e-e-o-app-em-que-brasileiros-passam-mais-tempo.ghml>>. Acessado no dia 15 de abril de 2023.

²⁷ Dados da pesquisa realizada pela Mobile Time em parceria com Opinion Box, em 2022, citado no artigo de D'ANGELO, Pedro. Pesquisa sobre o Instagram no Brasil: dados de comportamento dos usuários, hábitos e preferências no uso do Instagram. Blog. Disponível em: <<https://blog.opinionbox.com/pesquisa-instagram/>>. Acessado no dia 16 de abril de 2023.



Imagem da publicação no Sotify, no dia 24 de abril de 2023

Link para o canal no Spotify: <https://open.spotify.com/show/6wTmBv2nv0nzFgAZQRX2nn>

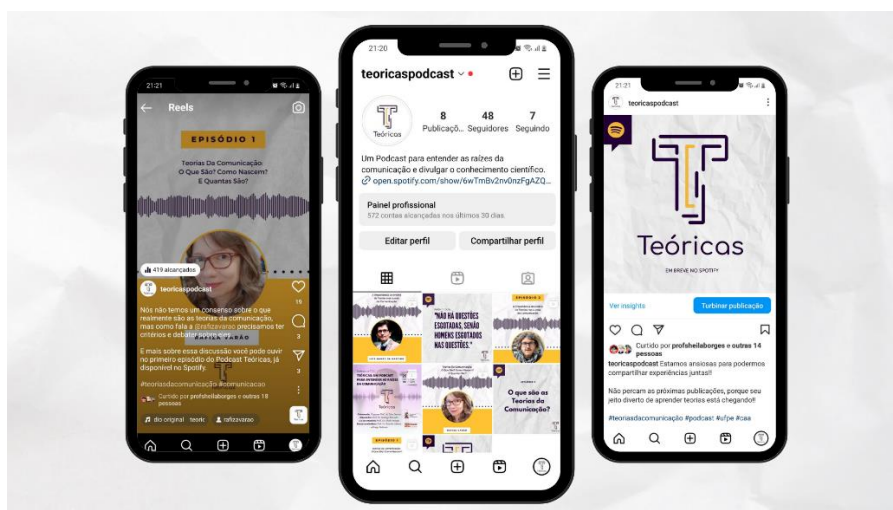


Imagem das publicações no Instagram, no dia 24 de abril de 2023

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O maior desafio em ensinar Teorias da Comunicação é torná-las atrativas para que os alunos possam se interessar pelo tema, mesmo que não exista um consenso sobre o que são Teorias da Comunicação e, como disse o professor Luís Mauro Sá (2011b), também, não sabemos em muitos momentos “qual ‘teoria da comunicação’ está sendo levada para as salas de aula? [...] quais são os conteúdos lecionados na disciplina ‘Teoria (ou ‘Teorias’) da Comunicação?’” (MARTINO, 2011b, p. 1). Nesse sentido, é necessário mostrar que as teorias não são “banalidades desnecessárias e que elas não estão distantes do concreto da prática ‘do mercado jornalístico e publicitário’” (RUSSI-DUARTE, 2010, p.2).

As teorias estão vivas e em nosso dia a dia, como diz em uma música que ouvimos, naquela série que você assistiu no final de semana, até mesmo na sua conversa do Whatsapp. O que precisamos fazer como aluno de comunicação é nos interessar e buscar, cada vez mais, nos questionar sobre o que é ensinado nas salas de aula e ir mais afundo, não ficar apenas naquilo que aprendemos durante o período de uma disciplina. Foi pensando em criar uma forma atrativa de ampliar os conhecimentos dos alunos de comunicação sobre as teorias de comunicação que surge o podcast “Teóricas”.

O objetivo deste TCC foi, desde o início, ser uma ferramenta de divulgação científica com o intuito de propagar os estudos das teorias da comunicação para servir de apoio didático a estudantes e professores de cursos da área. Percebendo a carência de uma forma de ensino que se conecte com o estudante e que possa ser usado como ferramenta para ajudar professores e alunos a debaterem sobre epistemologia, surgiu a ideia de criar o podcast, apresentado nesta pesquisa. Ele permite chegar a um grande número de pessoas de forma fácil e atrativa aos jovens.

A execução do projeto não foi tão simples. No processo de produção do podcast, foram feitas entrevistas e, durante a etapa de decupagens, a forma como os dois primeiros programas seriam apresentados precisou ser mudada por completo para se adequar às falas dos professores e pesquisadores de epistemologia. Assim, criamos uma narrativa coesa.

Mesmo com todos os contratempos, o trabalho foi ganhando forma e me motivou a querer, cada vez mais, pesquisar sobre o assunto. Por esse motivo,

este trabalho não acaba aqui, ele é apenas um primeiro degrau para que outros alunos do curso de comunicação social da UFPE, e de outras universidades, possam se interessar pelo assunto e sugerir novos temas, entrevistas ou até mesmo desenvolver projetos parecidos em suas universidades.

Como foi dito no início deste trabalho, o propósito deste projeto é ajudar estudantes da área de comunicação a compreender a formação do campo comunicacional e as suas teorias. Então, se, por meio do produto deste trabalho, ao menos um estudante conseguir entender o contexto no qual foi criado a área da comunicação e os impactos das primeiras pesquisas nos dias atuais, o trabalho conseguiu atingir o seu êxito.

Para mim, o mais importante sempre foi conseguir aprender mais sobre as teorias, um assunto que me encantou desde o primeiro dia da graduação, e mostrar aos outros estudantes a importância do aprendizado dos estudos teóricos. Durante todo o processo de execução do trabalho, eu aprendi muito sobre as histórias por trás das teorias bases, o porquê daquelas teorias terem se tornado famosas e, também, aprendi muito sobre a importância do ensino de teorias.

O ensino de teorias não pode ser apenas em uma tentativa de simplificar as pesquisas ou torná-las mais “fáceis”, mas explica-las de forma exemplificada e em uma linguagem acessível. Como disse o professor Luís Mauro Sá, durante entrevista ao “Teóricas”, o maior desafio no ensino de Teorias da Comunicação é torná-las divertidas. Segundo ele, a gente aprende melhor uma coisa que, para nós, é divertida.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Mariana. Audiência de podcasts no Brasil registra aumento de 33% em ano de pandemia. **O Globo**, 21 de janeiro de 2021. Capital. Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/capital/post/audiencia-de-podcast-cresce-33-em-ano-de-pandemia.html#:~:text=No%20ano%20marcado%20pela%20pandemia,eram%2021%20milh%C3%B5es%20de%20ouvintes.>>>. Acesso no dia 09 de abril de 2021.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. Trad. Maria Carmleita Pádua Dias. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

CARVALHO, Rafiza Luziani Varão Ribeiro. **Harold Lasswell e o campo da comunicação**. 2012. 244 f., il. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

CONCEIÇÃO, Júlio César Rocha. **Martino e Rüdiger: Epistemologia, Comunicação e Trajetórias**. In: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 44 Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2021, Recife. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt8-tc/julio-cesar-rocha-conceicao.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2022.

COSTA, R. M. et al. **Teoria da Comunicação na América Latina**. Curitiba: Ed. UFPR, 2006.

DUARTE, Pedro Russi. **Por que ensinar Teoria (da comunicação)?**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, INTERCOM, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXXIII, 2010, Caxias do Sul. Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação.

D'ANGELO, Pedro. **Pesquisa sobre o Instagram no Brasil: dados de comportamento dos usuários, hábitos e preferências no uso do Instagram**. Blog. Disponível em: <<https://blog.opinionbox.com/pesquisa-instagram/>>. Acessado no dia 16 de abril de 2023.

GOBBI, M. C., Santos, A. J. da S., Rosa, B. N., Komono, E. S. M., & Nascimento, M. dos S. **O ensino de "Teorias da Comunicação" no Nordeste do Brasil: subsídios para refletir sobre a produção teórico-comunicativa Latino-americana**. Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática, da Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, v. 15, n. 30, p. 261-279, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.5902/2175497722966>>. Acesso em: 18 out. 2022.

GOBBI, M. C. ; CARARETO, M. ; DARCIE, M. P. ; GONZALES, N. S. **Um estudo sobre os conteúdos ensinados na disciplina de Teorias da Comunicação em cursos superiores de universidades privadas de São Paulo (Brasil).** QUESTÕES TRANSVERSAIS - REVISTA DE EPISTEMOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO, v. 5, p. 107-115, julho/dezembro 2017.

GROHMANN, Rafael. **Lip Sync For Your Theory: dublagem como dispositivo educacional no ensino de Teorias da Comunicação.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41., 2018, Joinville. Anais [...]. Joinville: 2018. Acesso em: 18 out. 2022. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1260-1.pdf>>.

GROHMANN, Rafael. **Duble uma teoria: a dublagem como dispositivo educacional no ensino de teorias da comunicação.** Comunicação & Educação, Explorações teórico-educacionais e o ensino de jornalismo, moda, arte e saúde, Revista da USP, São Paulo, v. 26, n. 1 p. 80-93, jan/jun 2021. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comeduc/article/view/161203/173992>>. Acessado em: 17 out. 2022.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e Mídias Sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

MARTINO, Luiz Claudio. **“Cepticismo e Intelligibilidade do Saber Comunicacional”.** In: Galáxia, Revista do PPG PUC-SP Em Comunicação e Semiótica, São Paulo, v. 5, p. 53-67, 2003a.

MARTINO, Luiz Claudio. **As epistemologias contemporâneas e o lugar da comunicação.** 2003b.

MARTINO, Luiz Claudio. **Abordagens e representação do campo comunicacional. Comunicação, Mídia e Consumo.** São Paulo, v. 3, n. 8, p.33-54, nov. 2006a. Acesso em: 20 ago. 2022. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/79/80>>.

MARTINO, Luiz Claudio. **Teorias da Comunicação: O Estado da Arte no Universo de Língua Espanhola.** In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom 2006b, Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/134936595312951496541739505328253523339.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2022.

MARTINO, Luiz Claudio (org.). **Teorias da Comunicação: muitas ou poucas?** Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **“A ilusão teórica no campo da comunicação”.** Revista Famecos, n. 38, junho-agosto de 2008, p. 111-117.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **O que foi teoria da comunicação? Um estudo da bibliografia entre 1967-1986.** Revista Comunicação Midiática Bauru, SP, v. 6,

n. 1, p. 118–133, 2011a. Acesso em: 19 out. 2022. Disponível em: <<https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/344>>.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **A disciplina interdisciplinar: uma análise de 31 programas universitários de ensino de Teoria da Comunicação.** In: XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, Intercom 2011b. Acesso em: 21 set. 2022. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-0458-1.pdf>>.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **A disciplina interdisciplinar: ambivalências epistemológicas no ensino de Teoria(s) da Comunicação.** Logos 37, A Cientificidade da Comunicação: Epistemologias, Teorias e Políticas, Rio de Janeiro - RJ, v.19, n. 02, p. 17-28, 2º semestre 2012. Acesso em: 17 out. 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/logos.2012.4519>>.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **A disciplinarização da epistemologia no ensino da(s) teoria(s) da comunicação.** Intexto, Porto Alegre, RS, n. 29, p. 5-22, dez. 2013. ISSN 1807-8583. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/40193>>. Acesso em: 04 jul. 2021.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Esboço de um Panorama das Teorias da Comunicação no Brasil: Uma aula inaugural.** Revista eletrônica do Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP, n. 42, p. 04–17, jul. / dez. 2018a. ISSN 2525-3166 ANO XXI. Disponível em: <<https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/998>>. Acesso em: 20 set. 2022.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Dos “Fundamentos Científicos” à “Teoria da Comunicação”: uma controvérsia epistemológica nas origens da Área.** Comunicação & Informação, Goiânia, Goiás, v. 21, n. 3, p. 107–122, 2018b. DOI: 10.5216/ci.v21i3.50137. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/50137>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Genealogia dos Conceitos na Teoria da Comunicação: esboço de um panorama.** Revista Alaic, v. 15, no. 1, 2018c, p. 24-35. Disponível em: <<http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/468>>. Acesso em: 11 de outubro de 2022.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; MARTINO, Luis Mauro Sá. **A Comunicação, o comum e a alteridade: Para uma epistemologia da experiência estética.** LOGOS 43 Dossiê: Cotidiano e Experiência, Rio de Janeiro, Vol.22, Nº 02, p.33-54, 2º semestre 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/logos.2015.19600>>. Acesso em: 17 de julho de 2021.

MAZZEU, Fábio. Qual é a duração ideal do podcast?. **Feedgurus**, Rio de Janeiro, 15 de setembro de 2022. Dados e performance, Podcast. Disponível em: <<https://feedgurus.com/duracao-ideal-de->

[podcast/#:~:text=Em%202019%20ele%20foi%20atualizado,%2C%2040%20minutos%2C%20ou%201h30.>.](#) Acesso em: 31 de outubro de 2022.

MEDEIROS, Macello Santos de. **Podcasting: Um Antípoda Radiofônico. Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Universidade de Brasília, 6 a 9 de setembro de 2006.

MEROTTO, Letícia. Instagram bate WhatsApp e é o app em que brasileiros passam mais tempo. **TechTudo**, 21 de Dezembro de 2012. Redes Sociais. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2022/12/instagram-bate-whatsapp-e-e-o-app-em-que-brasileiros-passam-mais-tempo.ghtml>>. Acessado no dia 15 de abril de 2023.

MIÈGE, Bernard (2000). **O pensamento comunicacional** (trad. Guilherme J. F. Teixeira). Petrópolis: Vozes.

PRADO, Magaly. **Produção de Rádio: um manual prático**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

PRATA, Nair. **Panorama da webradio no Brasil**. Anais do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Manaus, de 4 a 9 de setembro de 2013.

ROVAROTO, Isabela. Brasil é o 3º país que mais consome podcast no mundo. **Exame**, 21 de março de 2022. POP. Disponível em: <https://exame.com/pop/brasil-e-o-3o-pais-que-mais-consume-podcast-no-mundo/>. Acessado no dia 29 de outubro de 2022.

SANTAELLA, L. **Comunicação e Pesquisa**. São Paulo: Hacker, 2001.

SPOTIFY: o serviço de streaming de música mais popular. **TechTudo**. Opiniões. Disponível em: < <https://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/spotify/>>. Acessado no dia 15 de abril de 2023.

VARÃO, Rafiza. **Notas sobre o mito dos quatro fundadores do campo comunicacional: coisas que ninguém nunca viu antes e pensamentos que ninguém teve**. *Líbero*, São Paulo, v. 13, n. 25, p. 77-86, jun. 2010.

VIANA, Luana. **O Uso do Storytelling no Radiojornalismo Narrativo: Um Debate Inicial para Podcasting**. Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Universidade Federal do Pará, 2 a 7 de setembro de 2019.

VIANA, Luana. **Estudos sobre podcast: um panorama do estado da arte em pesquisas brasileiras de rádio e mídia sonora**. *Contracampo*, Niterói, v. 39, n. 3, p. XXX-YYY, dez./mar. 2020.

VICENTE, Eduardo. Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio. In: SOARES, Rosana de Lima; SILVA, Gislene (org.). **Emergências Periféricas em Práticas Midiáticas**. São Paulo: Rede de Pesquisa em Cultura Midiática – Metacrítica (USP, PUC Minas e UFSC), 2018. p. 88-107. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/9788572052054>>. Acesso em: 11 jul. 2021.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. Trad. Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

RAYANNE ELISÃ DA SILVA SANTOS

**TEÓRICAS: UM PODCAST PARA ENTENDER AS RAÍZES DA
COMUNICAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à coordenação do Curso
de Comunicação Social do Campus
Agreste da Universidade Federal de
Pernambuco - UFPE, como requisito
parcial para a obtenção do título de
bacharel em Comunicação Social.

Aprovada em: 25/04/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rodrigo Miranda Barbosa
(Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Sheila Borges de Oliveira
(Co-orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Ricardo Augusto de Saboia Feitosa
(Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Diego Barbosa – Gerente de Jornalismo da TV Jornal Interior
(Examinador Externo)